



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Instituto de Geociências

JULIANA MADDALENA TRIFILIO DIAS

**LUGAR GEOPSÍQUICO: CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE PARA UMA
EPISTEMOLOGIA DA GEOGRAFIA**

CAMPINAS
2019

JULIANA MADDALENA TRIFILIO DIAS

**LUGAR GEOPSÍQUICO: CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE PARA UMA
EPISTEMOLOGIA DA GEOGRAFIA**

TESE APRESENTADA AO INSTITUTO DE
GEOCIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL
DE CAMPINAS PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE
DOCTORA EM GEOGRAFIA NA ÁREA DE
ANÁLISE AMBIENTAL E DINÂMICA TERRITORIAL

ORIENTADOR: PROF. DRº. EDUARDO JOSÉ MARANDOLA JÚNIOR

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO
FINAL DA TESE DEFENDIDA PELA ALUNA
JULIANA MADDALENA TRIFILIO DIAS E
ORIENTADA PELO PROF. DRº. EDUARDO JOSÉ
MARANDOLA JÚNIOR

CAMPINAS

2019

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CAPES, 88882.180271/2018-01

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8941-903X>

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Geociências
Marta dos Santos - CRB 8/5892

D543L Dias, Juliana Maddalena Trifilio, 1982-
Lugar geopsíquico : contribuições da psicanálise para uma epistemologia da geografia / Juliana Maddalena Trifilio Dias. – Campinas, SP : [s.n.], 2019.

Orientador: Eduardo José Marandola Júnior.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências.

1. Lugar geopsíquico. 2. Inconsciente. 3. Realidade psíquica. 4. Topologia. 5. Geografia Humanista. I. Marandola Junior, Eduardo, 1980-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Geociências. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Geopsychic place : psychoanalytic contributions for an epistemology of geography

Palavras-chave em inglês:

Geopsychic place

Unconscious

Psychic reality

Topology

Humanist geography

Área de concentração: Análise Ambiental e Dinâmica Territorial

Titulação: Doutora em Geografia

Banca examinadora:

Eduardo José Marandola Júnior [Orientador]

Carolina Machado Rocha Busch Pereira

Lívia de Oliveira

Rafael Straforini

João José Rodrigues Lima de Almeida

Data de defesa: 18-02-2019

Programa de Pós-Graduação: Geografia



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS**

AUTORA: Juliana Maddalena Trifilio Dias

**LUGAR GEOPSÍQUICO: CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE PARA UMA
EPISTEMOLOGIA DA GEOGRAFIA**

ORIENTADOR: Prof. Dr. Eduardo José Marandola Junior

Aprovado em: 18 / 02 / 2019

EXAMINADORES:

Prof. Dr. Eduardo José Marandola Junior - Presidente

Profa. Dra. Livia de Oliveira

Profa. Dra. Carolina Machado Rocha Busch Pereira

Prof. Dr. Rafael Straforini

Prof. Dr. João José Rodrigues Lima de Almeida

**A Ata de defesa com as respectivas assinaturas dos membros, encontra-se
disponível no SIGA - Sistema de Fluxo de Tese e na Secretaria de Pós-
graduação do IG.**

Campinas, 18 de fevereiro de 2019.

*Para-ti Sofia,
sempre e a cada vez.*

AGRADECIMENTOS

Esta tese foi vivida entre muitos sonhos, sintomas, atos falhos e chistes. Foi saboreada em muitas mesas, entre cafés, partilhas e sabores. Foi intensa entre muito choro, risadas, abraços e mãos que se tocaram. Foi construída entre muitas sessões de análise, encontros de orientação, interlocução com as amigas, conversas biográficas e orações. Foi deslocada entre viagens, hotéis, entre referências e referenciais. Senti muito medo, tive muitas alegrias e nunca estive sozinha. Ainda que o caminho tenha sido solitário, nunca estive só nesta caminhada. Então, quero agradecer às pessoas, aos grupos e instituições que em cada passo e cada qual ao seu modo, se tornaram presença neste doutoramento.

Nos momentos mais íntimos e silenciosos quando o medo e a dúvida imperavam, pude encontrar e sentir em **Deus**, seus modos de me encorajar, de me acalantar e de me mostrar que era possível.

Com a Tese pronta, talvez fique minimizado o impacto de acreditar que ela seria possível. Mas neste percurso, muitas vezes foi difícil enxergar e sentir isto. Mesmo sem duvidar que ela aconteceria. Ao rever as escolhas que de algum modo pude fazer, encontro fios muito anteriores a este momento. Às vezes é comum a ideia de que o doutoramento seja realizado em quatro anos. Sim, formalmente existe este prazo e referência temporal. Mas quando identifico que diante de tantas possibilidades de estudos psicanalíticos me encanto pela palavra e por uma geometria flexível, também vejo a presença e as marcas de **meu pai Messias e minha mãe Concetta**. Com seus testemunhos através de seus modos de serem professores de Matemática e Língua Portuguesa, fui constituindo há muito tempo o gosto por me voltar para os números, palavras e letras. Agradeço-lhes por estes traços que marcam meu modo de ser geógrafa.

Nesta família também tenho o privilégio de ser irmã da **Isabela** que brilhantemente tem construído e vivido seu caminho de docente-pesquisadora. Como foi bom ter podido dialogar com alguém de outro campo científico e na condição de irmã. Seu encantamento, generosidade e seriedade com o universo da pesquisa estão para além de publicações A1 e sempre se apresentam como um convite para que outras pessoas se movam em direção à pesquisa.

Sua generosidade também pôde ser sentida em cada momento que pude estar com sua filha Luisa. Ah...**Luisa!** Minha afilhada nasceu próxima ao importante momento da Qualificação e me trouxe em cada sorriso, cada brincadeira e cada cheiro, um mundo transbordando amor. Ela me conduziu à serenidade em momentos que, como doutoranda, parecia não saber que ainda existiam.

Aliás, a presença das crianças sempre me trouxe um respiro no intenso cronograma da pesquisa. **Maria, Manuella e Antônio** são meus pequenos amigos que ocupam um lugar enorme no meu coração. As brincadeiras, sessões de cinema e noites do pijama me permitiam viver aqueles instantes somente para eles. Ao mesmo tempo, era o que me deixava serenamente forte para voltar à Tese.

Talvez quem mais tenha sentido de perto a oscilação da intensidade entre tantos sentimentos, seja meu marido **Bruno**. Mas não somente por isto. Antes do projeto desse doutorado ele já havia me dito sim. Ele esteve presente em cada guinada nesta pesquisa, pôde me acolher diante de cada medo, me acompanhou, me deixou quieta diante de tanto barulho interno, me aplaudiu em cada avanço e ponderou comigo cada recuo necessário. Bruno foi o parceiro nessa grande viagem do doutoramento. Ele esteve ao meu lado como interlocutor e admirador da pesquisa, pude através de seus olhos e tom de voz me guiar por entre tantas ideias e sentimentos. Agradeço por colocar meus pés no chão e sempre me levar para voar com o amor.

Tenho dito sobre as guinadas na pesquisa e na segunda metade do caminho vivi a mais intensa delas ao me encontrar na psicanálise. Não há como relembrar aquele momento sem me lembrar e ser grata à **Ilka**. Entre tantas caminhadas e conversas, ela foi uma das primeiras a me dizer que há um tempo já falava sobre a psicanálise sem saber. Ilka foi persistente em me estimular a ir ao encontro daquilo que me parecia desconhecido. Ela foi paciente ao meu tempo, inclusive quando eu ria e inúmeras vezes tentava negar tudo isto. Agradeço, especialmente, pelo convite para participar de um grupo de estudos sobre Freud. Algo que me permitiu encontrar teoricamente com aquilo que me encantava.

Se com a Ilka foram muitas caminhadas, com **Rosinha** foram muitos cafés. Ela prontamente disse sim à pesquisa e nossos cafés eram pretextos para nos encontrarmos para falar de nossas vidas, sobre escola e sobre a pesquisa. Eram momentos que misturavam a seriedade do trabalho com a satisfação de simplesmente comer um pão na chapa. Eram cafés que me lembravam e me

levavam para uma vida repleta de cotidiano, algo que durante o doutoramento vamos nos esquecendo.

Os cafés, almoços e lanches marcaram o percurso e sempre me trouxeram alimentos para além daqueles que podia encontrar sobre as mesas. Com **Yara** foram especiais. Minha grande amiga e interlocutora ouviu com atenção e respeito sobre cada passo dessa caminhada. Conseguíamos rir, e muito, de cada ideia, sonho e imprevistos. Suas narrativas me inspiravam e seu sorriso me acolhia, seu silêncio me inquietava e em cada abraço nos reencontrávamos. Yara me escuta falar sobre lugar desde o Mestrado e foi muito importante quando vi que ela havia compreendido as relações que estava tecendo entre lugar e psicanálise. Sua compreensão me sinalizava que havia um fio que conduzia esta busca pela compreensão do lugar há muito tempo. Foi como se ela tivesse testemunhado como me via na pesquisa e como a pesquisa foi me tomando na vida.

Além da presença forte das pessoas individualmente, pertencer a alguns grupos foi definidor durante estes anos. Ser membro do **GHUM** – Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural é uma grande realização. A cada ano, meus colegas pesquisadores puderam acompanhar os rumos que a pesquisa foi tomando da memória à psicanálise e sempre com o horizonte humanista. Agradeço cada membro do grupo pelas contribuições, estranhamentos e sempre aos encontros de interlocução. Este grupo e a pesquisa que cada um realiza, nos mostram a força da Geografia Humanista no Brasil.

Com este horizonte, também ingressei no grupo **NOMEAR** – Grupo de Pesquisa Fenomenologia e Geografia. Neste grupo vivi os maiores desafios para me aproximar do universo da fenomenologia e senti muita admiração ao ouvir cada colega contribuindo nas discussões dos textos. Pude estar com pesquisadores que estão intimamente ligados à fenomenologia e vê-la efetivamente como base epistemológica da Geografia. Agradeço pelas horas intensas de reuniões que me colocavam em movimento, pelas conversas, pelo acolhimento e por me apresentarem um universo filosófico tão denso.

Sentia nitidamente que estes grupos eram espaços de interlocução, mas estar em Juiz de Fora como professora de uma faculdade de Educação me fez manter a luz da discussão sobre o ensino de geografia brilhando ao longo do doutoramento. Então, nasceu o grupo **GhEnTE** – Geografia Humanista-Ensino-Teoria-Experiência. Coordenar e pertencer a este grupo me possibilitou romper com

o silêncio que compõe um caminho de doutoramento. Estar entre estudantes e professores de geografia me manteve em movimento e pude ir experimentando o deslocamento teórico se tornando realidade em cada reunião. Agradeço a cada membro pela responsabilidade com o grupo, pela generosidade em partilhar lanches e narrativas, por fortalecerem meu encantamento pela temática do lugar, pelas memórias compartilhadas e por colocarem a discussão sobre ensino e Juiz de Fora no mapa da Geografia Humanista.

Para além dos grupos, também preciso agradecer algumas instituições. Agradeço aos meus colegas de departamento, **da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora**, pelo empenho e incentivo para que pudesse ingressar e cursar este doutoramento. Agradeço também à **Unicamp e ao Programa de Pós-Graduação em Geografia** por oferecerem à sociedade oportunidade e condição de realização de pesquisas em suas pluralidades e especificidades. Fui bolsista **Capes** e isto me possibilitou os deslocamentos, hospedagem e investimento em recursos didáticos para o desenvolvimento da pesquisa. Destaco que, o presente trabalho foi realizado com apoio **da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES)** - Código de Financiamento 001.

Agradeço aos membros da banca, **Lívia de Oliveira, Carolina Machado Rocha Busch Pereira, Rafael Straforini, João José Rodrigues Lima de Almeida, Constança Marcondes Cesar, Wenceslao Machado de Oliveira Junior e Werther Holzer**, por aceitarem participar dessa caminhada, pela leitura, pelo diálogo e pelas contribuições.

Nesta pesquisa os referenciais não foram aleatórios. Sem a ousadia, a coragem e o movimento do pensamento de **Yi-Fu Tuan, David Lowenthal, John K. Wright, Eric Dardel, Sigmund Freud e Jacques Lacan**, não teria me encontrado entre os campos da Geografia e Psicanálise. Especialmente sobre Tuan, preciso agradecer à três professoras. Afinal, se estou demarcando a presença das referências neste caminho que avança por trilhas já construídas, nada mais justo do que nomeá-las. Então, agradeço à Dr^a **Lívia de Oliveira** que trouxe a produção de Yi-Fu Tuan para o Brasil e nos permitiu conhecer este geógrafo. Agradeço professora e historiadora Dr^a **Sonia Regina Miranda**, que no Mestrado, me reapresentou, enfaticamente, as obras de Tuan traduzidas para o português. E agradeço à Dr^a **Letícia Carolina Teixeira Pádua** por ter lido toda a obra de Tuan e

produzido a tese “Geografia de Yi-Fu Tuan: Essências e Persistências” (2013). A tese nos permite ter contato com a obra de Tuan mediada pelas leituras de Letícia Pádua e que sigamos diferentes caminhos a partir das marcas que nos deixa.

Meu agradecimento a cada um dos autores está sob a forma de respeito, admiração e leitura. Do mesmo modo agradeço a todas as pessoas que se tornam **sujeitos da pesquisa**. Suas narrativas foram me colocando em movimento e foram mantendo meu encantamento pela escuta sobre a experiência humana de lugar. Cada passo está diretamente ligado ao que pude ouvir nas conversas biográficas. Os sorrisos, choros, silêncios, pausas e gestos de cada pessoa foram construindo esta pesquisa.

Esta Tese foi vivida e construída em Limeira-SP, Juiz de Fora-MG e entre as duas cidades. Então preciso tecer alguns agradecimentos ligados a idas e vindas.

Em Juiz de Fora tive a oportunidade de integrar dois grupos de estudos psicanalíticos, um sobre Freud e outro sobre Lacan e ambos coordenados pelos psicanalista **Luiz Romão**. Agradeço ao Romão por acolher uma geógrafa em seus grupos de estudos. E destaco sua empolgação e um encantamento pela psicanálise que se refletem em sua seriedade e compromisso com o trabalho analítico. Não tenho a menor dúvida em afirmar que o modo como fui me aproximando e lendo Freud e Lacan está diretamente ligado e atravessado por estes dois grupos e à condução de Romão.

Pertencer aqueles grupos foi encontrar lugares para uma reflexão teórica sobre algo que já admirava. Mas em outro lugar pude sentir a psicanálise em cada corte lacaniano. Não há a menor possibilidade de falar sobre esta Tese sem me referir à psicanalista **Sofia de Oliveira Fernandes**. Que sorte a minha tê-la encontrado para ocupar o lugar de grande Outro! Sofia com uma escuta sensível, com modos e tons surpreendentes em suas intervenções, com um consultório que se torna lugar onde a palavra circula, grifa e é grifada, com seu comprometimento com a psicanálise e no modo como conduz o trabalho analítico, pôde me receber, me ouvir e me acompanhar em cada sessão. O desvelar da psicanálise em minha vida e para esta Tese aconteceu no trabalho analítico sob sua condução. Entre cortes, intervalos, manejos da transferência e sempre a cada vez, este trabalho, no sentindo mais amplo e mais íntimo, foi possível. Pude encontrar lugar, escuta, interlocução e uma leitura rica em cuidado e respeito. As marcas das intervenções de Sofia estão em mim e se tornaram referências nesta caminhada.

Mas neste doutoramento inúmeras vezes também falei de Limeira. Conheci Limeira durante o processo seletivo e a reconheço como lugar. Foi sempre bom ir e estar lá, e algumas pessoas me acolheram de tal modo que parecia fácil estar naquela cidade. **Estela** e **Yves** com suas equipes no hotel, **Ricardo** e sua família com os deslocamentos e Sr. **Emílio** com o táxi foram fundamentais para que este sentimento de pertencimento fosse crescendo. Mas um nome integra fortemente esta associação entre Limeira e lugar: **Eduardo Marandola Jr.**

Ser orientada por Eduardo é um privilégio curricular e formativo. Todas as vezes que estive com ele, seja em palestras, orientação, almoços ou e-mails, o escutava do lugar de quem o admira. Antes de escolher algum programa de pós-graduação, alguma universidade ou alguma cidade, era o nome dele que já se apresentava e ecoava em mim. Eduardo tem um modo único de orientar, de ouvir, de escrever, de falar e de pensar. Um modo altamente coerente e comprometido com a fenomenologia na vida. Conviver e ser orientada por ele, é ter a oportunidade de ver que a riqueza dessa coerência é possível de ser vivida. Eduardo em seu comprometimento com outros modos de fazer geografia, outras formas do pensar e sua abertura ao diálogo me aceitou duas vezes como sua orientanda: a primeira no processo seletivo e a segunda quando balança teórica desequilibrou em mim e caminhei da Fenomenologia para Psicanálise. Sentirei muita saudade das reuniões de orientação, das caminhadas pelos pátios da FCA e ruas de Limeira e das caronas para Campinas porque em todas essas ocasiões pude desfrutar da oportunidade de dialogar com Eduardo. Estar sob sua orientação me possibilitou aprender com um dos maiores geógrafos em nossa contemporaneidade e com o grande nome da Geografia Humanista em sua base fenomenológica. Minha admiração e respeitos são proporcionais à minha gratidão ao Eduardo. Esta Tese tem as marcas de sua orientação, seu respeito com o trabalho, sua empolgação com a pesquisa, a aposta que daria certo, a abertura ao diálogo, o apoio à mudança, o eco de suas risadas e a força de palavras acolhedoras. Então, se hoje Limeira é um lugar, é porque lá encontrava Eduardo.

RESUMO

Como e por que um lugar se torna centro de significância? Quais as relações entre lugares e afetos? Como o lugar se constitui? O que nos vincula aos lugares? Estas foram algumas perguntas moventes nesta pesquisa e, ao final, esta Tese aponta que o lugar é constituído e vivido através da realidade geopsíquica e apresenta o conceito de lugar geopsíquico. Neste sentido, a constituição do lugar ocorre na dobra topológica entre os mundos internos com dinâmicas psíquicas e o mundo externo com dinâmicas terrestres. O percurso teórico foi construído no esteio da Psicanálise e da Geografia, com os geógrafos humanistas Yi-Fu Tuan, Eric Dardel, David Lowenthal e J.K. Wright, com Steve Pile da Geografia Psicanalítica e com os psicanalistas Sigmund Freud e Jacques Lacan. Metodologicamente, as conversas biográficas possibilitaram ouvir as narrativas dos sujeitos da pesquisa nas relações com seus lugares por meio da palavra. Este encontro teórico-metodológico apresenta o Inconsciente como uma porção das terras desconhecidas da Geografia.

Palavras-chave: lugar geopsíquico; inconsciente; realidade psíquica; topologia; Geografia Humanista

ABSTRACT

How and why does a place become a center of significance? What are the relationships between places and affects? How is the place constituted? What binds us to places? These were some moving questions in this research and, in the end, this thesis indicates that the place is constituted and experienced through geopsychic reality, and it presents the concept of geopsychic place. In this sense, the constitution of the place occurs in the topological fold between the internal worlds with psychic dynamics and the external world with terrestrial dynamics. The theoretical path was built on the mainstay of Psychoanalysis and Geography, with the humanist geographers Yi-Fu Tuan, Eric Dardel, David Lowenthal and J. K. Wright, with Steve Pile of Psychoanalytic Geographies and with the psychoanalysts Sigmund Freud and Jacques Lacan. Methodologically, the biographical conversations made it possible to listen to the narratives of the subjects of the research on the relations with their places, through the word. This theoretical-methodological encounter presents the Unconscious as an element in the lands unknown to Geography.

Keywords: geopsychic place; unconscious; psychic reality; topology, Humanist Geography.

Lista de Ilustrações

Fig. 1	Forças interna e externa.....	68
Fig. 2	Desequilíbrio entre forças internas e externa.....	68
Fig. 3	Aparelho psíquico da segunda tópica freudiana.....	87
Fig. 4	Analogia entre iceberg e aparelho psíquico.....	89
Fig. 5	Faixa de Möbius.....	105
Fig. 6	Faixa de Möbius em etapas.....	106
Fig. 7	Anel cilíndrico.....	106
Fig. 8	Möbius Strip II.....	107

SUMÁRIO

Introdução	A apresentação de uma Tese pelo contorno do caminhar: o anúncio para <i>terrae incognitae</i>.....	17
Capítulo 1	Entre terras cógnitas e <i>terrae incognitae</i>: caminhos e geógrafos-referências.....	36
1.1	Geógrafos humanistas: desbravadores de geografias do mundo interior.....	38
1.2	Geografias psicanalíticas: na fronteira entre terras conhecidas e desconhecidas.....	49
1.3	Lugar de Yi-Fu Tuan: um encontro através de muitas máximas como caminho.....	62
Capítulo 2	Rumo às terras incógnitas: o Inconsciente freudiano na reflexão geográfica.....	70
2.1	Sigmund Freud e o desbravar das terras do Inconsciente.....	70
2.2	O Inconsciente freudiano em suas tópicas.....	75
Capítulo 3	Nas terras psíquicas: dinâmicas entre mundo interno e mundo externo.....	93
3.1	O mesmo vocábulo e lugares diferentes: caminhos com o Inconsciente lacaniano.....	94
3.2	Mundos interno e externo: entre a topologia de Lacan e o lugar na dobra.....	102
3.3	O lugar na dobra da realidade geopsíquica.....	108

Capítulo 4	Nas terras geopsíquicas: “quem faz os lugares são as pessoas”	117
4.1	Um mapa de pessoas: deslocamentos na cidade entre presente e passado.....	117
4.2	A transferência psicanalítica entre pessoas e lugares.....	123
4.3	Lugar no movimento: entre o encontrar e evitar o encontro.....	135
4.4	O enlace entre pessoas e lugares: “o lugar é alguém”	147
Capítulo 5	Ao final, um encontro com a Geografia das terras desconhecidas	155
	Referências	166

Introdução - A apresentação de uma Tese pelo contorno do caminhar: o anúncio para *terrae incognitae*

Certa ocasião, recebi a sugestão para buscar a leitura de um livro com o curioso título “A pa-lavra”. Por muito tempo fiquei parada diante do título e encantada com a força da divisão da palavra provocada pela autora e psicanalista Sandra Niskier Flanzer (2010). Enquanto olhava para aquela incrível e sensível palavra, tentava entender que pá seria esta que lavra, o que a palavra lavraria, o que faz o instrumento pá e para onde aquela palavra me conduziria. Então, abri o livro e me encontrei com a poesia de Sandra:

Labuta Letrada

Sandra Flanzer

*Por enquanto, meu trabalho é com palavras.
Amanheço labor, na lida de letras.
Ofício de termos vocabulando o dia.
Verba? Derivada e à deriva do verbo.
Por enquanto, de sol a sol, pa-lavro.*

Inspirada por este compromisso com as palavras, por esta labuta vivida no cotidiano de cada dizer e por aquilo que é derivado e está à deriva do verbo, pergunto qual o lugar da palavra que originou esta Tese? Parafraseando Sandra Flanzer:

Geo-grafia

Juliana Maddalena Trifilio Dias

*Por enquanto, meu trabalho é com a grafia.
Grafia da Terra. Grafia na Vida.
Marcas da Terra na vida e da vida na terra. Marcas da palavra e pela palavra.
Grafias da palavra que como um arado me marcam.
Marcas de uma Geografia escrita na vida.
Marcas das palavras lidas em uma geo-grafia.*

Para traçar o contorno desse caminhar da pesquisa, opto por iniciar pelas marcas das pessoas e da palavra neste caminho. Certa vez Eduardo, meu

orientador, perguntou sobre o que primeiro me vinha à cabeça quando pensava em Geografia. Naquela ocasião respondi que eram as pessoas. Hoje vejo que não se tratava de compreender as pessoas de modo isolado, mas as pessoas em suas geografidades. Um modo de olhar para as pessoas e praticar uma Geografia com e para as pessoas. Esta é uma Tese feita com gente. Com pessoas e singularidades. Com vozes e gestos. Com lembrança e imaginação. Com presenças e ausências. E sempre, com gente. Então, se somos seres de linguagem e nos constituímos na linguagem, **como pensar geograficamente o dizer pela palavra como possibilidade de compreensão do humano em sua geografidade?**

Esta pergunta está para além de uma escolha metodológica que poderia ter sido feita entre muitos caminhos que consideram aquilo que o sujeito da pesquisa diz através da narrativa; da história de vida; da história oral; na entrevista, no grupo focal ou em conversas biográficas. Esta é uma pergunta que coloca luz naquilo que a palavra pode evidenciar sobre quem a diz e nos efeitos desse dizer a outra pessoa.

O dizer objetiva a comunicação com outro e, na maioria das vezes, sofre com os desvios entre os falantes. A possibilidade da não coincidência entre a mensagem dita e aquela compreendida, gera a ilusão de que o dizer foi o mesmo que o compreendido. Tanto o objetivo quanto a não-coincidência na interlocução compõem o cenário da enunciação e, portanto, são inerentes ao dizer. Isto significa que na pesquisa também estamos submetidos a esta não-coincidência. Perguntamos, ouvimos as respostas, mas não necessariamente a pergunta reflete aquilo que, efetivamente, seria o conteúdo questionado e, da mesma forma, acontece com a resposta. Então, a ilusão da coincidência equilibra e protege o diálogo. Dessa forma, sempre existe algo que escapa daquele que diz, daquele que escuta e entre os dois. Isto denota que a mesma condição cotidiana do dizer se apresenta na pesquisa e evidencia que, apesar da centralidade na palavra, ela não está descolada de quem a diz nem dessa condição de não-coincidência. Além disso, a palavra produz sentido ao ser enunciada e não está presa um significado construído *a priori*. Ou seja, aquilo que os sujeitos da pesquisa enunciam sobre os lugares pode produzir sentido no instante do dizer na pesquisa e, desse modo, não está fechado ao que foi vivido anteriormente.

A palavra também se apresenta como uma tentativa de verbalizar imagens, sensações e afetos vividos em outros tempos e lugares, o que a faz mediar entre estes registros mnêmicos e o próprio dizer. Neste encontro, nada linear, a palavra substitui e representa a memória da experiência vivida. Através dela que podemos nos aproximar da geograficidade de cada sujeito da pesquisa ou do registro psíquico da experiência.

Mas talvez esteja se perguntando de onde vem a vontade, a intenção e o referencial para evidenciar a palavra na pesquisa? A resposta é direta: da Psicanálise. Então, vamos seguir com seus desdobramentos.

De acordo com o próprio Freud (2011 [1924]), a Psicanálise nasceu com o século XX e foi apresentada ao mundo em 1900 com a obra “*Interpretação dos sonhos*”, mas as influências de Josef Breuer e Jean-Martin Charcot e as circunstâncias anteriores, ainda no século XIX, foram decisivas para sua constituição, como a hipnose e o método catártico, por exemplo. Inicialmente o objetivo era o estudo das doenças nervosas para que fosse superado o modo como eram tratadas pelos médicos e na busca por outras explicações para sintomas com manifestações visíveis no corpo ligadas a estas doenças, por exemplo, como na importantíssima descoberta da relação entre convulsão e histeria. Freud acreditava que era possível tratar os doentes com algo para além de tratamentos físicos e químicos, ao mesmo tempo em que buscava desenvolver o que seria o tratamento psicanalítico.

Com o uso da hipnose, acreditava-se na possibilidade de tornar consciente as lembranças esquecidas dos pacientes, porém com resultados insatisfatórios, Freud substitui o método e se aprofundou na Associação livre. Com este método, a expectativa era que os pensamentos espontâneos fossem comunicados a fim de que o material inconsciente fosse investigado. Dessa forma, Freud considerava que o que viesse à mente do paciente pudesse revelar pistas do material esquecido.

Observe que a gênese da Psicanálise já nos colocava em evidência aquilo que alguém diz sobre o que lhe vem à mente. É claro que existia um contexto médico que envolvia doença, paciente e cura, mas o ato de falar e ainda dizer o que

aparece à mente daquele que diz, é algo potente no ser humano por estarmos submetidos à linguagem. Todavia, mesmo que esta característica nos seja própria, é por meio da psicanálise que este dizer endereçado a alguém adquire sua especificidade.

Naquele contexto Freud já considerava a existência de um jogo de forças entre o material esquecido, o lembrado e o comunicado. Já tínhamos dois sinais, um que não dizemos livremente tudo o que nos vem à mente e outro que não nos lembramos de todas as nossas experiências vividas. Os sinais indicavam que existia a ação da resistência, que posteriormente foi considerada um dos pilares do pensamento psicanalítico através da teoria do recalque. Dessa forma, existia o indício que esta força mantinha fora da consciência e das lembranças alguns eventos vividos, e os psicanalistas trabalham com este conflito e a causa do recalque no adoecimento do paciente.

Na origem do método psicanalítico está a escuta do paciente que sofre com sua doença e Freud considerou a fala como meio de eliminar afetos que compõem o adoecimento do paciente. Esta perspectiva sinalizava um caminho psíquico através do qual os afetos se separam no registro do que foi vivido, algo que será possível acompanhar em capítulos posteriores. Usar a palavra no tratamento e na cura fez Freud romper com um discurso médico que detinha a exclusividade do saber sobre o paciente. Ou seja, o saber do paciente, por meio de sua fala, fornecia os elementos de seus sintomas a serem tratados. No entanto, atente-se para este saber. Trata-se de um saber que o sujeito não sabe, não sabe o que diz e não tem controle sobre o que diz. Um saber através do qual as palavras escapam, produzem efeitos e dizem sobre o próprio falante. Então, Freud podia trabalhar com os conteúdos inconscientes que se manifestavam na fala, sonhos e sintomas de seus pacientes e com os afetos patogênicos que se presentificam em seus discursos.

Talking cure foi a expressão nomeada por uma paciente para o tratamento que experimentava com Freud. A cura pela fala ou em algumas traduções cura pela conversa, se referia ao tratamento desenvolvido por meio da palavra ou por aquilo que era dito. Freud (2013 [1910]) verificou a existência de uma cadeia de lembranças patogênicas e que os sintomas que tratava na histeria eram resíduos e símbolos mnêmicos. Dessa forma, as recordações revelavam que os pacientes estavam emocionalmente ligados ao que foi vivido no passado e, por isso, descuidavam-se da realidade no presente. Estas características da cadeia de

lembranças, do resíduo mnêmico e da ligação emocional também serão aprofundadas em capítulos e, neste ponto do texto, nos ajudam a compreender o sentido de palavra que utilizo.

É importante que focalize a palavra como aquilo que nos conduz, nos orienta, nos localiza, nos permite decodificar, registrar, deslocar e compreender a experiência humana na constituição de seus lugares. É por meio da palavra, do dizer e da escuta que o tratamento psicanalítico é desenvolvido, mas também fora da clínica ela permite que possamos nos aproximar da geograficidade de cada ser humano.

Durante o doutoramento me aventurei a olhar geograficamente para o passado e me fiz algumas perguntas, como: é possível mapear o passado ou o passado é um tempo sem mapa? Estas perguntas não ignoram mapas históricos ou linhas do tempo, mas elas questionam como diferentes temporalidades e geograficidades podem ser mapeadas no presente para que possamos nos orientar. No entanto, eram perguntas que estavam para além da materialidade e dos vestígios encontrados no lugar. Então, ampliando com os verbos destacados, é possível conhecer as diferentes temporalidades e geograficidades da experiência humana, mas como nos orientar nestes outros tempos e lugares? Como localizar? Como nos orientar? Como é possível se deslocar? Como são feitos e lidos os registros dessas experiências? Como decodificá-los? **Como compreender a experiência humana em seus diferentes tempos e lugares?**

Observe que minhas associações circulam em torno de diferentes tempos e lugares, então, por meio da contribuição da Psicanálise, encontro na palavra a possibilidade de compreender a experiência humana em seus diferentes tempos e lugares.

Por sermos seres de linguagem, talvez fique óbvio ou muito difícil destacar a palavra como algo que nos aproxima das experiências vividas por outras pessoas. Ela está presente em tudo o que fazemos, mesmo quando em alguns momentos ela nos falta. Mas repito, o modo como Freud singularizou a fala, colocou a palavra em outra condição e é neste outro modo de considerar a palavra que a localizo.

No cotidiano contemporâneo é comum ouvirmos expressões como “falar é bom e ajuda a diminuir o sofrimento” ou “fala, põe para fora e diz o que está acontecendo”. O mesmo pode ser observado quando alguém está muito eufórico

para contar sobre alguma conquista, o que não restringe a palavra como representante em comunicações sobre o sofrimento humano. Independente do contexto em que habitualmente são proferidas, estas frases indicam dois aspectos: primeiro, que no senso comum existe uma crença que ao falarmos sobre algo que nos causa dor, um novo cenário se apresentará. Ou dito de outra forma, falar com alguém ameniza o sofrimento. O segundo aspecto se refere à existência de algo que foi vivido, que gerou desconforto e que precisa ser dito a alguém. Novamente a palavra dita une a experiência vivida, íntima e particular ao mundo externo e ao interlocutor.

A escolha por esta especificidade da palavra, trouxe reverberações teóricas e metodológicas e revelam uma pesquisa construída no próprio caminhar. Então, precisamos nos voltar para as marcas desse caminho, que neste capítulo estão presentes de forma introdutória, ao mesmo tempo em que nos conduzem por eixos teóricos e metodológicos, autores e conceitos.

A imagem de um caminhar teórico e metodológico não será apresentada graficamente em um mapa, mas pela palavra. Por meio do dizer manifestado neste tese, a palavra nos conduzirá por percursos, caminhos e encontros que marcam este caminhar. A palavra que nos revela um caminho percorrido, os referenciais localizados, as terras desbravadas e um encontro com terras desconhecidas. Procuro narrar um caminho que indica de onde partiram minhas reflexões e como fui caminhando em cada horizonte que se abria. O mapa desse caminho será pela palavra.

Desde o início do doutoramento estava determinada a investigar questões referentes ao lugar na constituição do sujeito da pesquisa a partir das experiências vividas por cada pessoa. Estava focada em investigar questões referentes ao lugar e sobre a relação entre a memória e experiência urbana. Enxergava uma ligação íntima entre lugar e memória na constituição do sujeito a partir de suas experiências vividas na cidade. Queria conhecer estas experiências para compreender como elas nos marcam e como constituímos nossos lugares a partir delas e com elas.

Quando as pessoas me interrogavam sobre o que pesquisava, duas palavras, repetidamente, respondia: lugar e memória. A memória era algo que intuía como horizonte de estudos e que sinalizava uma intenção em investigar o que ocorre entre as pessoas e os lugares.

Aquela temática era algo que me encantava desde quando me inseri como membro do grupo CRONOS – História ensinada, memória e saberes escolares¹. Comecei a me interessar pela temática da memória na relação com as narrativas, entre o lembrar e o esquecer e sempre me perguntando sobre a relação com o lugar. Mas estar em um grupo, predominantemente, de historiadores fez com uma necessidade se instalasse: a constante pergunta pela Geografia! Geografia e memória se aproximam? Como? Aos poucos fui amadurecendo esta relação e sempre o lugar se despontava como o conceito que me permitiria refletir sobre a memória na Geografia.

Ao ingressar no doutorado, também me tornei membro do NOMEAR – Grupo de Pesquisa Fenomenologia e Geografia², e passei a ter contato com o universo da Fenomenologia. O que era desconhecido se tornou um desafio para que conseguisse me aproximar de um novo referencial, então, ao mesmo tempo que as leituras do grupo eram feitas, Eduardo me orientou que iniciasse as leituras dos filósofos. Devido a temática da memória, definimos Paul Ricoeur como horizonte de leitura e fomos caminhando aos poucos, então comecei pelo filósofo Gaston Bachelard (1993, 2009, 2010) e por Paul Ricoeur (2007).

Na obra “A Poética do espaço”, Bachelard apresenta a “casa como nosso canto do mundo” (BACHELARD, 1993, p. 22) e afirma que “as lembranças do mundo exterior nunca terão a mesma tonalidade das lembranças da casa” (BACHELARD, 1993, p. 23) e que ela integraliza pensamentos, lembranças e sonhos. Seguindo este raciocínio, o filósofo aponta que “o espaço chama a ação, e antes da ação a imaginação trabalha” (BACHELARD, 1993, p.27), logo me perguntei, **como refletir sobre as relações topofílicas e a experiência geográfica para além da dimensão física do espaço?**

Naquele momento, não havíamos definido como seriam aos campos da pesquisa e repetia que gostaria que a pesquisa fosse com crianças. Entretanto,

¹ Grupo coordenado pela profª Drª Sonia Regina Miranda na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora.

² Grupo coordenado pelo prof. Dr. Eduardo Marandola Jr. na Faculdade de Ciências Aplicadas da Unicamp.

certo ocorrido em uma determinada disciplina alterou bruscamente aquele planejamento. Na disciplina “Seminários” cada aluno enviou seu projeto que estava em curso para que pudesse ser lido por um professor externo e debatido por toda turma. Apresentei, no terceiro semestre, meu projeto de entrada no programa de pós-graduação já com algumas atualizações. Naquele semestre, a ideia de pesquisar infância havia tomado centralidade e se somava ao lugar, memória e experiência. Minha dúvida passou a ser se trabalharia com crianças na infância ou se falaria sobre infância sem delimitar a pesquisa com crianças. Então, levei questões para serem debatidas na disciplina, como por exemplo: “O sujeito se lembra de quê? E o que faz com o que lembra? Como as experiências dos sujeitos apresentadas por suas memórias podem nos permitir conhecer seus lugares? Ou ainda, quando aqueles espaços da infância se tornaram lugares?”. Ao final pedi à turma e aos professores que me ajudassem no que chamei de ponto crucial para a pesquisa: “Crianças ou adultos? Crianças na infância ou adultos sobre a infância? Como a criança constitui seus lugares? Como o adulto constitui seus lugares a partir da infância? De quais lugares os adultos se lembram de suas infâncias?”.

Todavia, enquanto aguardava o desfecho da discussão sobre o ponto crucial, um colega da classe levantou a mão, pediu a palavra e disse: *“Não sei porque vou te falar isso, nem se devo falar, mas me lembrei do meu avô. Já velhinho dei pra ele um caderno de presente e ele começou a escrever sobre sua vida, sobre seu passado. Ele me deu o caderno de sua vida de presente e quero te mostrar. E aproveito para perguntar, você fala em criança e fala em adultos, mas por que não pesquisar os velhos?”*.

Fiz um longo silêncio e guardei aquela sensação que estava sentido. Algo muito forte havia me interpelado e não poderia apressadamente responder ao colega, à turma, aos professores nem a mim. Precisei ficar com o eco daquela indagação, pensá-la a partir das orientações com Eduardo para, posteriormente, decidir o que fazer com tudo aquilo que se apresentava.

Para tentar clarear aquela dúvida e os caminhos que surgiram, passei a fazer o campo da pesquisa com crianças e idosos e a fazer os registros de cada encontro. Então, ainda com o referencial fenomenológico uma ideia passou a operar em mim:

O próprio trabalho de campo torna-se, portanto, uma experiência da cidade, durante a qual o pesquisador procura envolver-se, de forma intencional e desenraigada, com a própria cidade. Mas, para perscrutar os sentidos originais da relação das pessoas com o espaço, é fundamental deixar que a cidade se revele. Colocar entre parênteses (suspendendo os conhecimentos prévios) é importante, para que o objeto revele-se ao pesquisador, partindo daí a interação tão desejada que gera o conhecimento. [...] Antes, o campo tem o objetivo do descobrimento, esperando-se que dele venham à tona hipóteses. Por isso, o campo, em primeiro lugar, serve à descrição; só mais tarde ele poderá ser utilizado para a reflexão sobre hipóteses ali surgidas e nas análises do pesquisador (MARANDOLA JR; DE PAULA; PIRES, 2006, p.463)

Este fazer fenomenológico esteve presente no modo como esta pesquisa foi sendo construída metodologicamente. Iniciei o campo da pesquisa sem uma hipótese que me engessasse e que me fizesse procurar resultados comprobatórios. Não havia, naquele momento, o que comprovar ou refutar, o que existia era uma aposta e uma abertura para que o fenômeno se revelasse. E isto aconteceu!

A partir das leituras de Paul Ricoeur (2007) e Gaston Bachelard (1993, 2009, 2010) e as conversas com alguns idosos, a presença do passado no presente foi um fio que passou a ter visibilidade na pesquisa e convergência nas reflexões. E uma frase que ouvi no campo me permitiu o cruzamento com outros fios: *“olha, ali era meu quarto”*.

O primeiro campo que realizei foi com uma senhora que me contou sobre sua vida. Até que em um determinado momento ela apontou para fora da janela e disse: *“olha, ali era meu quarto”*. Eu olhei e vi uma casa recém construída. Ela continuou a me mostrar onde brincava, onde se escondia e onde eram os outros quartos da casa. Aquilo mexeu muito comigo! A casa dela não estava mais lá e falava como se estivesse vendo seu quarto de décadas atrás. Naquele instante me deparei com algo que geograficamente não conseguia responder e que me foi apresentado através da narrativa daquela senhora. Então, passei a procurar uma compreensão geográfica desta frase. Algo que será desdobrado no decorrer dos capítulos.

Paralelamente e concomitante a tudo que tenho narrado sobre este processo, duas coisas aconteciam: continuava minhas leituras de Paul Ricoeur e relutava, comigo mesma, em escrever o texto de Qualificação. Algo parecia não fechar, algum fio faltava no tecer desse processo. Naquele momento, havia começado o texto com uma longa discussão sobre tempo, memória e lugar a partir de suas interseções. Já tinha vontade de trabalhar com cruzamentos, mas, definitivamente, algo não me permitia realizá-los. Algo me faltava para prosseguir com as reflexões e escrita, mas não sabia o que poderia ser. Na insistência, saía da frente do computador e voltada a me debruçar sob a leitura da obra de Paul Ricoeur (2007) “A memória, a história e o esquecimento”.

Este livro marcou meu ingresso no doutorado, mas, curiosamente, não havia concluído sua leitura. Apesar do entusiasmo com o autor e tema, o modo de leitura era arrastado. Hoje vejo e acredito na frase que muito ouvi “tudo em seu tempo”. Não terminava aquela obra porque algo estava por vir, estava por ser desvelado.

Certo dia em que fazia a leitura, me deparei com uma determinada citação que muito chamou minha atenção e, apenas ao final do livro, percebi que Paul Ricoeur havia citado Freud, então, fui para as referências para ver de qual texto se tratava. Para minha feliz surpresa identifiquei que Ricoeur havia utilizado e, portanto, lido, treze textos/livros de Sigmund Freud. Pensando no universo acadêmico, este número de obras, em sua diversidade e quantidade, indica um movimento de leitura em direção ao autor e não apenas de uma temática específica. Ou seja, o que pensava é que ninguém estabelece alguém como referência com treze obras de um autor sem uma aproximação e identificação teórica. Porém, no decorrer da leitura, havia uma aproximação que não enxergava.

Aquela bela surpresa me fez retornar a cada citação de Freud ao longo do livro. Curiosamente, me reencontrei com páginas que, de algum modo, havia deixado sem grifos ou anotações. Então, a frase “tudo em seu tempo” começava a fazer sentido nesse processo, uma vez que foi somente ao final do extenso livro que o desvelar aconteceu. Reli cada uma daquelas páginas e fui me encantando por cada trecho que, dessa vez, grifava e anotava. Não havia identificado Ricoeur como um leitor e autor sobre Freud (RICOEUR, 1977; 2010) e quando percebi, comecei novas buscas que interseccionavam os dois pensadores. A intenção era continuar com a leitura de Paul Ricoeur e iniciar os estudos em psicanálise.

Na sequência daquilo que tenho chamado como desvelar na pesquisa, passei a integrar, em Juiz de Fora, um grupo de estudos em psicanálise sobre Freud. Um grupo coordenado pelo psicanalista Luiz Romão - membro da associação psicanalítica Tempo Freudiano. Então, um novo universo reflexivo se abriu e com ele dois sentimentos paradoxais: o entusiasmo com a vontade de estudar o autor e a preocupação com a continuação da pesquisa. Então o cenário reflexivo estava em três eixos: as sessões de análise, o grupo de estudos em psicanálise e as reuniões de orientação.

Esta constante busca acontecia a cada pergunta que me fazia e não encontrava respostas. Fiz perguntas e procurei na Geografia, depois procurei na Fenomenologia e foi na Psicanálise que pude me encontrar como pesquisadora. Mas destaco que existe um fio que une e me une à Geografia, à Fenomenologia e à Psicanálise.

Enquanto caminhava por essas terras, fazia as leituras e as conversas do campo de pesquisa. Metodologicamente posso afirmar que as leituras até a primeira metade do doutoramento foram em Fenomenologia e a partir da segunda metade foram em Psicanálise. No entanto, realizei as conversas com os sujeitos da pesquisa ao longo de todo o período e com mudanças sutis no modo como elas ocorreram. Destaco que meu encantamento pelo universo da psicanálise já estava em mim, mas não havia sido desvelado. Então, não posso afirmar que o campo da pesquisa também foi dividido, mas ao contrário, um saber que não sabia já estava presente em conversas que, naquele primeiro momento, indicavam ser metodologicamente fenomenológicas. Da mesma forma, com a psicanálise, o modo como estava nas conversas me trouxe mais responsabilidade sobre aquilo que ouvia de cada pessoa, sentia a força da palavra que cada um me dizia. Naquele momento não podia afirmar, mas hoje, retroativamente, vejo que a psicanálise, de algum modo, sempre esteve presente.

Desde que encontrei lugar na Psicanálise, o referencial teórico foi estabelecido com diálogos reflexivos com psicanalistas e também com geógrafos que já haviam iniciado uma aproximação com estas terras psicanalíticas. Este encontro foi algo desvelado e quando aconteceu, só me perguntava como a psicanálise estava tão próxima e não conseguia enxergá-la.

Algo que será explorado no próximo capítulo, era que concomitante a este processo, me mantive com um conceito de lugar que vigorava em minhas reflexões

e era centralizado na expressão de Yi-Fu Tuan (2013) “o espaço se torna lugar” e na relação entre experiência, visão e atitude no mundo. Considerava o lugar pela imagem de algo que reúne, aglutina, converge e recolhe para si experiências e significados (RELPH, 2012; SARAMAGO, 2012). Compartilhava da ideia do lugar não como toda e qualquer localidade, mas aquela que tem significância afetiva para uma pessoa ou grupo de pessoas. Como para Tuan (2013), em que os acontecimentos podem gerar um sentimento profundo pelo lugar e que também se constitui como “pausa no fluxo do tempo”. Todavia, me questionava: o que converge? Como? Por quê? O que seria esta pausa no fluxo do tempo?

Tenho mencionado as conversas realizadas no campo dessa pesquisa, mas preciso nomeá-las. A pesquisa foi desenvolvida com práticas de **conversas biográficas** (MARANDOLA JR., 2014) através das quais pude ouvir narrativas das pessoas em uma reciprocidade que uma conversa supõe, de modo que aquilo que era exposto sobre suas vidas fosse respeitado e acolhido nesta pesquisa. Cada uma das conversas biográficas me permitiu estar em contato com as pessoas, seus mundos e suas narrativas sobre mundos íntimos em sua profundidade e naquilo que era possível de ser dito a uma pesquisadora. Procurei estar atenta às palavras, aos sorrisos, silêncios, constrangimentos, preocupações, olhares, receptividade, recusa e gestos que compunham o universo do narrar. Pude me aproximar daquilo que havia sido vivido e lembrado por cada pessoa, em um exercício que me exigia escuta e imaginação.

As conversas biográficas não eram entrevistas estruturadas, muito menos a busca pela resposta correta pensada *a priori*. Tão pouco se configuram como uma psicanálise aplicada à Geografia. Elas eram conversas! Eram duas pessoas que conversavam sobre a vida no cotidiano. Eram conversas sobre marcas, sobre as grafias da vida no próprio fluxo do vivido.

Como pesquisadora, minha aposta e escolha foram por não ter uma pergunta direta a ser feita aos sujeitos da pesquisa. Se elaborasse uma pergunta e a dirigisse na conversa, o sujeito da pesquisa poderia recebê-la como uma demanda minha a ser atendida ou prontamente respondida a partir daquilo que pudesse supor como uma resposta correta a ser dita. Esta perspectiva também me orientou a conversar de forma a experimentar uma escuta não diretiva. Sem pergunta *a priori* e sem resposta para ser encontrada na conversa biográfica. Durante a pesquisa, a conversa biográfica se tornou possibilidade do dizer como um acontecimento. Neste

acontecimento, a vida do sujeito da pesquisa podia emergir e sem roteiro prévio, o trabalho se apresentava e se desdobrava em cada encontro. Este não foi um método descrito no projeto de ingresso ao doutorado e não foi planejado antes da primeira conversa. Ele também emergiu no fluxo vivido da pesquisa e posteriormente pôde ser pensado teoricamente como método.

Por estar em atividade de pesquisa, a ideia era ouvir as pessoas e a escuta era em vigília, ou seja, estava atenta, mas sem buscar alguma informação específica que julgava previamente como importante. Sem um roteiro pré-estabelecido, tinha como objetivo esta escuta em vigília que me deixava atenta para ouvir algo que ali se desvelasse. A atitude era de concentração e abertura ao que pudesse emergir de cada conversa biográfica. Uma atitude metodológica que favorece que as surpresas do campo investigativo possam surgir e movimentar o próprio fazer da pesquisa. Neste método, a palavra entre encontros e desencontros, entre o dizer e o escutar, se apresenta como pistas e caminho. Cada palavra que ecoava com seus efeitos, foi tomada como uma pista a ser seguida em um caminho construído neste caminhar.

As conversas aconteceram em diferentes circunstâncias no próprio cotidiano. Foram trinta conversas biográficas com encontros agendados com algumas pessoas, conversas não programadas com outras, pessoas já conhecidas por mim, pessoas desconhecidas, pessoas que me procuravam para contar sobre seus lugares e pessoas que procurei por ter ouvido suas histórias anteriormente.

Em todas estava de forma intencional, mas em abertura para que algo se desvelasse. Foram situações em que a circunstância na qual estava inserida me permitiram ter contato com as pessoas. Elas surgiram no cotidiano, como na farmácia, na vizinhança, em festas ou em perguntas que me faziam sobre a temática da minha pesquisa. Realizei as conversas biográficas com crianças, adultos e idosos, sempre na perspectiva de ouvir, observar e registrar impressões e narrativas sobre os lugares e suas experiências. Com os registros descritivos nos diários de campo, pude posteriormente retomar cada conversa biográfica em sua força reflexiva. As inquietações nascidas no campo da pesquisa foram fundamentais para cada etapa vivida neste processo e orientavam outras buscas e outros caminhos. Afinal, em nenhum momento podia afirmar qual seria o desfecho desse doutoramento.

Ao término das conversas biográficas, procurei duas formas de registros para posterior tratamento do material da pesquisa: registrava por gravação de áudio e escrita no caderno de campo quais haviam sido minhas impressões, o que estava sentindo e como a conversa havia me impactado. Depois, já em casa, descrevia como havia sido a circunstância do encontro e da conversa, tentava reconstruir em palavras o lugar onde ela se deu e contava a narrativa de cada pessoa. Por isso, no decorrer dos capítulos, algumas falas dos sujeitos da pesquisa estarão literais e outras como uma narrativa que faço depois da conversa.

Somente quando terminei o período de realização das conversas biográficas que me encontrei com um texto de Freud [2010 (1912c)], que ele escreveu, a partir de sua experiência, aos médicos que naquele contexto exerciam a psicanálise. Hoje me inspiro em suas orientações para destacar as especificidades do método desenvolvido nesta pesquisa.

Freud [2010 (1912c)] inicia suas recomendações destacando a *atenção flutuante* que aproximo da ideia de escuta em vigília anteriormente citada. Esta atenção flutuante na escuta, favorece aquilo que pode emergir e evita o cansaço e os riscos de uma escuta proposital como quem procura por algo, muitas vezes já previamente sabido.

Com esta escuta flutuante, os registros de campo não precisam ser simultâneos e na presença no sujeito da pesquisa. Eles podem ser feitos posteriormente por aquilo que a memória retém. Dessa forma, o especial para a pesquisa não é um registro escolhido pelo pesquisador a ser realizado por julgar algo que ouviu especial. Mas o registro *a posteriori* é que indicará algo para além de nossas expectativas e buscas pessoais. Para Freud, é possível “entregar-se totalmente à sua ‘memória inconsciente’, ou, expresso de maneira técnica: escutar e não se preocupar em notar alguma coisa” (FREUD, 2010 [1912c], p. 150).

Era por meio da palavra dirigida a mim, como pesquisadora, que podia me orientar, localizar, deslocar, imaginar e registrar algo sobre os lugares que cada um elegia partilhar. Os lugares revelavam entre registros e símbolos mnêmicos, outros tempos-espacos que no instante da conversa biográfica se presentificavam pela palavra.

Desde a primeira conversa biográfica passei a buscar compreender geograficamente o que significava alguém olhar para uma casa no presente e enxergar uma casa de outro tempo e porque duas pessoas diante da mesma casa

enxergavam casas distintas. Então, me perguntava: **O que está para além da materialidade de um lugar e que se manifesta para alguém?**

Muitas vezes sentimos atração ou repulsão por coisas, pessoas e lugares sem que tenhamos alguma explicação consciente para isso. Já observou que em determinados lugares nos sentimos confortáveis, atraídos, em paz, relaxados, seguros, alegres, acolhidos ou com vontade de permanecer? Em contrapartida, em outros lugares já se sentiu cansado, desconfortável, angustiado, com medo, inseguro ou com vontade de ir embora?

Posso fazer outras perguntas, como por exemplo: já retornou a um determinado lugar que não visitava há muito tempo? O que sentiu? As dimensões físicas pareciam alteradas? Estas reações, sensações e sentimentos estão para além da materialidade do lugar, mas não estão apartadas do lugar, ambos estão intrínsecos.

Novamente existe algo que se manifesta singularmente diante da materialidade, mas que está para além dela. Mas como isto é possível? Esta é uma questão que precisamos enfrentar e compreender geograficamente, mas inseridos no diálogo com outros campos do saber. Neste sentido, com o movimento das conversas biográficas e com esta investigação reflexiva, me encontrei com o conceito psicanalítico de **realidade psíquica**. Então, a pergunta passou a se localizar na busca por compreender **qual a relação entre lugar e realidade psíquica**.

Entrar nesta seara da Psicanálise para pensar epistemologicamente a Geografia exigiu dois movimentos. O primeiro foi o mergulho em textos de Sigmund Freud e Jacques Lacan. O segundo foi o exercício de pensar a relação geográfica entre o que ocorre em nosso psiquismo, nossas experiências na Terra e nosso cotidiano vivido no mundo.

A geografia como experiência profunda do humano nos convoca para que possamos nos lançar ao desconhecido, nos aventurar por entre montanhas, florestas, céus e mares. Um convite que alguns aceitam em sua radicalidade e se entregam à paixão pela Terra, que outros se esquivam e mantêm nas grafias terrestres já conhecidas e seguras e, outros ainda, tentam dosar entre responder

prontamente a este chamado e a vivê-lo como for possível. São muitas possibilidades de respostas que se singularizam na relação que cada um de nós estabelece com a Terra. Compreender a realidade psíquica no pensamento geográfico nos faz, efetivamente, considerar a pluralidade que pauta nossa geograficidade.

A Geografia contemporânea apresenta abertura à diversidade teórica-metodológica no próprio campo e na possibilidade de diálogos com diferentes correntes do pensamento científico. Há tempos temos caminhado e avançado em questões que consideram a subjetividade, a memória e a imaginação na relação com os lugares. Estas são terras que há algumas décadas os geógrafos humanistas já exploram e sistematizam desde o século XX. Mas nosso psiquismo tem sido pouco ou quase nada explorado na compreensão de nossa geograficidade, principalmente na produção brasileira do conhecimento geográfico. A relação entre o mundo interno e o mundo externo tem sido historicamente assumida com ênfase no externo ou até mesmo o mundo externo apartado do mundo interno. Mesmo que já tenhamos reflexões sobre o mundo interno na Geografia.

Esta Tese se insere neste contexto e procura refletir sobre as relações **entre** os mundos internos e mundos externos com ênfase no que ocorre nos mundos internos. Uma opção por olhar para a relação entre os dois mundos. Na Geografia, historicamente produzimos conhecimento sobre o mundo externo, então, para compreendermos as relações entre interno e externo precisamos nos aproximar e nos aprofundar em reflexões sobre nosso mundo interno. Este mundo interno se torna plural em cada um de nós, envolve nosso psiquismo, nossos afetos, nossas memórias, nossos sonhos, nossos sentimentos, nossa imaginação, nossos sentidos e nossos pensamentos. Enfatizarei em capítulos posteriores o mundo interno em uma sua perspectiva psíquica, em especial, o Inconsciente.

Caminhando entre Geografia e Psicanálise encontrei pesquisadores trabalhando com geografias psicanalíticas desde a década de 1990, em países como Estados Unidos, Austrália, Inglaterra, Canadá, México e Escócia. Todavia, os geógrafos que iniciaram este percurso acreditam que apesar da riqueza da Psicanálise, ela tem sido pouco aproveitada na Geografia ou pouco em relação à potência que este campo tem para pensarmos lugar, paisagem, território na relação com o humano (KINGSBURY; PILE, 2014). Em contrapartida, os geógrafos ao terem contato com o campo da Psicanálise não demoraram para reconhecer esta riqueza e

a enxergar a possibilidade de compreendermos o inconsciente no mundo exterior e os mundos exteriores na relação com o inconsciente.

Este é um ponto em que esta Tese pretende contribuir com o pensamento geográfico. Primeiro por construir outra perspectiva para compreensão do lugar a partir da realidade psíquica. Segundo ao construir epistemologicamente um referencial sobre lugares geopsíquicos. Terceiro, por colocar em evidência a produção geográfica estrangeira que existe no esteio da Psicanálise e ampliar nosso referencial brasileiro. Quarto, por considerar metodologicamente a palavra como possibilidade de encontro com lugares do outro, em narrativas que sobrepõem diferentes tempos e lugares.

Para clarear a estrutura da Tese ou para visualizarmos seu mapa, o grande aporte teórico é a Psicanálise a partir de Sigmund Freud e Jacques Lacan. O diálogo referencial foi construído com geógrafos humanistas clássicos e geógrafos contemporâneos que estão produzindo geografias psicanalíticas. O campo metodológico foi realizado com conversas biográficas e os trechos estarão presentes do decorrer dos capítulos.

Com o encontro entre campos do saber, preciso fazer uma advertência para a leitura da Tese. Opto pelo termo “sujeito da pesquisa” para explicitar que as conversas biográficas aconteceram pela circunstância da pesquisa. O que foi dito por cada um dos sujeitos da pesquisa ocorreu no universo da pesquisa. Não uso apenas o termo sujeito por não ser sinônimo do termo sujeito que a psicanálise trata e se refere. Como também não utilizo o termo pessoa associado ao uso feito pela psicologia centrada na pessoa. Outra advertência é que minha forma de escrever poderá se revelar retroativamente ou posteriormente, então, não esperem que a introdução ou início de cada capítulo já desvelem o que, para mim, só foi desvelado ao final do doutoramento e desta escrita.

O caminho teórico-metodológico foi feito durante o próprio caminhar à medida que cada fenômeno se desvelava. Então, o convite é para que me acompanhe neste caminhar por entre terras conhecidas e terras desconhecidas. No primeiro capítulo intitulado “**Entre terras cógnitas e *terrae incognitae*: caminhos e geógrafos-referências**” caminharemos por três seções, a primeira dedicada ao caminho desbravado por uma linha antecessora de geógrafos que avançaram sobre *terrae incognitae* e com a qual me identifico para localizar por quais terras quero avançar geograficamente: as terras do Inconsciente. A segunda é dedicada aos

geógrafos que já trabalham com geografias psicanalíticas desde a década de 1990, através dos quais, encontrei novos caminhos e conheci pesquisas já desenvolvidas no ínterim desses campos. Tenho compreendido suas publicações na fronteira entre as terras desbravadas pela Geografia Humanista e as terras desconhecidas do Inconsciente. A terceira seção é dedicada à grande influência do pensamento de Yi-Fu Tuan, como através de máximas geográficas que tenho identificado e dialogado em direção à noção de lugar geopsíquico. Este é um capítulo definido a partir pessoas, ou melhor dizendo, por referências que são marcas teóricas para Tese e horizontes que mirei ao caminhar.

Continuando o caminho rumo às terras do Inconsciente, no segundo capítulo **“Rumo às terras incógnitas: o Inconsciente freudiano na reflexão geográfica”**, caminharemos pelas terras que Freud nos apresentou e pelos caminhos que podemos caminhar na epistemologia da Geografia. São estas terras que nos conduzirão ao terceiro capítulo **“Nas terras psíquicas: dinâmicas entre mundo interno e mundo externo”**. Nestas terras, caminharemos a partir do Inconsciente lacaniano e uma perspectiva da sua noção de topologia para nos encontramos com a noção de dobra e de realidade geopsíquica.

No quarto capítulo **“Nas terras geopsíquicas: ‘quem faz os lugares são as pessoas’”**, nosso percurso acontecerá entre pessoas. Entre pessoas e lugares. Um enlace que possibilitará nosso encontro com o primordial conceito psicanalítico: a transferência. No quinto capítulo **“Ao final, um encontro com a Geografia das terras desconhecidas”**, retomaremos alguns pontos de reflexão diante do encontro com outras *terrae incognitae* na Geografia. Em seguida, estarão os autores que foram fundamentais para que me deslocasse para estas terras.

O outro convite é para que se volte para suas próprias experiências, seus lugares, suas lembranças, suas saudades e se interrogue: por que vejo este lugar dessa forma? Por que sinto isto quando estou neste lugar? Por que tenho vontade de conhecer determinado lugar? Por que quando voltei a um lugar, já não o via e o sentia mais como antigamente? Por que o lugar é centro de significância? Qual a relação entre tempo e lugar?

No pensamento geográfico, precisamos compreender o motivo pelo qual o lugar é tão diferente para uma pessoa e outra, e para ela mesma em momentos diferentes da vida. Ou dito de outra forma, compreender a especificidade do lugar e como se constituem as relações topofílicas. Precisamos compreender o que está

para além da materialidade do lugar e como estas diferenças se manifestam para cada ser humano.

Para que possa prosseguir com a leitura, faço uma advertência sobre o modo como estão as referências de Freud e Lacan no texto. Elas possuem uma data entre colchetes que equivalem ao ano de produção original. Como existem muitas traduções disponíveis, também temos variações de volume segundo as edições, especialmente nas Obras Completas de Freud. A data entre colchetes nos orienta pela produção original e a data entre parênteses se refere à edição utilizada no texto.

Dessa forma, apresento a tese que emergiu durante o desenvolvimento da pesquisa: **o lugar é constituído e vivido por meio da realidade geopsíquica.** Avancemos por estas *terrae incognitae*.

Capítulo 1 – Entre terras cónitas e terrae incognitae: caminhos e geógrafos-referências

Aventurar-se por terras desconhecidas não é tarefa fácil, mas é preciso. A história do pensamento geográfico nos ensina nomes, fases e características que compõem as diferentes escolas. Ela também nos revela os geógrafos que em algum momento adensaram ou romperam com o pensamento vigente em cada época. A partir de cada um deles novas terras foram apresentadas para que pudéssemos continuar com outras trilhas.

Esta Tese continua uma trilha e ao mesmo tempo desbrava uma nova terra. Para isto, não há, em meu entendimento, como discorrer sobre uma nova terra sem que antigos desbravadores sejam lembrados ou evocados. A Geografia contemporânea transita por caminhos teóricos-metodológicos que outrora já foram *terrae incognitae*, então, escolho uma porção dessas terras para continuar a caminhada.

A Geografia Humanista há muito tempo já direcionou e abarcou estudos sobre as relações entre as pessoas e o espaço. As reflexões a partir da subjetividade, da memória, da imaginação e da experiência nas relações com os lugares já estão na realidade do fazer geográfico e não apenas um outro modo fazer ciência. Estas terras já foram desconhecidas e hoje são nosso campo de exploração. Mas para continuarmos este mesmo movimento de tornar terras cónitas, precisamos avançar sobre o mapa das terras geográficas com as referências centrais para este caminhar.

O que significa referência para uma geógrafa? Poderia perguntar o que significa referência para qualquer pessoa, mas delimitei a uma geógrafa. Propositalmente aumento o peso ao modo de ser e estar no mundo que a Geografia nos oferece e isto recai sob a pergunta.

O modo como nós, seres humanos, habitamos a Terra é mediado por uma dimensão geográfica que nos permite estabelecer relações com lugares, nos localizar no mundo, nos orientar em diferentes espaços, nos deslocar por ruas, cidades e países. Estamos e agimos cotidianamente em espaços e criamos modos

coletivos e individuais para que tais ações sejam possíveis. Um exemplo são as referências.

Vivemos socialmente em espaços nomeados e cartografados para que possamos nos encontrar. Aprendemos na escola básica que as ruas possuem nomes e CEP, as casas possuem números e pontos de referência para as visitas e entregas, o que nos permite uma comunicação entre códigos coletivos. Individualmente também o fazemos. Associar nossa casa à cor de um portão ou a um bar, a uma esquina ou a um banco, a uma farmácia ou a qualquer outro ponto de referência, significa que olhamos para determinado lugar e encontramos alguma marca ou elemento que, ao ser dito para alguém, este alguém também poderá reconhecê-lo. A referência é uma marca no caminho.

Retomando a pergunta, uma geógrafa não poderia deixar de olhar e rever as marcas no caminho da construção dessa pesquisa, sabendo da importância que elas têm e que podem comunicar algo para aqueles que futuramente as seguirão. Mesmo em todo seu caráter inovador, esta Tese tem muitas referências. E não me refiro às referências bibliográficas que usualmente estão ao final do texto. Curvo-me diante de pessoas e ideias que construíram percursos anteriores ao meu e que me possibilitaram caminhar e construir um trabalho autoral. Neste capítulo, eles estão presentes como autores e conceitos, mas em minha formação como pesquisadora, estão como referências.

Dessa forma, este capítulo é composto por três seções, a primeira é dedicada aos geógrafos humanistas desbravadores de geografias do mundo interior. Não se trata de construir um percurso histórico ou elencar todos os geógrafos dessa seara, mas de compor um cenário de desbravadores com os quais estabeleço relação de referência: John K. Wright, David Lowenthal e Eric Dardel. A segunda seção é sobre geografias psicanalíticas que se localizam entre terras conhecidas e desconhecidas nesta caminhada em direção às terras pelas quais quero avançar geograficamente. A terceira seção é destinada ao lugar de Yi-Fu Tuan como grande marco referencial para este doutoramento como processo.

1.1 – Geógrafos humanistas: desbravadores de geografias do mundo interior

As mais fascinantes *terrae incognitae*,
entre todas, são aquelas que ficam dentro
das mentes e corações dos homens.

John Wright, 1947.

David Lowenthal (1961, 1982) iniciou seu célebre texto “Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica” com a mesma citação de John K. Wright (1947) que escolho como epígrafe para esta seção. Será com ela e a partir dela que refletiremos sobre a ideia de avançarmos com as referências sobre terras desconhecidas em caminhos já trilhados por outros geógrafos.

Para esta epígrafe optei por assumir sua data, o que não é usual para uma epígrafe, tendo em vista a riqueza do que foi dito há mais de setenta anos e que hoje se apresenta, ainda, como algo inovador. Não me refiro ao termo inovador para algo datado que surge na segunda década desse século XXI, mas por aquilo que ainda é ousado, que emerge e que é arrojado. A inovação de Wright, para as bases epistemológicas da Geografia, continua como algo que emerge com ousadia e que está para além de um tempo. Parece repetitivo, mas a intenção é parear dois tempos que abarcam a mesma citação em sua potência inovadora: o tempo no qual Wright escreveu e o tempo em que nós o lemos. Então, se no final da década de 1940 era inesperado ler sobre *terrae incognitae*, nos moldes de Wright e nos *Annals of the Association of American Geographers* (1947), hoje, de modo diferente, também é algo não tão comum quanto se espera para um conceito difundido há muitas décadas.

Nesta mesma seara, David Lowenthal também inova com o referido artigo publicado em 1961 nos *Annals of the Association of American Geographers* com o título original “*Geography, experience and imagination: towards a geographical epistemology*” e traduzido para o português em obra organizada por Antônio Cristofolleti (1982) - “Perspectivas da Geografia” com o título “Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica”. Um texto que se tornou um marco para sua trajetória e para gerações de pesquisadores que o sucederam, cuja centralidade de tal trabalho está na retomada da noção de *terrae incognitae* discutida por J. K. Wright em 1947.

Uma pergunta pertinente é necessária para ser feita: sobre quais *terrae incognitae* J. K. Wright e David Lowenthal se referiam em seus discursos ou textos e sobre quais *terrae incognitae* tenho construído este percurso?

O discurso de Wright (1947, 2014) para a *American Geographical Society* a partir da ideia de terra incógnita trouxe uma imagem conhecida na cartografia. Regiões desconhecidas, inexploradas ou de existência duvidosa sempre despertaram o interesse humano. Na cartografia, por exemplo, tais terras eram representadas com monstros e símbolos que diziam que em algum ponto do mapa existia algo inexplorado. Mas saber sobre essa possibilidade era como ouvir os cantos das sereias que encantavam o espírito explorador e aguçavam a imaginação para o mundo desconhecido. Era como se lado a lado existissem o medo do desconhecido e a vontade de tornar o mundo conhecido. Uma mistura de sentimentos e ações que era alimentada pela imaginação e se refletia no mundo em diferentes escalas, ou seja, desde uma montanha que emoldurava o horizonte e amedrontava seus vizinhos até grandes terras e mares explorados por navegadores.

Para Wright (1947, 2014) é como se esse encantamento fosse herdado e enraizado no mundo interior das pessoas que podem ser mais ou menos sensíveis à imaginação, o que segundo ele, pode compor nossos impulsos em busca da satisfação em nossos estudos geográficos por *terrae incognitae*. Diante desse impulso, quantas vezes já nos pegamos olhando para o topo de uma montanha ou para o contorno de uma floresta e desejamos chegar em cada um desses lugares? Uma vontade que sinaliza movimento, vontade de sair de um lugar e conhecer outro, vontade de conquistar um ponto da Terra com satisfação pessoal e uma vontade movida pela imaginação sobre o desconhecido. Repare que com estes exemplos é possível pensarmos que as *terrae incognitae* já foram associadas a um desconhecido e ainda não mapeado, mas também podem ser lidas como aquelas que pessoalmente não foram exploradas e permanecem desconhecidas. O que une estes exemplos é algo vivido no mundo interior e como força movente no mundo exterior.

Outro ponto rico está na consideração de que algo é transmitido entre gerações sem que, necessariamente, tenha que ser explicado como conhecimento. Existe algo que é transmitido a partir do testemunho do outro que age no mundo, através da percepção sobre a imaginação individual e da força que nos coloca em movimento rumo ao inexplorado.

Se pensarmos que estamos no século XXI é compreensível imaginarmos que não existem terras totalmente inexploradas nem aquelas exploradas por completo há algumas décadas, no entanto, a riqueza do discurso de Wright está em considerar que existem outros tipos de *terrae incognitae*, mesmo que a ideia de algo a ser conhecido possa variar de acordo com o contexto e com as perguntas: o que é conhecido? Para quem é conhecido?

Segundo Wright (1947, 2014), uma das características da pesquisa geográfica é a capacidade de converter *terrae incognitae* em terras cónitas. De modo pessoal ou científico, a imaginação pode ser incentivada e propulsora para agirmos em direção às sombras do desconhecido. Neste caso, “quanto menos imaginativos somos, menos abertos para a admiração ou para curiosidade, e geógrafos de imaginação fraca – já que se deve admitir que alguns poucos existem – são impelidos por diferentes motivos” (WRIGHT, 2014, p. 8). Mas, se o explorar está associado ao imaginar, o que significa ser mais ou menos imaginativo?

Constança Marcondes César nos alerta, a partir do filósofo Gaston Bachelard, que “só podemos conhecer cientificamente ‘aquilo, em torno do que sonhamos’, há sempre um resíduo de poesia em toda abordagem científica. [...] abandonar esta capacidade, é perder a dimensão humana, cortar as raízes do homem no mundo” (CESAR, 1989, p. 70). Para Wright, a ideia de imaginação como algo que nos move ao inexplorado, seja pessoal, seja científico, também favorece o conhecimento. O cuidado reside na atenção ao enaltecimento da objetivação de um modo científico que tenderia a nos afastar da potência movente da imaginação. Em contrapartida, a aproximação entre a imaginação e o fazer científico alimenta novas pesquisas e a divulgação sobre explorações no desconhecido, o que para Wright (1947; 2014), significa que quanto menos imaginativo alguém for, mais suscetível à imaginação do outro ele será.

Há dois pontos nesta aproximação, um sobre a objetivação e outro sobre a força da imaginação. Esta força que é considerada como impulso e que nos põe em movimento pode nos levar a caminhos que sequer foram previstos. O que para alguns, pode ser visto como algo incontrolável e para outros como libertador. Em ambos os grupos a imaginação se coloca como provocadora no fazer geográfico. Já o ponto da objetivação traz consigo o debate sobre a subjetividade e a questão se ela é capaz de afastar ou de aproximar a imaginação do fazer científico.

Aqui o cuidado está em não criar hierarquias ou aplicar um juízo de valores sobre objetividade e subjetividade, mas se pauta em assumir uma postura possível no universo científico a partir da subjetividade. Para Wright, a subjetividade pode ser entendida como “uma disposição mental para conceber as coisas com referência a si mesmo, ou seja, como elas aparecem para uma pessoa, ou como elas afetam e podem ser afetadas pelos desejos e interesses de uma pessoa” (WRIGHT, 2014, p. 8).

Wright (1947, 2014) nos indaga sobre qual a atitude do geógrafo frente à imaginação e define sua resposta a partir das *terrae incognitae*. Segundo o autor, para alguns geógrafos a exploração dessas terras deveria seguir o rigor científico e ser apresentada de forma impessoal e objetiva. Outros já diriam que seria impossível seguir linhas estritamente científicas, mas ainda a imaginação estética seria vista com desconfiança. O que é importante frisar é que se trata de um texto da década de 1940, com tradução em 2014, neste sentido, poderia dizer sobre uma temática vigente e circunscrita em outro espaço-tempo, no entanto, apesar de atualmente vivermos uma geografia plural, a desconfiança e o descrédito a outros modos e fazeres geográficos é viva entre nós. Todavia é preciso destacar que a subjetividade tem relevância no pensamento geográfico e permite o fazer científico, como por exemplo, com Geografia Humanista que já caminha sobre estas terras há algum tempo.

Outro ponto importantíssimo do referido discurso se localiza no destaque que Wright (1947, 2014) atribui ao estudo do conhecimento geográfico a partir de qualquer ponto de vista, com seu termo, nomeado como geosofia. Dessa forma, o geógrafo se referia a um conhecimento que está para além daquele sistematizado pelos geógrafos e que deve ser ampliado aos não geógrafos, de modo que a subjetividade se apresenta altamente implicada. Além disso, enfatiza que a geografia deve considerar os desejos humanos e nos alerta que as “motivações e preconceitos, porque a menos que eu esteja enganado, em nenhum lugar há geógrafos mais prováveis de serem influenciados pelo subjetivo do que nas discussões sobre o que deve ser a geografia científica” (WRIGHT, 2014, p. 14).

Esta geosofia nos impulsiona ao saber que é vivido e construído na fronteira com outros campos. Ela amplia nosso horizonte de reflexão e nos ajuda “a compreender melhor as relações da geografia científica com as condições históricas

e culturais das quais ela é produto, a geosofia pode nos permitir sermos melhores cientistas geógrafos, quando for este o propósito” (WRIGHT, 2014, p. 15).

Esta perspectiva do saber que é vivido, é poética e nos coloca em outra relação com a Terra. Eric Dardel (2011) nos lembra que a Geografia nos traz uma inquietude frente à fisionomia da Terra. Esta é uma inquietude movente, sedutora e que às vezes amedronta. Considerar este saber vivido é reafirmar a relação existencial que estabelecemos com a Terra, na qual existência e desejo são movimento. Neste sentido, “a geografia, por sua posição, não pode se furtar de ser solicitada entre o conhecimento e a existência” (DARDEL, 2011, p. 97).

Segundo Werther Holzer (2016), o citado artigo “*Geography, experience and imagination: towards a geographical epistemology*” de David Lowenthal (1961), é visto como uma nova epistemologia para Geografia, um marco que se tornou base para Geografia Humanista e uma expressiva contribuição para expansão e consolidação das pesquisas neste campo para gerações de pesquisadores que o sucederam. David Lowenthal, na busca por compreender os mecanismos mentais que originam diversos mundos, também se tornou uma referência por explorar *terrae incognitae*.

Neste ponto do capítulo preciso retomar uma pergunta feita anteriormente: “sobre quais *terrae incognitae* J. K. Wright e David Lowenthal se referiam em seus discursos e sobre quais *terrae incognitae* tenho construído esta reflexão?”. A partir do referido discurso de Wright foi possível identificar que a imaginação está no centro da exploração do que chamou de terra incógnita. Mas se a epígrafe une os dois geógrafos, é preciso destacar os desdobramentos de Lowenthal rumo às suas *terrae incognitae*.

David Lowenthal (1961, 1982) centraliza sua discussão sobre geografia, experiência e imaginação na singularidade do que ocorre em nosso mundo interior e que tem relação direta com nosso mundo exterior. Logo no início ele redige uma forte frase “nem o mundo nem nossas imagens sobre ele são idênticas com a Geografia” (LOWENTHAL, 1982, p. 104). De partida existe uma afirmação que diferencia o mundo e nossas imagens sobre ele. Uma perspectiva que assume que o mundo se singulariza em cada um de nós e, portanto, se apresenta de modos diferentes para aquele que o experimenta. Continuo a insistir na força de tal afirmação, ainda mais lida hoje, em um contexto de massificação da cultura e das relações. Considerá-la em sua riqueza é refletir sobre formas diversas de se

experienciar o mundo, de conceber tais experiências na construção do conhecimento geográfico e na pluralidade de pontos de vista sob o mundo. Para ampliar a força desse pensamento, a referida frase destaca que a Geografia que não é idêntica nem ao mundo nem às imagens que dele temos. Então, naquele contexto e ainda hoje não é cabível pensarmos em uma Geografia única e de base epistemológica alicerçada em um modo de conceber o conhecimento. A necessidade de, constantemente, ampliarmos nossas explorações para *terrae incognitae* também ocorre com as bases epistemológicas da Geografia.

Com esta perspectiva, Lowenthal (1961, 1982) assume a ideia de que nenhum objeto se parece realmente como é, o que de forma ampliada podemos pensar no lugar e como ele é percebido- pelas pessoas. Não haverá formas, cores, texturas, sons e cheiros idênticos. O não ajuste perfeito entre o mundo e nossas imagens é salutar para que possamos conviver. Então haverá diferentes percepções e pontos de vista. A questão é como abarcar tal pluralidade no pensamento geográfico que se acostumou a categorizar de forma macro as paisagens, lugares, territórios e espaços no mundo.

Estas variações não são estáticas e fixas em algum momento da vida, Lowenthal (1961, 1982) sinaliza que tais perspectivas são transitórias porque o mundo também sofre alterações no modo como é visto em diferentes gerações e que sempre teremos um quadro parcial do mundo. Aqui menciono o parcial em dois sentidos, primeiro referente à parcialidade daquele que está no mundo, que o observa e que o experencia. Segundo, de acordo com uma parcela do mundo e não em sua totalidade. Em ambos sentidos existe uma visão do mundo concebida pela mente humana e que também tem sentido à medida em que se relaciona com nossos próprios propósitos. Uma leitura precipitada de tais afirmações poderia levar-nos a pensar em um mundo egocentrado, porém não é disto que se trata. As imagens de mundo são compartilhadas e nos permitem viver em sociedade. Estamos pensando o mundo a partir das relações singulares e plurais que compõem um vasto universo de pontos de vista sobre ele. Dessa forma é possível considerar que as relações sujeito-mundo e mundo-sujeito são tão fortes que têm desdobramentos na produção do conhecimento geográfico e este é o ponto da discussão. Ou seja, **o exercício é incorporar os mundos pessoais da experiência em dois aspectos: ao modo como o mundo externo é vivido e ao modo como o conhecimento geográfico é pensando epistemologicamente.**

Lowenthal (1961, 1982) sinaliza que existe uma complexidade nos ambientes privados e que são dificilmente acessíveis para realização de pesquisas, todavia, pensar o conhecimento geográfico rumo à exploração de terras incógnitas pessoais é algo encantador. É explorar um mundo que transcende a materialidade da realidade objetiva e, ao mesmo tempo, pensá-lo como investigação científica. É considerar as fantasias, os sonhos, os devaneios e os desejos no interior do pensamento geográfico e há muitos geógrafos que já o fazem. É partir do princípio que o conhecimento também é subjetivo e há muita riqueza a ser explorada nessas terras. Para este geógrafo, “as geografias memoráveis não são textos de compêndios, mas estudos interpretativos incorporando um acentuado ponto de vista pessoal” (LOWENTHAL, 1982, p. 137).

David Lowenthal (1961, 1982, 2015) escolheu explorar as *terrae incognitae* rumo ao ponto de vista pessoal e suas imagens sobre o mundo e se destacou no estudo sobre o passado e a perspectiva da memória. Estas imagens do mundo abarcam nossas experiências, imaginação e memória e estão imbricadas em nosso modo de ver a realidade, nossas percepções e relações circunscritas em espaço-tempo. Criamos e vivemos uma constante relação entre nossos mundos interior e exterior.

Lowenthal focalizou aspectos objetivos e subjetivos em sua concepção de conhecimento e sua ênfase no estudo sobre o passado é destaque em sua obra. Na lista de sua produção é possível destacarmos seu clássico “*The Past is a Foreign Country*” / “O passado é um país estrangeiro”, com sua primeira edição datada de 1985 e uma nova edição revistada comemorando seus 30 anos da primeira publicação.

Segundo Lowenthal (1985, 2015), entre os diferentes modos que o passado tem sido visto, ele é usado para validar o presente; assumido como tradição a ser seguida, como exemplo e ideal de vida e um tempo para ser imitado. Tais escolhas são refletidas no modo como os lugares são construídos e podem influenciar na maneira como as pessoas se relacionam com os lugares, tendo em vista que o passado se torna o referencial a ser replicado. O ponto em questão é que nosso passado pode ser revistado e ressignificado individual e coletivamente. Mesmo que possamos acreditar que deliberamos sobre nosso passado e o desejamos segregados de nosso presente, ainda assim esta separação poderá gerar conflitos em nossa consciência da realidade. Em contrapartida, preservar o

passado associa uma ideia de um tempo fixo e possível de ser separado da história. Segundo Lowenthal (1985, 2015), a preservação da história nos ajudou a ver o quanto o passado é alterado para o presente, o que significa que nós mesmos mudamos o passado, ajudando a nos libertar de mitos que restringem as percepções anteriores.

Para alcançar essa desmistificação, existem modos que podem nos encorajar a reexaminar e, portanto, a reconstruir o nosso passado pessoal, como a Psicanálise, por exemplo. Nossas atitudes no mundo muitas vezes são ancoradas em percepções do passado, mas elas também podem revelar que consciência de sentimentos e eventos escondidos há muito tempo evita a dependência do passado e nos conduz para um futuro livremente escolhido. Em todos estes casos, o passado como *terrae incognitae* para a Geografia é um campo rico e desafiador, mesmo com algumas terras já conhecidas.

Segundo Werther Holzer (2016), esta perspectiva epistemológica de David Lowenthal destaca as imagens que temos do mundo, em uma ciência que incorpora a vida e é praticada por todos, uma possibilidade de legitimar que a experiência de mundo varia entre as pessoas. Uma visão que considera a *terrae incognitae* em mundos pessoais e não a ideia de uma imagem geral. Todavia, já que alinhar a visão pessoal ao mundo exterior seria algo impossível, a riqueza dessa perspectiva está em considerar nossos mundos interior e exterior no conhecimento geográfico e em nossas práticas espaciais (LOWENTHAL, 1961, 1982). Neste caso, cada um de nós reage ao mundo externo de modo único, a partir de visões de mundo que vamos criando, editando e reeditando em nossa vida. Mas o que tenho me perguntando é como estas relações são estabelecidas com os lugares? Ou por que nos sentimos mais atraídos por alguns lugares e por que rejeitamos outros?

Wright e Lowenthal avançaram pelas terras da imaginação e da memória no interior do pensamento geográfico, mas precisamos continuar este caminho seguindo mais referências.

Através da biografia elaborada por Philippie Pinchemel (2011), podemos conhecer Eric Dardel. Nascido em 1899, geógrafo, professor de História e Geografia em alguns liceus franceses, acadêmico e referência teórica na Geografia contemporânea, principalmente, entre aqueles que se dispõem a um fazer geográfico de outro modo. Refiro-me a outro modo por se tratar de uma geografia que não busca a hegemonia, que não reforça o paradigma da ciência moderna e

que se volta para experiência humana com a Terra e para nosso viver cotidiano. Um modo que seguindo a trilha de Wright, Lowenthal e Dardel, continuamos sob a perspectiva humanista, agora com um geógrafo que produziu geografia fenomenológica e contribuiu para a história da Geografia.

A obra “O Homem e a Terra: Natureza da Realidade Geográfica” foi lançada em 1952, mas também estava à frente de seu tempo e talvez, por este motivo, o hiato entre sua publicação e difusão entre os leitores tenha se dado. Segundo Eduardo Marandola Jr. (2011), no prefácio à edição brasileira, existem registros da década de 1960 nos trabalhos de Yi-Fu Tuan, Anne Buttimer e Edward Relph sobre a obra de Dardel, mesmo assim, a maior difusão ocorreu com a tradução italiana em 1986 e a nova edição na França em 1990 e 2014 e uma edição espanhola em 2013. Então, hoje, décadas após sua publicação estamos diante e caminhando com sua obra.

Dardel não foi apenas leitor de filósofos, como Gaston Bachelard e Martin Heidegger, ele conseguiu construir a obra “O Homem e a Terra” em diálogo com os pensadores de seu tempo e a produziu para além daquele momento. Hoje ela permanece inovadora, mas já convivemos com autores e pesquisadores que têm se orientado por sua perspectiva e modo de compreender as relações que estabelecemos com a Terra, principalmente, aqueles que têm investido em uma geografia fenomenológica.

Seguindo a perspectiva dardeliana, é possível enfatizar sua delimitação em dois tipos de geografia: uma que está voltada para o mundo exterior das medições, delimitações e análises e outra como uma “geografia em ato, uma vontade intrépida de correr o mundo, de franquear os mares, de explorar os continentes. Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível, a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva” (DARDEL, 2011, p. 1). Dardel destacou duas possibilidades do fazer geográfico, enfatizou algo que nos move e, assim como Wright e Lowenthal, também se dirigiu à terras desconhecidas. Mas como esta vontade destemida age em cada um de nós? Esta inquietude geográfica nos move da mesma maneira? O que existe de singular nesta geografia voltada para o mundo interior? Ou seja, existem questões referentes a esta geografia voltada para o mundo interior que precisam ser investigadas.

Dardel nos apresenta o conceito fundamental de geograficidade ao destacar a relação concreta que nos liga à Terra, como uma relação existencial a este solo pátrio e base original da construção de nossos laços. Para David Davim esta geograficidade nos exige um

exercício de uma liberdade espiritual e subjetiva capaz de transmutar a realidade concreta, proporcionada pelo sentir a terra, em uma irrealidade imaginária, onírica e fantástica, criadora de uma perspectiva de mundo pensado. Essa irrealidade, fruto da criação do geógrafo, não se configura como algo avesso ao real, mais uma superação deste, um ir-
além-do-real. (DAVIM, 2016, p. 250)

Esta ligação existencial com a Terra nos exige “transmutar a realidade concreta”! Se estamos refletindo sobre uma ciência que tradicionalmente se voltou para a realidade concreta, este convite de Dardel é um desafio que chega a ser audacioso para muitos geógrafos. Mas ainda precisamos ponderar sobre esta noção de realidade e irrealidade. Faremos isto em capítulos posteriores. Sigamos com a noção de Terra de Dardel.

A noção de Terra foi herdada da filosofia heideggeriana, não como planeta, mas como solo fundamental a partir do qual a existência é possível. Jean-Marc Besse destaca as duas perspectivas de Terra para Dardel: como “morada do homem, quer dizer, o mundo que historicamente habita, e o fundo obscuro, o mistério reservado ao ser a partir dos quais um mundo pode se desenvolver, mas que ele jamais se esgota” (BESSE, 2011, p. 122). Ainda para Besse (2011), este termo revela, a partir da ideia de historicidade, as inserções temporal e terrestre como dimensões da existência humana.

Neste sentido, a Geografia tem como exercício a proposição de “desvelar algo que insistentemente parece escapar da consciência. A Geografia deve trazer à compreensão a cumplicidade vivida entre homem e terra, ou a compreensão da intimidade do e com o terrestre” (DAL GALLO; MARANDOLA JR., 2015, p. 185).

Esta intimidade e cumplicidade que vivemos com a Terra nos permite pensar a noção de realidade geográfica que vivemos cotidianamente. Existe algo a mais na concepção de Geografia como estudo ou descrição da Terra, mais do que a homogeneização e catalogação dos espaços. Esta grafia vivida e traçada no solo terrestre não é marcada apenas pelas ações terrestres, mas também pela ação

humana. Então, olhar para uma montanha, trabalhar com medições e curvas de nível, relacionar sua localização com placas tectônicas, considerar as intempéries a partir das influências da latitude, umidade e temperatura é importantíssimo e necessário, mas diante dessa montanha existe alguém. Quem seria esta pessoa diante da montanha? Quais motivos a levaram escolher determinada montanha para pesquisar? O que a move no mundo? Quais suas inquietações geográficas?

Previamente já podemos considerar que nenhuma resposta a estas questões será aleatória ou ao acaso. Nesta geografia do mundo interior também existem os meandros, as depressões, os cumes, as florestas, as áreas com luminosidade e as áreas com sombras, porém, não são literais, mas simbólicas. Então, com todo um universo sendo vivido internamente, como são as reverberações externas? Na verdade, nós geógrafos, estamos demasiadamente acostumados a nos voltar ao mundo externo, que silenciemos o que internamente revela nossas paixões, repulsas, atrações, medos e inquietações por esta Terra.

Dardel avançou por *terrae incognitae* na concepção da geograficidade ao afirmar que

na fronteira entre o mundo material, onde se insere a atividade humana, e o mundo imaginário, abrindo seu conteúdo simbólico à liberdade do espírito, nós reencontramos aqui uma geografia interior, primitiva, em que a espacialidade original e a mobilidade profunda do homem designam as direções, traçam caminhos para um outro mundo; a leveza se liberta dos pensadores para se elevar aos cumes (DARDEL, 2011, p. 5).

Destaco dois aspectos neste trecho. Dardel desbravou as terras da geograficidade assumindo mundo material e geografia interior em sua trilha, além disso, destacou a existência de uma fronteira que abarca e acolhe as especificidades desses universos. Então, temos um cenário em que amplamente e historicamente nos dedicamos ao mundo material, mas não somente. Temos caminhado por trilhas de geógrafos como Wright, Lowenthal e Dardel por terras ligadas ao subjetivo, ao imaginário e ao simbólico. Mas o que encontramos nessa fronteira? O que está para além das especificidades e gera uma outra perspectiva sobre nossa relação com a Terra?

Neste mapa das terras incógnitas e cógicas existem fronteiras. No limiar entre elas encontramos outra área, com influências de ambos os lados e que produzem outro olhar para Geografia. Desde o início do capítulo tenho feito uma narrativa que destaca alguns geógrafos que ousaram ao olhar para o mundo interior. Este foi o caminho que se evidenciou quando encontrei outras terras desconhecidas. Por entre as terras já avançadas pela Geografia Humanista de base fenomenológica fui me interrogando sobre este mundo interior que os geógrafos apontavam em suas reflexões, então, com a busca incessante por esta compreensão, as perguntas continuavam e outra possibilidade de estudos se desvelou: a Psicanálise.

Este encontro entre Geografia e Psicanálise traz o que é próprio de cada campo, mas também algo que é produzido nesta fronteira. A proposta é continuarmos nosso caminho através da Geografia Humanista, mas com outra base, a psicanalítica. Então, para avançarmos por estas terras, preciso pontuar neste mapa outros geógrafos, não necessariamente humanistas, e que já iniciaram o caminho por estas novas terras.

1.2– Geografias psicanalíticas: na fronteira entre terras conhecidas e desconhecidas

Naquela noite, voltei com Winnie para o número 8115 em Orlando West. Foi só então que eu sabia no meu coração que eu tinha deixado a prisão. Para mim esse endereço foi o ponto central do meu mundo, o lugar marcado com um X em minha geografia mental.

Nelson Mandela, 1990.

O encontro entre Geografia e Psicanálise trouxe muitas dúvidas sobre a possibilidade real de um fazer geográfico pautado na Psicanálise. Então foi preciso conhecer quem já havia avançado por estas terras, sob quais perspectivas haviam traçado seus caminhos e desvelar qual seria meu próprio caminhar.

Passado o susto inicial diante de uma nova ancoragem teórica, realizei buscas por este referencial no Brasil e encontrei, especificamente, cinco trabalhos de geógrafos: um trabalho apresentado no XII EGAL, com o título: “*Da Psicanálise à Geografia: o uso da associação livre para o estudo das Representações Sociais sobre os areais do SW do Rio Grande do Sul*”, cuja autora Rozalia Brandão Torres

discorreu sobre uma pesquisa que desenvolveu utilizando o método da Associação Livre no ano de 2009, com aproximações entre Geografia e Psicologia a partir das representações dos areais do litoral gaúcho. Outro trabalho intitulado “*Tornando-se professor de geografia: o papel das experiências discentes*” e a dissertação “*Ser ou não ser: o estudante de Geografia e suas escolhas profissionais à luz da Psicanálise*,” ambos de Gisele Lopes Guerra e de 2010. Neles a autora investiga dos sentidos que os estudantes de graduação atribuem ao exercício da docência a partir de uma aproximação inicial da obra de Freud. Outro trabalho publicado em 2015 com autoria de Leandro Buzzo Mourão Guimarães, com o título “*Construção do lugar geográfico de alunos com transtorno do espectro autismo em instituições públicas de ensino: contribuições da Psicanálise*”. Neste, o autor a partir da geografia da saúde e da psicanálise de Winnicott trabalha o lugar como escala de possível inclusão dos estudantes diagnosticados com o espectro autista. E outro trabalho de Alexandre Luiz Ponce Martins e Vivian Rafaella Prestes, publicado em 2017, com o título “*Mobilidade e xenofobia: considerações da Geografia à Psicanálise*”. Neste, os autores discorrem sobre a xenofobia em momentos diversos da história e dialogam com alguns textos de Freud.

Em aproximadamente uma década pouco se produziu no Brasil, mas os registros existem. Os trabalhos dialogam com a Psicanálise, mas não a tomam como base principal e não aprofundam em conceitos específicos para outra compreensão nos estudos geográficos. Então, não segui estes caminhos e continuei as buscas por produções sobre “Geografia e Psicanálise”.

A nova etapa foi fazer a busca em outros países, foi quando me deparei e surpreendi com os livros “*Psychoanalytic Geographies*”, organizado por Paul Kingsbury e Steve Pile (2014) e “*Real Cities: Modernity, Space and the Phantasmagorias of City Life*” de Steve Pile (2005). Estava diante de geógrafos que já haviam iniciado um percurso para as terras desconhecidas da Psicanálise na ciência geográfica.

A partir dos dois livros tive acesso às pesquisas, publicações e pesquisadores norte-americanos e, em seguida, aos espanhóis, franceses, argentinos e britânicos. A partir dessa produção pude visualizar em qual contexto esta pesquisa se insere, qual a possibilidade de contribuição à Geografia brasileira e quais recortes poderia realizar nesta pesquisa.

O livro organizado por Paul kingsbury e Steve Pile com o título “*Psychoanalytic Geographies*” é composto por 19 artigos de 25 pesquisadores. Estes autores estão lotados em instituições nos Estados Unidos, Austrália, Inglaterra, Canadá, Escócia e México e no encontro anual da *American Association of Geographers* de 2011, decidiram agrupar as pessoas e suas pesquisas envolvendo Geografia e Psicanálise e organizaram o referido livro. Foi a partir deste livro que comecei a busca por conhecer os autores e seus referenciais.

Kingsbury e Pile (2014) já na introdução afirmam que a psicanálise é rica e mal aproveitada pelos geógrafos. Esta é uma importante afirmação, mas na verdade, tenho enxergado tanta riqueza neste campo e tantos desdobramentos para a Geografia, que este “pouco” também faz referência à potência que tal aproximação pode promover para nossa epistemologia. Uma de suas riquezas está na abertura à pluralidade e à diversidade que é a vida. Para os autores, os geógrafos ao terem contato com a psicanálise não demoraram para reconhecer esta riqueza. Então, ao enxergar a possibilidade de compreendermos o Inconsciente no mundo exterior e os mundos exteriores no mundo do Inconsciente, um vasto campo teórico nos abre na geografia brasileira.

Esta coletânea de artigos sinaliza um projeto não só em reunir pesquisadores da área, mas também apontar novas perspectivas, espaços e linhas de pesquisas. No exercício de agrupar pesquisas plurais, os capítulos (em livre tradução) estão organizados em quatro grandes temas: “*Histories and Practices*” (Histórias e práticas); “*Psychic life and its spaces*” (Vida psíquica e seus espaços), “*The technologies of becoming a subject*” (As tecnologias no tornar-se sujeito) e “*Social life and its discontents*” (Vida social e seus descontentamentos). A pluralidade também se revela no vasto referencial do campo, como por exemplo, com Copjec, Freud, Irigaray, Klein, Kristeva, Lacan, Laing, Laplanche, Winnicott, Zizek e Jung. Além disso, ela também pode ser vista na construção dos artigos envolvendo onze filmes em suas análises. Este livro é provocativo, apresenta capítulos com discussões sofisticadas entre os campos, mas pressupõe leituras psicanalíticas ou deixa aos geógrafos pistas e caminhos a serem aprofundados.

O geógrafo Thomas Jellis (2015) de *Oxford-UK*, publicou uma resenha sobre o referido livro “*Psychoanalytic Geographies*” e destaca que, apesar dos geógrafos abordarem conceitos centrais para a Psicanálise, como o Inconsciente, a transferência, as pulsões e a repetição, existe uma unilateralidade nesta

aproximação que o incomoda e que a psicanálise muitas vezes aparece como teoria e não como método. Na verdade, a partir de tal incômodo, preciso discorrer sobre este campo.

Segundo Laplanche e Pontalis (1997), esta disciplina fundada por Freud é distinguida em três possibilidades que não estão em ordem de procedimentos, apenas como distinção:

Primeira: ela é

um método de investigação que consiste essencialmente em evidenciar o significado inconsciente das palavras, das ações, das produções imaginárias (sonhos, fantasias, delírios) de um sujeito. Este método baseia-se principalmente nas associações livres do sujeito, que são a garantia a validade da interpretação. (LAPLANCHE; PONTALIS, 1997, p. 384-385)

A segunda é “um método psicoterápico baseado nesta investigação e especificado pela interpretação controlada da resistência, da transferência e do desejo. [...] neste sentido é sinônimo de tratamento psicanalítico” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1997, p. 385).

A terceira é “um conjunto de teorias psicológicas e psicopatológicas em que são sistematizados os dados introduzidos pelo método psicanalítico de investigação e de tratamento” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1997, p. 385).

Com estas três possibilidades podemos retomar o incômodo de Thomas Jellis (2015) ao identificar o uso da psicanálise pelos geógrafos mais como teoria do que como método. Não estamos falando de um campo constituído como um grande arcabouço teórico para livre uso e construção de reflexões e pesquisas. Trata-se de um campo constituído claramente em sua incidência clínica e com teorias originadas e destinadas a um tipo de tratamento oferecido por profissionais com expertise na área.

Todavia, a Psicanálise enriquece o pensamento geográfico ao compreendermos que existe o Inconsciente em sua força e potência que pode ser lido através de um método de investigação que evidencia significados. Ou seja, minha preocupação, cuidado e respeito a este campo também consiste em não praticamos o que Freud chamou de psicanálise selvagem, na qual é feita uma interpretação “que desconhece uma situação analítica determinada, na sua dinâmica atual e na sua singularidade, principalmente revelando de modo direto o conteúdo

recalcado sem levar em conta as resistências e a transferência” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1997, p. 387). Dessa forma, apenas como geógrafa não posso ir a campo com intuito de reproduzir uma investigação psicanalítica da clínica, expor o entrevistado às situações onde eu vá dizer diretamente a ele sobre algo que nem ele tenha consciência. Dito de outra forma, não posso e não devo desvelar um conteúdo recalcado ao entrevistado e ignorar que existem condições ao longo do tratamento para que isto aconteça. Então pensar em aplicação de um método psicanalítico é considerar radicalmente as especificidades deste campo diretamente ligado à investigação e tratamento clínicos. Sinalizo a prudência que devemos ter ao discutirmos o par teoria e método como discutiríamos o mesmo par em outros campos.

Diante das três possibilidades de entendimento sobre a psicanálise, o destaque é para o olhar dos geógrafos para detalhes e especificidades na escala individual, não para um fazer psicanalítico, mas para um fazer geográfico que considere, efetivamente, o Inconsciente em nossas ações e reflexões.

Destacando alguns geógrafos que já trabalham nesta perspectiva, encontramos na *Glasgow University-UK* dois pesquisadores: Hester Parr e Christopher Philo. Hester Parr desenvolve pesquisas sobre experiências de pessoas temporariamente desaparecidas, sobre geografias emocionais e relações geográficas com o tema da saúde mental e nos sinaliza caminhos investigativos sobre a vida psíquica e diferentes experiências urbanas. Christopher Philo também está voltado à temática da saúde mental, no entanto seu olhar está focado nas geografias históricas, culturais e rurais. Em publicação conjunta, Philo e Parr (2003), destacam o grande marco temporal para os estudos que compõem as geografias psicanalíticas está na década de 1990 com produções de Steve Pile (1991, 1993, 1996 e 1998) e David Sibley (1995) com a discussão na obra “*Geographies of exclusion*”, o que não significa negar aproximações anteriores estabelecidas com a psicologia e rastros antecedentes a este giro psicanalítico.

No entanto, é preciso salientar um importante nome que se destaca neste processo. O geógrafo Steve Pile leciona Geografia na *Open University-UK*, e tem se dedicado a pesquisas sobre lugar e política de identidade e ao corpo e a cidade. Em 1996 ao publicar “*The body and the City: Psychoanalysis, subjectivity and space*” estabeleceu o marco da abordagem psicanalítica em Geografia de modo ancorado na Geografia Cultural. Na obra, as relações entre o mundo individual e o mundo

externo foram construídas principalmente a partir de Freud e ele nos faz inúmeros questionamentos sobre as reais possibilidades de pesquisa que os geógrafos poderão desenvolver com a base psicanalítica. A partir daquele momento investiu nesta perspectiva e posso destacar apenas alguns de suas obras que contribuem efetivamente com a temática, como *"Practising interpretative geography"* (1991); *"Mapping the subject: geographies of cultural transformation"* (1995); *"Places through the body"* (1998); *"Freud, dreams and imaginative geographies"* (1998); *"Real cities: modernity, space and the phantasmagorias of city life"* (2005); *"Where is the subject? Geographical imaginations and spatializing subjectivity"* (2008), *"Intimate distance: the unconscious dimensions of the rapport between researcher and researched"* (2010) e *"For a geographical understanding of affect and emotions"* (2011).³

Steve Pile (1991) sinalizou na década de 1990 algo que também vivíamos no cenário da Geografia brasileira. Nossa busca por compreender a experiência subjetiva do espaço e seus significados foi se intensificando e hoje se apresenta com outras possibilidades de leitura e bases teóricas. Esta abertura também se deu na expansão de métodos e teorias de interpretação sobre as relações entre nossos mundos interior e exterior. Algo que vai ao encontro do que David Smith (1977) lindamente aponta ao indicar que estamos caminhando para uma "geografia das pessoas, sobre pessoas reais e para pessoas"⁴ (SMITH, 1977, p. 370).

Dizer que um lugar nos afeta, que nos sentimos bem em um determinado lugar ou que ele tem centralidade em sua significância é um ponto. O outro é compreender o porquê, o como isto ocorre e os efeitos disso em nossas vidas. Isto, em meu entendimento, é olhar para as pessoas e praticar uma Geografia com e para as pessoas. Esta abertura e possibilidade encontro na Geografia Humanista Cultural brasileira.

Todavia, preciso destacar uma diferença a respeito dessas geografias que tenho investigado. Segundo Liz Bondi (2009) existem muitos trabalhos de geógrafos que têm estudado as distribuições espaciais de fenômenos ligados à psicoterapia, como por exemplo, "a incidência geográfica das doenças mentais, a

³ Livre tradução: Praticando geografia interpretativa" (1991); "Mapeando o sujeito: geografias da transformação cultural" (1995); "Lugares através do corpo"(1998); "Freud, sonhos e geografias da imaginação" (1998); "Cidades reais: modernidade, espaço e fantasmagorias da vida urbana" (2005); "Onde está o sujeito? Imaginações geográficas e espacialização da subjetividade "(2008); "Distância íntima: as dimensões inconscientes do relacionamento entre pesquisador e pesquisado" (2010); "Para uma compreensão geográfica do afeto e das emoções" (2011).

⁴ It is a "people geography", about real people, and for the people.

geografia histórica da loucura, a disponibilidade e a acessibilidade dos serviços psiquiátricos e o espaço experiências associadas a distúrbios mentais específicos” (BONDI, 2009, p. 498). Esta é uma abordagem rica, com muitos estudos, inclusive desenvolvidos pela geógrafa na *University of Ediburgh-UK*, mas que não integra, neste momento, minha agenda de pesquisa. Liz Bondi (2009) ainda agrupa outras possibilidades de interface entre os campos, quer seriam: uma Geografia formada pela teoria psicanalítica; o uso de conceitos psicoterapêuticos como recursos para enfatizar e explorar as relações, a interação e a mobilidade intersubjetiva da emoção; e, como a partir de Steve Pile, considera a relevância dos conceitos psicanalíticos, principalmente de transferência e contratransferência para a geografia humana interpretativa e nos debates sobre metodologia.

Diante desse agrupamento e pelo modo como as pesquisas têm sido desenvolvidas, um alerta precisa ser feito em relação ao que Felicity Callard (2003) denomina de “domesticação da psicanálise” em seu texto “*The taming of psychoanalysis in geography*” (2003). Este texto e autora também são um marco para as referidas geografias psicanalíticas. A geógrafa leciona Ciências Sociais para Humanidades Médicas em *Durham University-UK* e tem uma vasta produção em pesquisas que abordam a psiquiatria, psicologia, psicanálise e neurociência cognitiva nos séculos XX e XXI.

Para Felicity Callard (2003) na década de 1990 a mudança ou giro psicanalítico na Geografia social e cultural puderam ser vistos através de referenciais como Freud, Lacan, Klein, Winnicott, Kristeva e outros. Algo ainda não vivido na geografia brasileira. Esta mudança possibilitou aprofundar e reorientar nossos entendimentos de subjetividade e formações socioespaciais. O perigo que autora destaca é o de forçar, domesticar, domar os conceitos psicanalíticos para que a psicanálise se torne compatível e palatável com a teoria que ancora a geografia social e cultural. No entanto, ela sinaliza e concordo que, neste momento podemos trabalhar com os conceitos trazidos à luz para a epistemologia da Geografia, mas para isto precisam ser assumidos e refletidos, e não, domesticados.

Segundo Felicity Callard (2003), a Psicanálise entrou na Geografia através de diferentes rotas. Estas rotas variam entre pesquisadores e através das histórias de vida de cada um de nós. Da mesma forma existe a pluralidade de temas investigados na relação direta com a história de vida e com o modo como a psicanálise se apresentou a cada pesquisador. Através dos estudos de Callard

(2003), alguns, por exemplo, a encontram como possibilidade de dizer sobre as diferenças e resistências diante das formações hegemônicas da masculinidade, da brancura e do ocidente, então, os estudos feministas produziram reflexões e reivindicações à Geografia. Outros entram a partir de contato pessoal com a terapia analítica e outros na busca por compreender fenômenos espaciais vividos na contemporaneidade. O que nos une, mesmo com temporalidades e agendas de pesquisas diversas, é a possibilidade de encontrarmos na psicanálise uma força conceitual para abordar questões geográficas urgentes e emergentes em diferentes universos da pesquisa sobre a vida psíquica. Destaco a prudência de Liz Bondi (1999b) ao sinalizar que, ainda assim, as experiências foram diferentes para cada um dos geógrafos.

Para Liz Bondi (1999a), a geografia humana contemporânea teve forte influência da teoria psicanalítica, não só pelo aumento na produção como nas apropriações feitas pelos geógrafos. A autora listou as principais influências nesta produção pós década de 1990. A lista não é de forma alguma exaustiva, mas nos apresenta um horizonte de autores e referências no campo da Psicanálise.

Algumas influências psicanalíticas na Geografia	
Autores na Geografia	Principais referências na Psicanálise
Steve Pile	Sigmund Freud
David Sibley	Melanie Klein e Julia Kristeva
Stuart Aitken Thomas Herman	Donald Winnicott
Gillian Rose Liz Bondi Virginia Blum Heidi Nast	Jacques Lacan
Pamela Shurmer-Smith Kevin Hannam Gillian Rose	Luce Irigaray

Adaptada de (BONDI, 1999a, p. 15).

Com este cenário sobre as influências psicanalíticas, pude avançar nas buscas pela produção de Steve Pile, já priorizando a psicanálise freudiana. Segundo Pile (1993), a procura pelo entendimento sobre o ser humano também é pela compreensão das relações externas e internas, ou sociais e individuais.

Para Steve Pile (1993) é inconcebível a compreensão da subjetividade no interior do pensamento geográfico sem a reflexão e a incorporação da psicanálise em nossa base teórica. Sua ideia é mostrar como grandes conceitos psicanalíticos estão em nossa vida cotidiana, em nossa constituição individual e social. Para o autor, a Geografia Humanista de base fenomenológica é um grande marco referencial para a possibilidade de reflexão sobre a subjetividade. A partir de sua perspectiva, a noção fenomenológica de intencionalidade sugere que cada ser é o foco de seu próprio mundo, como um sujeito intencional e conhecedor dos significados das palavras que usa.

Este é um ponto na fronteira que tenho me referido. Com Steve Pile estamos diante de um geógrafo que já tem avançado sobre terras da subjetividade, por meio da psicanálise, e que reconhece o caminho feito por outros geógrafos, em especial aquele que optam pela Geografia Humanista de base fenomenológica. Estou nesta fronteira, também reconheço os movimentos anteriores e assumo a continuidade da caminhada para as *terrae incognitae* do Inconsciente na ciência geográfica.

A grandeza e a riqueza apresentadas nos referidos percursos se tornaram um marco não só para aqueles contextos, mas para hoje, ao nos encorajar a refletir e pesquisar sobre as *terrae incognitae* que aproximam Geografia e Psicanálise a partir e no interior do campo da Geografia Humanista, um campo que sempre se fez na abertura a outros campos e bases teóricas. Neste sentido, **avançarei sobre as *terrae incognitae* do Inconsciente na experiência geográfica de lugar.**

Com a psicanálise e a ênfase no Inconsciente, podemos considerar, também, que não controlamos integralmente o uso e escolhas de nossas palavras. Para o psicanalista francês Roland Chemama (1995), “a descoberta freudiana pressupõe a existência de um psiquismo inconsciente, que nos determina, sem que o saibamos, inconsciente que não é uma simples ausência da consciência, mas o efeito estrutural de um recalçamento” (CHEMAMA, 1995, p. 167). Esta noção do “sem que saibamos” também nos acompanhada nas afeições que sentimos pelos lugares e que precisa ser considerada para uma maior compreensão das relações entre pessoas e lugares. Isto reflete no modo como apresentamos nosso mundo e com ele nos relacionamos. Compreender os processos psíquicos na maneira pela qual nos relacionamos com os lugares e pessoas é considerar que existem manifestações que não são deliberadas pela consciência.

Neste sentido, o saber como algo consciente não é o centro, mas a consideração que nossas experiências vividas com outras pessoas e nos lugares provocam marcas, que podem ou não serem lembradas, e elas estão diretamente ligadas ao modo como vivemos e nos afetamos no mundo, como o sentimos e como ele nos deixa suas impressões. Não é possível que os significados de nossas experiências e marcas sejam totalmente desvelados, nem sabidos. Neste caso, esta busca por considerar o Inconsciente na experiência geográfica é por algo que acompanha a consciência do sujeito conhecedor, sem que seja por ele conhecido.

Dessa forma, existe um ponto de tensão neste argumento. Nesta pesquisa a palavra nos apontada para a geografia das pessoas, para suas subjetividades, para conhecer suas geograficidades, para discorrer sobre suas relações topofílicas, para interpretação de seus lugares e para compreender os laços entre pessoas e lugares. A palavra nos guia por entre geografias das terras desconhecidas.

A tensão que menciono, está em considerar que, apesar centralidade na palavra, ela não é concebida apenas conscientemente, mas também, de modo inconsciente, portanto, sem nosso controle e deliberação sobre seu uso constantemente. Isto significa considerar que, nos vínculos que estabelecemos com os lugares, existe algo que nos acompanha, nos faz vincular, mas não sabemos (conscientemente) o que é. Ao criarmos estes laços e narrarmos nossas experiências, existe algo que é incomunicável, não como segredo, mas como não conhecimento, como um não saber. E é sob este aspecto que nossos mundos interno e externo se relacionam e somos constituídos.

Refletir sobre uma geografia das pessoas não é só focar nos mecanismos psíquicos, mas também nos atentar que somos socializados e nos constituímos em contextos circunscritos no tempo-espço e atravessados por diferentes escalas. É colocar sob a luz estas duas dimensões de nossa constituição: a psíquica e a espacial. Neste ponto, pensar tal relação a partir de Freud é considerar que a consciência não é a base ou a chave de leitura para compreendermos a experiência humana, mas sua concepção de inconsciente e consciente que nos rege.

Segundo Freud (2014 [1916-1917]), se algum processo permaneceu inconsciente isto não significa um destino em si, mas um afastamento da consciência, ao mesmo tempo em que não significa que todo processo psíquico inconsciente se revelará de modo consciente. Compreender geograficamente tais

mecanismos aumenta nosso entendimento sobre processos socioespaciais. Nossos afetos pelos lugares e ações estão interligados, dessa forma, precisamos aprofundar a discussão sobre subjetividade em nosso campo e avançar para algo que não é consciente, mas que se faz presente. Para isto, em capítulo posterior poderemos nos voltar à compreensão do Inconsciente freudiano.

Tenho enfatizado a ideia de que aquilo que não é sabido por nós, de forma consciente, também nos acompanha no modo como nos relacionamos com os lugares. O adjetivo inconsciente, segundo Laplace e Pontalis (1992), tem seu uso muito associado aos conteúdos que não estão presentes na consciência. No sentido tópico ele é “constituído por conteúdos recalçados aos quais foi recusado o acesso ao sistema pré-consciente-consciente pela ação do recalque” (LAPLACHE; PONTALIS, 1992, p. 235). Outra grande característica do Inconsciente, relevante para esta pesquisa, é que seus processos “são atemporais, isto é, não são ordenados temporalmente, não são alterados pela passagem do tempo, não têm relação nenhuma com o tempo” (FREUD, 2010 [1915], p. 128). A referência do tempo está ligada ao sistema consciente. Dessa forma, algo que foi experienciado e gerou marcas pode ser vivido como se “o tempo não tivesse passado”. Uma experiência pode ser narrada como se a pessoa ainda estivesse diante do ocorrido e a mesma coisa sobre o lugar, ela pode estar em um lugar e vivendo algo que não está circunscrito a ele. Quantas vezes não estamos em algum lugar e de repente nos observamos com o olhar fixo para algo que não está ali e ainda usamos a expressão: “estava viajando”. Esta menção a uma “viagem” é a possibilidade de nos descolarmos mentalmente por entre lembranças e imaginações de outros tempos e espaços. Estes descolamentos têm ocorrido ao longo da pesquisa a medida em que os entrevistados se deslocam para outros tempos e lugares de suas experiências.

Esta sensação que deslizamos sobre o tempo vivido também não é sempre deliberada por nós. Algumas vezes nos deslocamos por buscarmos alguma lembrança e em outras o Inconsciente se manifesta sem nossa escolha intencional, como nos sonhos, por exemplo. Estes tempos e espaços fragmentados ou não ordenados em uma sucessão passado-presente-futuro, no sonho são vividos como presente. Do mesmo modo quando somos tomados por lembranças que se presentificam ou por sentimentos que desconhecemos a origem.

Este modo de compreender o humano a partir da Psicanálise também oferece à Geografia outro modo de compreender a experiência humana de lugar e

tantas outras possibilidades de se experienciar o mundo. Steve Pile (1998) no capítulo publicado “*Freud, dreams and imaginative geographies*”⁵, por exemplo, defende que entender as relações espaciais no universo da mente pode ajudar a entender os sintomas e as relações com o mundo exterior. Se me identifico com a perspectiva teórica da Geografia Humanista, também tenho esta vontade de me aprofundar neste estudo sobre o humano. E o que pode ser mais do humano do que sua constituição psíquica, seu mundo interior, seus afetos, suas frustrações, suas lembranças e esquecimentos? Ressalto que esta pergunta é totalmente inserida na Geografia e se aplica, neste caso, à busca por compreensão de tais processos em relação à constituição do lugar. Logo, **como o ser humano constitui e se relaciona com os lugares a partir e com sua constituição psíquica, seu mundo interior, seus afetos, suas frustrações, suas lembranças e esquecimentos?**

O geógrafo Paul Kingsbury com base lacaniana, desenvolve pesquisas na *Simon Fraser University* no Canadá, sobre práticas espaciais ligadas à vida cotidiana das pessoas, como o futebol, o turismo e a arte, por exemplo. Para Paul Kingsbury (2007), “a eficácia clínica da psicanálise envolve a sua capacidade de mapear as formas contingentes historicamente e geograficamente que uma pessoa se relaciona com o mundo, isto é, a verdade singular de seu desejo e seu único *modus operandi*” (KINGSBURY, 2007, p. 239). Nossa área de atuação não é clínica, mas a busca por compreender modos de ver, sentir e agir no mundo nos aproxima de tal campo. Existe uma riqueza entre o que parece uma regra geral, como o Inconsciente e seu funcionamento, por exemplo, e suas singularidades quando investigamos cada pessoa. David Sibley (2003) destaca o peso do inconsciente e da dimensão emocional nas relações sociais e espaciais, algo que geograficamente precisa ser continuamente explorado em sua potência. Fui atraída pela psicanálise para aprofundar a compreensão das pessoas e do lugar, como o que John Wright lindamente disse e repito neste texto: “As mais fascinantes *terrae incognitae*, entre todas, são aquelas que ficam dentro das mentes e corações dos homens” (WRIGHT, 1947, p. 15).

Então, retomo a epígrafe desta seção: “Naquela noite, voltei com *Winnie* para o número 8115 em *Orlando West*. Foi só então que eu sabia no meu coração que eu tinha deixado a prisão. Para mim esse endereço foi o ponto central do meu

⁵ Livre tradução: Freud, sonhos e geografias imaginativas.

mundo, o lugar marcado com um X em minha geografia mental” (MANDELA, 2012). Naquela noite de 11 de fevereiro de 1990, Nelson Mandela deixou a prisão e voltou para um endereço cartografado e localizável. Mas não era sobre isto que dizia. Não era uma coordenada geográfica que sinalizava que aquele era um ponto diferente do ponto em que se localizava a prisão onde estava, era um endereço lido pelo coração. Seu coração com seus sentimentos sabiam a diferença entre liberdade e prisão, e aquele endereço simbolizava isto. Dizer que aquele ponto da Terra era seu ponto central, um ponto central no seu mundo, é evidenciar a relação entre o mundo interior e exterior para uma Geografia que compreende o lugar como centro de significância. Um lugar marcado com um X que pode fazer alusão ao mapa e suas localizações, mas não em um mapa tradicional, e sim naquele constituído em sua geografia mental, uma geografia do mundo interior. Dentre muitas belezas dessa frase e do contexto em que foi dita, Mandela estava diante de um endereço, mas seu coração, suas memórias e seu mundo interior faziam com que ele sentisse e enxergasse algo que só era possível a ele. A nós, coube imaginar este lugar a partir de seu dizer, um lugar que seu coração reconhece e que suas palavras nos apresentam como um lugar no mapa de sua geografia mental.

Um ponto especial na geografia mental de Nelson Mandela pode ser encontrado no sistema de coordenadas geográficas. Observe que algo significativo foi vivido por Mandela em um determinado ponto da superfície da Terra, mas intimamente aquele ponto não era um local qualquer, mas um lugar em seu coração. Temos alguém nos dizendo da unidade vivida entre um local, um lugar em sua memória, uma localização terrestre e um ponto central no coração. É isto! A geografia mental não se restringe à exclusividade da mente. Trata-se da mente de alguém, que vive no mundo, o percebe, o sente, o experencia e convive com as marcas psíquicas desse viver. É junto! É alguém em sua integralidade no mundo.

A geografia das terras desconhecidas trabalha com os registros psíquicos, lembrados ou esquecidos, daquilo que cada um de nós vive. Um viver que é lugarizado na Terra. Esta geografia tem suas especificidades e precisamos avançar rumo às terras do Inconsciente e dos lugares.

1.3– Lugar de Yi-Fu Tuan: um encontro através de muitas máximas como caminho

O que nos une aos lugares? Talvez esta tenha sido a questão de fundo que sempre esteve presente em todas as outras perguntas que me fiz desde a aproximação com o conceito geográfico nomeado como lugar. Por muito tempo procurei as respostas com foco no lugar até intuir que se tratava de uma busca por compreender a natureza humana em sua menor escala.

De nenhum modo esta busca separa pessoas e lugares, ao contrário, ela nasce considerando esta indissociabilidade e tem como objetivo a compreensão do que une pessoas e lugares. Então, nos aproximamos de mais uma referência nesta caminhada rumo às *terrae incognitae*: Yi-Fu Tuan.

Tuan é um geógrafo lido por estudiosos de outros campos, talvez este seja um dado que já tenha me capturado desde os primeiros contatos com “Espaço e Lugar - a perspectiva da experiência” (TUAN, 1983) e “Topofilia - Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente” (TUAN, 1980), ambos com novas edições em português em 2013 e 2012 respectivamente. Sua capacidade de dizer para outras áreas do saber nos permite aumentar nosso campo de diálogo e pesquisas. Tuan não fez isto apenas com os autores de diferentes campos que leu, ele nos permite fazer isto como leitores de sua obra. Então, destaco uma admiração por sua obra, mas também pelo modo como sua produção produz efeitos entre geógrafos e não-geógrafos.

Tuan é um geógrafo humanista no mais belo sentido dessa combinação, e não apenas por ser um dos fundadores da Geografia Humanista, mas por sua reflexão voltada para o entendimento da humanidade e atitude humanista para a ciência geográfica. Para Letícia Pádua, “a geografia de Tuan é uma procura para encontrar os sentidos universais nas experiências particulares” (PÁDUA, 2013, p. 15). Em sua atitude humanista, abordou temas atravessados por sua sensibilidade, como o medo, a bondade, a fuga do mundo, algo sempre inovador para a Geografia (PÁDUA, 2013).

Não por acaso minha admiração pelo conhecimento geográfico produzido por Yi-Fu Tuan também é atravessada por uma de suas fortes referências: o psicólogo Jean Piaget. Tuan escreveu sobre a construção da noção de lugar e mundo das crianças inserido na abordagem cognitivista e voltou-se para a escala da pessoa e suas relações no mundo.

Place is created by human beings for human purposes. Every row of trees or of houses originally existed as an idea, which was then made into tangible reality. A building, a park, or a street corner does not, however, remain a place simply because it is tangible reality and was originally designed as a place. To remain a place it has to be lived in. This is a platitude unless we examine what "lived in" means. To live in a place is to experience it, to be aware of it in the bones as well as with the head. Place, at all scales from the armchair to the nation, is a construct of experience; it is sustained not only by timber, concrete, and highways, but also by the quality of human awareness. (TUAN, 1975, p. 165)⁶

Para Tuan (1975) o lugar precisa ser vivido para permanecer como tal. Viver que, para o geógrafo, é experimentar. Destaco sua perspectiva que, em meados da década de 1970, assumia o lugar que nos encarna “nos ossos e na cabeça” e que é sustentado pela concretude e pela “qualidade da consciência humana”. Hoje, podemos avançar pelas terras do Inconsciente e reconsiderar esta relação entre consciência e lugares, mas já havia a sinalização de que o lugar está para além da materialidade, ao mesmo tempo, em que existe nela.

Na Geografia contemporânea caminhamos por uma terra conhecida, mas que outrora já foi incógnita: a experiência de mundo. Com Tuan passamos a olhar e buscar compreender a experiência humana no espaço terrestre e nossas relações com os lugares. A “experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade” (TUAN, 2013, p. 17). Para Tuan (2013), da mesma forma o sentido de lugar está ligado ao modo como

⁶ Livre tradução: “Lugar é criado por seres humanos para fins humanos. Cada fileira de árvores ou casas existia originalmente como uma ideia, que foi transformada em realidade tangível. Um edifício, um parque ou uma esquina não permanece, no entanto, simplesmente porque é uma realidade tangível e foi originalmente concebida como um lugar. Para permanecer um lugar ele precisa ser vivido. Isso é uma trivialidade a menos que examinemos o que significa ‘vivido’. Viver em um lugar é experimentá-lo, ter consciência dele tanto nos ossos quanto na cabeça. O lugar, em todas as escalas, desde a poltrona até a nação, é uma construção da experiência; é sustentado não só pela madeira, pelo concreto e pelas estradas, mas também pela qualidade da consciência humana”.

experimentamos o mundo através de nossos sentidos, pela simbolização, pelo colorido das emoções e por meio da intersubjetividade. Sua perspectiva alia sensação, percepção, concepção, emoção e pensamento à experiência humana, algo que implica na capacidade de aprender a partir da própria vivência. Dessa forma, o lugar como fruto da experiência humana foi algo inovador para a ciência geográfica e há algumas décadas as pesquisas já têm sido realizadas neste bojo. Lugares que enfaticamente foram diferenciados dos espaços e que se tornaram centrais nos estudos humanistas na Geografia.

Então, vamos prosseguir com algumas máximas difundidas a partir do pensamento de Yi-Fu Tuan. O geógrafo Yi-Fu Tuan adota o termo topofilia como “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vivido e concreto como experiência pessoal” (TUAN, 2012, p. 19). Esta definição clássica e mundialmente citada (MARANDOLA JR., 2013), tornou-se uma máxima entre geógrafos que trabalham com o termo. Isto não é um juízo de valor, mas a sinalização de que a repetição de uma citação clássica a colocou em um patamar indiscutível. Neste sentido, a escolha pelo uso da palavra indiscutível se apresenta por dois motivos: primeiro, porque a definição de Yi-Fu Tuan é referência mundial, um marco para o pensamento geográfico, uma ideia que transcendeu a própria obra na qual está inserida e a abertura para considerarmos os lugares para além da materialidade. O segundo motivo associa as palavras indiscutível e máxima. A definição clara e objetiva parece que vai ao encontro das buscas feitas por geógrafos, especialmente sobre lugares, e os mantêm protegidos e atendidos pelo termo. Dito de outra forma, estamos há algumas décadas reproduzindo uma definição e, a partir dela, ampliamos lateralmente os estudos, significados e desdobramentos. Então, apesar de avançarmos na discussão sobre topofilia, nós geógrafos não aprofundamos na riqueza da própria definição do termo. Permanecemos sob a égide de uma máxima no pensamento geográfico, como algo que não precisa de mais aprofundamento ou que ainda não tenha sido discutido dessa forma.

Com estes dois motivos pela escolha do vocábulo “indiscutível”, aponto que temos campo na própria ciência geográfica para reflexão sobre topofilia e que precisamos avançar em profundidade, e não apenas lateralmente, naquilo que está consagrado na obra de Yi-Fu Tuan e tem sido reproduzido posteriormente à sua publicação. É manter Tuan como grande referência e colocar sua em movimento.

A perspectiva de Tuan trouxe uma beleza possível de ser sentida no modo como nos apresentou a noção de lugar. Ao afirmar que o lugar encarna experiências e aspirações de um povo, que é entidade única e que recebe significado através das pessoas (TUAN, 2013), o geógrafo nos abriu a possibilidade de considerarmos o lugar para além de um ponto de localização ou como um local. Desde então, produzimos inúmeras pesquisas sobre a percepção das pessoas sobre os lugares, sobre suas experiências nos lugares e sobre o sentido e significado de lugares para grupos ou pessoas. As pessoas passaram a ser destacadas em pesquisas sobre lugares. Isto é incrível! Não podemos nos esquecer da grandeza dessa perspectiva em uma ciência com foco espacial que tendeu, por muitos anos, a separar pessoas e lugares.

Para Tuan (2013), a constituição dos lugares por meio da experiência reforça a condição do lugar como único. A experiência abrange diferentes maneiras de se conhecer e construir a realidade, passando pelos sentidos, pela simbolização e pelo colorido das emoções. Ela permite a interpretação do lugar e implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Existe a riqueza da experiência pessoal na percepção sobre o lugar e encontramos na Geografia, depois de sua renovação, campo para questionarmos e refletirmos sobre esta relação entre experiência pessoal e lugar.

Outra máxima muito recorrente está pautada no lugar como centro de significado construído pela experiência (TUAN, 1975). Esta definição, inúmeras vezes citada, nos aponta que o lugar não é toda e qualquer localidade, mas aquela que tem significância afetiva para alguém ou grupo de pessoas. Um lugar como centro de significado, como lugar da experiência e com vínculo afetivo. Mas o que é um centro de significado?

Estamos diante de uma definição que amplia ou aprofunda nossa visão sobre quem atribui ou vive o lugar como centro de significado. Ir além é observar que não se trata de qualquer localidade porque a variação de significados está na pessoa. Então, se ela está em cada um de nós, será ele quem irá diferenciar as localidades e não os lugares que serão diferentes em si. Caso contrário, em tese, qualquer localidade poderia ser centro de significância por ela mesma. Na verdade, se a variação e intensidade da experiência estão na pessoa, então, qualquer lugar que ela estabeleça relação e vínculo afetivo, poderá ser centro de significado, mas porque cada um vive esta possibilidade. Entretanto, muitas perguntas ainda podem

ser feitas. Como são as experiências que nos vinculam aos lugares? Como um lugar torna-se um centro de significado? Sempre li e ouvi que o lugar é um espaço de afeto. Mas por quê? O que afeta? Como afeta? Como algo transforma ou significa um espaço em lugar? O que acontece ali? O que o sujeito diz sobre si a partir do lugar? Como conceber a ideia de consciência e inconsciente na relação com o lugar?

Estas são perguntas que estão nos conduzindo por entre as máximas geográficas enquanto, gradualmente, apresento outra perspectiva para pensarmos os lugares. As máximas originadas na produção do conhecimento de Yi-Fu Tuan não são para serem derrubadas, são referências.

Yi Fu Tuan (1996) inicia seu livro *"Cosmos and hearth"* contando sobre o retorno de alguém ao aconchego do subsolo de seu lar. Ele descreve seu passeio pelo quarto e sob o suave brilho de sua fogueira e ao redor de coisas amigavelmente familiares. Mas Tuan afirma que apesar dessa atmosfera, Mole não havia voltado para ficar, tão logo ela retornaria para o mundo no andar superior. Esta passagem é de uma beleza e força que não podia deixar de pensá-la nesta pesquisa. As pessoas com as quais conversei nesta pesquisa sinalizam um deslizar sobre o tempo, uma saudade do que foi vivido, um coração apertado pelas lembranças, um peito com falta de ar ao falar dos lugares, mas categóricas no apontamento de que a vida seguiu. Elas podem ir ao subsolo das lembranças e sentirem seus efeitos, mas posteriormente fazem o movimento de retorno à vida que lhes é possível. Existe um centro de significância, mas ele não é o ponto final, ele é partida. Ele não é um retirar-se do mundo, ele está no mundo. A beleza também está no movimento entre a casa e mundo, ou do coração ao cosmos (TUAN, 1996). Um movimento que fez Mole sair do lugar, em uma saída sem volta porque nem ela, nem o lugar seriam mais os mesmos.

Ao consideramos a experiência pessoal nos deparamos com um universo em sua grandeza e pluralidade que Tuan (2013) traduziu na ideia que o lugar existe em diferentes escalas, nomeadas desde a poltrona até toda a Terra. Esta é outra máxima inúmeras vezes citadas por geógrafos. Neste sentido, considerar a escala do lugar como não fixa e com um intervalo que permite que a especificidade da história de cada pessoa apareça, isto é algo libertador para quem trabalha com pesquisa geográfica. Trata-se de um campo vasto de pesquisa e produção do

conhecimento geográfico. No entanto, se a nomeio como mais uma máxima indiscutível, também espero que possamos avançar.

Partindo da premissa que existe alguém que pode considerar a poltrona ou o país como um lugar, se o intervalo da escala já é vasto, imaginem o mundo interior dessa pessoa. Vamos utilizar a própria ideia e escala da poltrona como exemplo. Faça o exercício de imaginar que estamos diante de alguma poltrona eleita como lugar por alguém. A princípio poderíamos nos contentar com esta informação: a poltrona “x” é um lugar para pessoa “y”. Mas é diante dessa poltrona que muitas perguntas surgem e não podemos encerrá-las na ideia que já conhecemos o lugar de alguém. Imagine ouvir alguém que diz “esta poltrona é um lugar para mim”.

O que foi vivido por esta pessoa que nomeia a poltrona como lugar? O que significa poltrona? Quando a poltrona foi identificada como lugar? Quais relações existem entre a experiência vivida por alguém e nomeação da poltrona como lugar? Existe uma poltrona específica? Ao olhar para alguma poltrona, seu lugar-poltrona é evocado? O que a pessoa sente diante de poltronas? Do que se lembra? O que diz?

Estamos diante de um objeto material, visível, localizável e como tal, pertencente ao mundo. Mas se queremos olhar para este alguém que nomeou a poltrona como lugar, precisamos compreender o que está para além do que visualmente conseguimos identificar. Existe alguém que está diante de uma poltrona identificável no mundo externo, mas ao mesmo tempo existe um universo sendo vivido em seu mundo interno. A imagem é alguém e uma poltrona, mas com muitos sentidos a serem explorados sobre o mundo interno dessa pessoa diante da poltrona. Ou seja, a questão não está somente na percepção sensorial e cognitiva da pessoa a este lugar presente no mundo externo, mas o que ocorre em seu mundo interior ao estabelecer este elo afetivo com a poltrona.

Considerando uma ordem para observarmos esta relação, não é a poltrona que está à frente daquele que a nomeia como lugar. É este alguém que está à frente da poltrona podendo dizer sobre experiências associadas a uma poltrona nomeada como lugar. A poltrona não é apenas um ponto de variação escalar, ela é o lugar como possibilidade de que algo vivido possa ser dito por alguém sobre algum lugar.

A poltrona sempre será lugar? Sempre foi lugar? Não sabemos, mas este alguém que a elegeu é quem poderá se aproximar dessa resposta. Observem como

gradualmente estou considerando a relação que estabelecemos com os lugares em outra perspectiva sobre suas forças. Durante o desenvolvimento deste trabalho pude identificar que o sujeito da pesquisa e o lugar não exercem a mesma força um para o outro. Mesmo que, geograficamente, tendesse a aumentar a intensidade de força do lugar sobre o sujeito da pesquisa, também não o farei. O que destaco neste ponto da escrita até o final da Tese é que o sujeito da pesquisa possui maior intensidade sobre o lugar do que o lugar sobre ele. A balança neste jogo de forças não é equilibrada. Retomemos o exemplo da poltrona.

Se considerássemos apenas o mundo externo, lugares e pessoas exerceriam a mesma força um para o outro. Consideraríamos a pessoa, o lugar e aquilo que está agindo entre eles em virtude dessa relação.

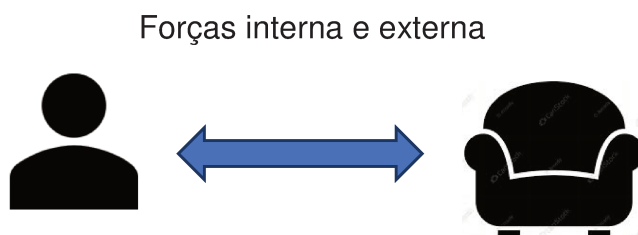


Fig. 1 - Fonte: Elaborada pela autora, 2018.

Todavia, existem muitas forças internas atuando em cada um de nós ao mesmo tempo em que estabelecemos relações com lugares. Então, a balança desequilibra e pesa para o lado das pessoas.

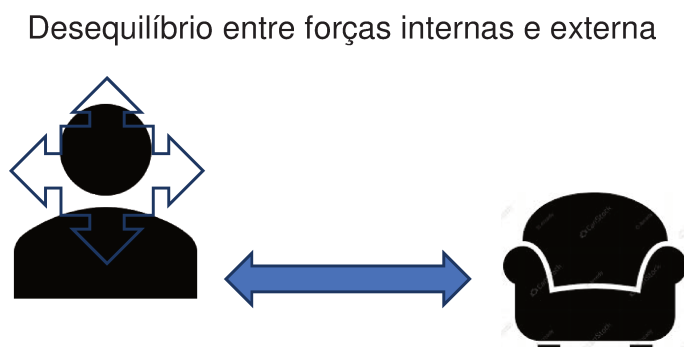


Fig.2 - Fonte: Elaborada pela autora, 2018.

Ao criarmos laços afetivos com os lugares, estes laços não acontecem somente por aquilo que está entre cada um de nós e os lugares, mas ao mesmo tempo, por aquilo que se passa em nosso mundo interior. Existe um movimento vivido no encontro entre alguém e o lugar, ao mesmo tempo, em que este alguém vive seus movimentos internos que lhe conduzem ao encontro com o lugar.

Seguindo as máximas que tenho apresentado, considerava o lugar com mais força diante das pessoas que o experimentam. A partir de Yi-Fu Tuan, a poltrona como um lugar micro na escala com os países ou a Terra, ainda é um universo para aquele que a nomeia como lugar. Nesta Tese, passo a considerar a pessoa com mais força na relação com o lugar. Então, precisaremos compreender o que vivemos em nosso mundo interior que se faz presente nas relações que estabelecemos com o mundo externo. Avancemos rumo às *terrae incognitae* do Inconsciente.

Capítulo 2 – Rumor às terras incógnitas: o Inconsciente freudiano na reflexão geográfica

Em 1915, Freud afirmou que a consciência tem lacunas sem fazer distinção entre pessoas sadias ou com quaisquer tipos de patologias. Esta ideia permanece e as lacunas também. A sensação de que temos consciência sobre nossa vida de modo amplo e conciso é ilusória, pois existem lacunas. Estas lacunas não são aleatórias e não obedecem aos nossos comandos como se fosse possível ordenar: “quero me lembrar de tal episódio da minha vida” e prontamente a lembrança surgisse e resolvesse o problema da lacuna. Nossa consciência não pode testemunhar tudo o que vivemos, sentimos, pensamos, desejamos, intuímos, devaneamos ou sonhamos por toda nossa vida. Ou dito de outra forma, a crença de que tudo o que ocorre em nossa psique será conhecido por nós, é algo irrealizável. Este é um interessante ponto de partida: não temos como conhecer tudo. Não temos consciência de tudo o que ocorre em nossa própria vida. Então, vamos caminhar por terras que estão além da experiência imediata e da noção que é possível conhecer tudo e ter consciência sobre todas as dimensões de nossa vida.

2.1 Sigmund Freud e o desbravar das terras do Inconsciente

A vida e obra de Sigmund Freud estão profundamente imbricadas. Com a leitura de sua biografia escrita por Ernest Jones (1989a, 1989b, 1989c), dos textos “Contribuição à história do movimento psicanalítico” (FREUD, 2012 [1914a]), “O interesse da psicanálise” (FREUD, 2012 [1913]), “Resumo da psicanálise” (2011 [1924]) e “Autobiografia” (FREUD, 2011 [1925a]), podemos ter dimensão de como Freud viveu sua própria obra. Com base nestes textos, escolho nos parágrafos que se seguem, alguns aspectos para traçar uma brevíssima biografia sobre alguém nascido em um tempo e lugar, mas que provocou efeitos pelo mundo e em diferentes tempos.

Sigmund Freud, nasceu em 6 de maio em 1856 e desde criança se dedicou aos estudos, leituras e a hábitos curiosos, como o registro de seus sonhos em um diário, já revelando seu interesse pelo universo dos sonhos e da fantasia. Em 1873, entrou para faculdade de Medicina na Universidade de Viena e começou a se

destacar como pesquisador. Ao se inserir no campo das doenças mentais, o cenário envolvia tratamento que consideravam as doenças cujas origens eram físicas, como danos em nervos ou no cérebro. Mas Freud se mostrava inquieto com as relações entre sintomas, diagnósticos e tratamento. Ele se interrogava sobre como a sintomatologia se apresentava nos pacientes e se a resposta seria apenas por origens físicas, biológicas e orgânicas. Freud procurava algo que não tinha conhecimento que existia e seguia caminhando. Podemos dizer que ele sentia a força do inconsciente mesmo antes de tê-lo “encontrado”. Freud também avançava por terras desconhecidas, desbravava e ao mesmo tempo construía um caminho.

Em 1885, foi para Paris estudar com o médico Jean-Martin Charcot e se enveredou pelos caminhos da hipnose. Para Charcot, a hipnose provava que era possível a formação de sintomas físicos a partir de ideias que eram trabalhadas com o método, indicando que havia algo ligando a doença e a mente. Freud trabalhou com a hipnose, mas percebeu que o método não era totalmente eficaz. Aliás, esta é uma das características admiráveis em Freud. Ele investia em seus estudos, em suas investigações, em seus métodos de trabalho, mas mantinha sobre eles sua condição de avaliar a continuidade ou a interrupção de um caminho escolhido. Era também na ineficácia que procurava avançar e até mudar radicalmente a forma de trabalho. Com estas buscas, sua relação com o médico Joseph Breuer o fez ter contato com uma forma de tratamento conhecida como *talking cure* utilizada com a paciente chamada Anna O. Este tratamento, por ela nomeado como tratamento pela palavra, foi decisivo na concepção da psicanálise por Freud. Ele passou a conversar com os pacientes sobre seus sintomas, como eram, quando começaram, o que sentiam e outras questões. Freud atentou-se para questões sexuais que recorrentemente apareciam nos relatos de pacientes e para os sentimentos amorosos que as pacientes demonstravam por ele. Freud não se deslumbrou por tais sentimentos e ainda os investigou, de modo que se tornaram um dos pilares da teoria psicanalítica.

Freud foi um estudioso, um cientista, um pesquisador e sempre, um inquieto com os fenômenos humanos. Sua teoria sobre a mente foi construída durante décadas e nunca fora acabada. Seu modo de construí-la pode ser sentido em seus textos, em seu modo de dizer e se contradizer e sempre com ênfase no processo e não em conceitos fechados e definidores. Em muitos textos, Freud sinaliza que havia caminhado até determinado ponto da teoria, mas que no futuro

outros precisariam caminhar ainda mais sobre suas descobertas. Por isso, é comum que alguns pesquisadores adotem um ou outro caminho a seguir, o que não significa abandonar ou rechaçar parte de sua construção teórica ou de sua obra.

Além de sua atenção para o que acontecia com os pacientes, familiares e amigos, Freud também olhou para si e aos quarenta anos desenvolveu sua autoanálise de modo que ninguém havia feito antes. Ao final de cada dia de trabalho, deitava-se no divã e procurava fazer associação livre de seus próprios sonhos. No início de sua autoanálise, Freud sentia a piora de seu estado por ter entrado em contato com conteúdos vergonhosos que estavam afastados de sua consciência, no entanto, desprovido do juízo de valor e mantendo sua qualidade de cientista, passou a se interrogar se aquele conteúdo sobre sexualidade infantil e os diferentes sentimentos envolvendo seus pais e irmãos fosse algo que também acontecesse com outras crianças. Então, ao final de quatro anos, em 1900, Freud apresenta ao mundo uma de suas mais importantes obras “A interpretação dos sonhos”.

A obra de Freud também é composta por seu olhar psicanalítico para cultura, para o Estado, para moral, para religião, para as artes, sempre no exercício de realizar uma arqueologia de nossa mente. Aos poucos a Psicanálise estabelecia relações com diferentes campos e as descobertas freudianas mudavam a concepção científica sobre a natureza humana através da teoria do Inconsciente e a partir de sua explicação sobre as neuroses considerando a resistência, a transferência, o recalque, a etiologia da vida sexual e as vivências infantis.

Freud se empenhou em ampliar seu círculo de influência em relação aqueles que lhe eram próximos e para além dos judeus, assim foi vivendo ano após ano a realidade da psicanálise no mundo ocidental. Isto não significou de modo algum que não havia sofrido inúmeras e duras críticas a respeito de seu método e nova teoria. Para muitos era inconcebível trabalhar cientificamente com os sonhos considerando-os como uma realização psíquica entre o conteúdo manifesto no sonho e uma deformação desse conteúdo para algo do inconsciente que pudesse se manifestar ao sonhador.

Em sua caminhada pela divulgação e manutenção da psicanálise, Freud sofreu com a Primeira Guerra Mundial, mas não parou de estudar, refletir e investigar. Aquele universo de mortes, ódio e violência também alimentou sua investigação sobre a natureza humana e em 1920 outra obra de grande destaque é

publicada, “Além do princípio do prazer”, uma obra que orientará nossa reflexão mais adiante neste capítulo. Repito que Freud continuou seus estudos e produção científica, mas para relação direta com esta Tese, tenho enumerado apenas algumas obras. Em anos posteriores, Freud viu seus livros serem queimados pelo nazismo, precisou fugir de Viena, mas jamais deixou de atender seus pacientes. Freud não estava sozinho e seus discípulos faziam seu trabalho ecoar e produzir efeitos no mundo.

Freud escreveu sobre a psicanálise em sua constituição e consolidação, sobre alguns casos clínicos, sobre a histeria, os chistes, os sonhos, o Inconsciente, sobre a sexualidade humana, sobre diferentes sintomas, sobre o recalque, teoria da libido, sobre questões do cotidiano e outros temas. Freud desbravou e avançou por *terrae incognitae* e nos deixou temas não concluídos, mas muitos caminhos a serem trilhados, seguidos e aprofundados, então, em 23 de setembro de 1939 ele faleceu, mas sua obra viva marcou uma nova perspectiva sobre a mente e a natureza humana.

Freud escreveu muitas cartas e rascunhos que revelavam um pensamento em processo e em seu inacabamento. Entre 1887 e 1902 trocou cartas com o amigo Wilhelm Fliess que se tornaram um importante documento em sua posterior publicação. Wilhelm Fliess foi um médico alemão e as confidências escritas em inúmeras cartas contribuíram cientificamente para as reflexões iniciais da psicanálise. Na “Carta 52” anunciou que trabalhava com a hipótese da formação por processo de estratificação de nosso mecanismo psíquico. Dessa forma, “o material presente em forma de traços da memória estaria sujeito, de tempos em tempos, a um *rearranjo* segundo novas circunstâncias - a uma *retranscrição*” (MASSON, 1986, p. 208). O que naquele momento era inovador, e importantíssimo para esta pesquisa, eram dois pontos relacionados ao tempo da memória. Primeiro que ela não se faz presente de uma só vez, e segundo que ela também é registrada em diferentes indicações. Então o que vivemos com os lugares não possui um registro único, nem tão pouco é lembrado em uma única ocasião. Portanto, as conversas biográficas realizadas na pesquisa, revelam experiências com os lugares apresentadas naquele narrar circunscrito, e não uma perspectiva fechada e acabada sobre os lugares em questão.

Este é um ponto importante para desmistificar uma ideia de narrativa sobre o lugar como algo que foi vivido, acabado e localizável no tempo. Trata-se de um dizer circunscrito a uma narrativa, dirigido a alguém, em um determinado momento de vida da pessoa e que é possível de ser dito naquele instante. As experiências de lugares das pessoas aparecem porque se apresentam neste contexto que envolve tempo, espaço, sujeito e pesquisadora. Além disso, cada um diz sobre aquilo que é possível dizer e que de alguma forma tem notícia daquilo que foi vivido e lembrado. Ou seja, nem tudo é lembrado e nem tudo o que é lembrado é dito a qualquer pessoa. Outra circunstância geraria outra conversa biográfica e revelaria outras formas de se dizer sobre o lugar. É no dizer ao outro que o lugar se apresenta em sua profundidade de sentidos construídos em experiência daquele que narra. O dizer tem centralidade nesta perspectiva de compreensão do lugar. Não é possível conhecer o lugar experienciado pelo outro sem que tenha de algum modo um dizer. A geografia mental de Mandela (2012) só nos foi possível conhecer porque ele disse sobre ela e com suas palavras podemos mapear os centros de significância de sua vida. Ao contrário, poderíamos supor e especular sobre sua vida.

Na Carta 52 de 1896, Freud descreveu alguns registros dessas impressões em nosso mecanismo psíquico. Como [*Wahrnehmungen* (percepções)], “os neurônios em que se originam as percepções, às quais a consciência se liga, mas sem conservar algum traço do que aconteceu” (MASSON, 1996, p. 209). Como [*Wahrnehmungszeichen* (indicação da percepção)], o primeiro registro das percepções. Como (*Unbewusstsein*) [inconsciência], o segundo registro, “talvez correspondam a lembranças conceituais; igualmente sem acesso à consciência” (MASSON, 1996, p. 209). Como [*Vorbewusstsein*] (pré-consciência)] a terceira, ligada à representação da palavra e, de certo modo, chegando até a consciência.

Freud já esboçava a ideia sobre caminhos diferentes para registro e lembranças sobre nossas experiências. A carta já sinalizava as diferenças entre percepção, inconsciência e pré-consciência. Ele indicava que o que vivemos pode ser conservado, mas aquilo que foi registrado poderá ou não ser acessado. E mais do que isto, Freud já demarcava a ideia de uma representação da palavra, algo importante para o desenvolvimento dessa Tese. Dessa forma, não é possível afirmarmos que conhecemos totalmente a experiência de lugar de alguém, que neste caso, também ela mesma não conhece ou tem consciência de tudo o que foi

vivido e registrado. Neste anacronismo Freud nos indica saber que nos escapa, mas que nos afeta. Então, vamos caminhar pelas terras em que Freud avançou para nos aproximarmos dessa ideia sobre algo que nos constitui, nos afeta e nos escapa.

2.2- O Inconsciente freudiano em suas tópicas

Para Freud (2011 [1924]), nossa atividade mental se dedica a lidar com o mundo externo, no entanto, com a psicanálise conhecemos que outra atividade dessa produção psíquica se encontra na realização dos desejos ou na satisfação substitutiva dos desejos reprimidos que nos habitam e que se referem ao mundo interno. Mas vamos avançar nestas terras para compreendermos alguns desses processos.

Nossa consciência abrange parte do conteúdo que nos constitui e que se trata de um conhecimento que pode estar em estado de latência por certo tempo, ou seja, um conhecimento consciente que outrora estava ou estará em estado de inconsciência psíquica. Se existe uma mudança no estado desse conteúdo, então, como Freud (2010 [1915a]) destaca, a equiparação entre psíquico e consciência é inadequada ao romper continuidades psíquicas e por superestimar a consciência. Com seu método aplicado, podemos ter consciência de algo sobre alguns conteúdos de nossa própria vida, mas que não tínhamos informação ou que não sabíamos nada anteriormente. Dessa forma, existem atos psíquicos privados de consciência e existem os processos que podem ser percebidos por ela, então, o Inconsciente abrange atos latentes (temporariamente inconscientes) e processos recalcados que estão afastados da consciência. Esta característica inconsciente é atribuída ao que potencialmente pode ser percebido na consciência, como por aquilo que nunca mais se tornará consciente por ter passado pelo recalque. Mas ainda assim, este material recalcado continua a exercer sua força e tentativas de estar à consciência de algum modo.

Neste processo, existe “uma separação entre a atividade psíquica consciente e inconsciente, e que a sua essência consiste apenas em rejeitar e manter algo afastado da consciência” (FREUD, 2010 [1915b], p. 85). O que podemos observar é que esta ideia de separação não está baseada em exclusão ou em uma ausência de relação entre atividades, mas ao contrário, são atividades que ocorrem conjuntamente, em uma divisão que nos constitui. Dessa forma, algo

afastado da consciência não é extinto, mas passa a existir de outra forma, em outro estado e capaz de agrupar diferentes características.

Freud investiu décadas na reflexão sobre o Inconsciente e não escreveu sobre suas características e funcionamento em apenas um texto, tão pouco fez uma única formulação sobre este sistema. Sua perspectiva descentra a consciência, destaca o recalque e a representação na relação com o inconsciente. Ele não surpreendeu somente a sociedade médica de sua geração, mas ainda hoje e em diferentes campos, marca nossa história ao afirmar a existência de pensamentos inconscientes que poderiam ser traduzidos através da associação livre. Mas esta fixação e passagem entre sistemas não são simples e requerem nossa atenção ao modo como foi estruturada por Freud.

Vamos continuar com a imagem de mapa que tem nos orientado, primeiro pela palavra, depois ao avançarmos sobre terras incógnitas em um mapa com terras já conhecidas, e agora pela expressão “tópica” utilizada por Freud.

A concepção de tópicas está associada a uma topografia da psique ou a um mapa da dinâmica desses processos, por ele nomeados como anímicos em 1915. Prontamente alguns poderão se perguntar: “onde tudo isto se localiza?”. É uma preocupação geográfica coerente, mas se recuperarmos o fio que nos conduz sobre terras desconhecidas, Freud também foi questionado sobre a localização anatômica desses sistemas, então, foi claro em dizer que o aparelho psíquico possui regiões, não anatômicas, mas situadas no corpo, que conhecemos como psíquico (FREUD, 2010 [1915a]).

De acordo com a primeira tópica, para Freud (2010 [1915a]), um ato psíquico tende a passar por duas fases, na primeira de forma inconsciente no sistema Ics e se for reprimido permanecerá inconsciente, se ele não for censurado entrará no sistema Cs e poderá se tornar objeto da consciência. Essa condição latente ou capacidade de se tornar consciente também é conhecida como pré-consciente (Pcs). Para seguir Freud, vamos “substituir ‘consciência’ pela abreviatura Cs e ‘inconsciente’ por Ics, ao usar as duas palavras no sentido sistemático” (FREUD, 2010 [1915a], p. 108) e Pcs quando nos referirmos ao sistema pré-consciente.

Observe que existe uma dinâmica que através de sua fluidez faz com que os sistemas Ics, Cs e Pcs tenham seus próprios funcionamentos, mas que, principalmente, estabeleçam relações entre si. Então, se este sistema Cs não é

único e não está isolado, precisamos nos voltar aos demais sistemas para compreendermos, por outra perspectiva, os modos como estabelecemos relações com lugares. Isto acontece conosco, a todo instante e em todos os lugares.

Tenho dito sobre o modo como Freud escreve enfatizando o processo no qual sua teoria é construída, neste sentido, ele mesmo refutava suas ideias posteriormente, mas ainda assim, é importante que sejam estudadas em seu encadeamento e não como produto.

Uma das ideias apresentadas por Freud em 1915, que deixou em aberto para reflexões futuras, trata sobre algo muito importante para esta pesquisa e tantas outras que trabalham com entrevistas, narrativas, conversas biográficas e outros modos de se escutar o sujeito da pesquisa. Quando estamos diante de alguém, ouvimos suas experiências e lhe dizemos algo sobre sua própria vida, provocaremos outra experiência que não será a mesma a qual esta pessoa se referiu, mesmo que estejamos lidando com o mesmo conteúdo. Para Freud (2010 [1915a]), ouvir sobre uma experiência e tê-la vivido são de naturezas psíquicas diferentes. Naquele momento ele chegou a cogitar a possibilidade de existirem dois registros em lugares diferentes no aparelho psíquico, um como lembrança daquilo que foi ouvido e comunicado, outro que poderia ser a memória inconsciente do que foi vivido pelo sujeito da pesquisa. Ou seja, pode ser que a experiência auditiva não se conecte ou não se relacione com o registro anterior, mesmo que com conteúdo similar.

Freud também se perguntou se o que ocorre com as ideias também aconteceria com sentimentos, por exemplo. Seu apontamento foi que um impulso “não pode jamais se tornar objeto da consciência, apenas a ideia que o representa. Mas também o inconsciente ele não pode ser representado senão pela ideia” (FREUD, 2010 [1915a], p. 114). Isto significa que o que sabemos sobre os impulsos se deve ao fato que eles se prendem a determinadas ideias através de um representante da representação. Estas representações podem ser uma imagem simples ou uma associação entre várias imagens. Para Freud, as ideias “são investimentos – de traços mnemônicos, no fundo –, enquanto os afetos e sentimentos correspondem a processo de descarga cujas expressões finais são percebidas como sensações” (FREUD, 2010 [1915a], p. 117). Dessa forma, existe algo que está representado no Inconsciente e que através de um representante dessa representação poderá aparecer à consciência. Trata-se de uma tentativa desse material inconsciente vir à consciência em outra forma, modificado,

substituído, distorcido, camuflado ou com a aparente delimitação em si mesmo e sem relação com algo que está inconsciente. Dessa maneira, um representante pode ser um elemento que representa vários outros e um conteúdo importante pode estar na Cs como aparentemente irrelevante.

Em uma conversa biográfica, o sujeito da pesquisa diz muitas coisas e, com esta perspectiva, é possível afirmar que ele nos traz um material consciente, mas também muitos outros que estão associados a este material e que o acompanham de forma inconsciente. O trabalho na pesquisa não é de provocar este desvelar, mas acolher o que é possível que o sujeito da pesquisa possa dizer, sem julgamentos ou categorização do que seria consciente e suposição do que seria inconsciente.

Na perspectiva de Freud sobre representantes da representação, um impulso afetivo se une a outra ideia por dois motivos: para ter acesso à consciência e porque sua representação inicial foi reprimida. Esta é uma busca do impulso por ideias substitutivas que lhe permitam aparecer no sistema Cs. Dessa forma podemos nos questionar sobre a noção de topofobia que trabalhamos na Geografia e colocar o pensamento de Yi-Fu Tuan em movimento. Com as contribuições da Psicanálise para uma epistemologia da Geografia, o medo do lugar é efetivamente medo do lugar? É possível considerarmos que este medo se manifesta e pode, momentaneamente, estar associado a um determinado lugar? Se existe algo que ocorre na vida de cada um de nós que faz com afetos e ideias migrem de sua experiência original para outros materiais, por que vamos considerar que o sentimento pelo lugar é algo nascido exatamente no lugar ou exclusivo na relação com o lugar?

Outra possibilidade na relação entre lcs e Cs seria apenas a mudança de estado do material: estado consciente ou estado insciente. Mas considerar apenas a mudança de estado, seria uma hipótese que minimizaria as características e mecanismos, principalmente, do Inconsciente. Existe algo entre e nos sistemas que Freud precisou enfatizar, tratava-se do recalque com o mecanismo de repressão.

Para Freud, através da censura, o recalque age nesta separação entre a ideia e o afeto, o que faz com que sigam caminhos distintos e destaca que “o afeto não surge enquanto não é conseguida uma nova representação no sistema Cs” (FREUD, 2010 [1915a], p. 118). O que significa que podemos sentir algo que originalmente esteve ligado a outra experiência, mas que pode ter se ligado a outra

ideia. O recalque na insistência por manter algo afastado da consciência, faz com que as associações e representações ocorram até que o material disfarçado possa ser dito em palavras. Neste sentido, a

representação consciente do objeto se decompõe em: representação da palavra e representação da coisa, que consiste no investimento, se não das imagens mnemônicas diretas das coisas, aos menos de traços mnemônicos mais distantes e delas derivados. [...] A representação consciente se distingue de uma inconsciente. [...] A representação consciente abrange a representação da coisa mais a da palavra correspondente, e a inconsciente é apenas a representação da coisa (FREUD, 2010 [1915a], p. 146).

Esta representação da coisa, por meio dos mecanismos de condensação e deslocamento, é constituída por um conteúdo inconsciente e representacional. Então, não se trata de coisas do mundo externo, mesmo que nosso mundo interno esteja na relação com o mundo externo, nem tão pouco estão referidas a uma única coisa. Pode existir uma diferença no conteúdo entre a representação da coisa e a representação do mundo externo e, pela palavra, poderemos ter alguma notícia dessa cadeia de representações. Todavia, mesmo por meio da palavra não haverá tradução idêntica entre a representação da coisa e da palavra. Podemos no Pcs e Cs conhecer parte do fio que encadeia a trama desta relação, ainda assim, desfigurado. Este processo é muitas vezes não literal e adquire sentido no contexto de quem fala, mesmo que entre o querer dizer e o dito não sejam idênticos. Acompanhe este exemplo.

Coordenava uma reunião do grupos de estudos GhEnTE⁷, quando um membro do grupo nos contou que uma conhecida senhora que havia sido internada no Centro de Tratamento Intensivo em um hospital da cidade. Ele nos lembrava que quando ela havia sido internada em outra ocasião, ela havia reclamado e pedido para voltar para o lugar dela, sua casa. Dessa vez, não querendo ir para o CTI, pediu para ficar no lugar dela no hospital, que era onde estava a cama onde havia sido internada da última vez.

Começamos a discutir sobre esta relação da senhora com lugares e perguntei ao grupo se por meio do que Sebastião nos contava, poderíamos dizer

⁷ O grupo Geografia Humanista-Ensino-Teoria-Experiência está sediado na Faculdade de Educação na Universidade Federal de Juiz de Fora.

algo sobre os lugares da senhora. Um ar de dúvida pairou sobre a reunião. Então, perguntei como conhecer os lugares de alguém. Rompendo o silêncio, Sebastião começou a contar sobre quando seu pai teve sete acidentes vasculares cerebrais e precisou ficar no hospital. Ele nos contou isso porque uma acompanhante daquela senhora lamentava estar no hospital e lhe perguntou se ele sabia o que era estar em um hospital. Ele disse que sabia por esta ocasião de seu pai. Então, pedi para que parasse momentaneamente de contar e perguntei ao grupo o que seria este lugar-hospital para Sebastião. Algumas pessoas disseram, sofrimento, tristeza e desconforto. Ao ouvi-las, perguntei ao grupo se Sebastião havia falado alguma daquelas palavras e responderam negativamente. O que estava acontecendo? Ele disse hospital e as pessoas ouviram o vocábulo associado com palavras que ele não mencionou. Então, Sebastião voltou a falar e não confirmou que para ele hospital seria sofrimento, ao contrário, seria alegria porque sua filha havia nascido naquele hospital. Sobre seu pai, contou que saber que foram sete AVC lhe impressionava mais do que estar no hospital durante sua recuperação. Em seguida, ao se referir ao nascimento da filha, uma pessoa lhe questionou dizendo que então não era hospital, mas maternidade. Ele disse que não, por se tratar da mesma coisa. Mas para ela eram lugares diferentes.

Com este diálogo, podemos observar que alguém vive uma experiência, fala sobre ela e outra pessoa escuta. Porém, não existe um fio único que faz com os três pontos destacados – experienciar, falar e ouvir - sejam idênticos. Da experiência ao registro dela já não é mais a mesma coisa. Do registro ao dizer é outra coisa. E do dizer ao ouvir também já não mais a mesma coisa. Entre elas e em cada uma delas estão presentes representações. No momento do desencontro de sentidos para um mesmo vocábulo, no caso o hospital ou mesmo a maternidade, podemos acompanhar como a experiência vivida e a história de cada um se presentificam no dizer e no ouvir. Por mais que Sebastião enunciasse sobre seu lugar, aquele lugar era escutado de outro modo ou por mais que suas palavras nos guiassem por caminhos em seu mapa, a escuta de cada um é tomada por desvios neste mapa. Não existe um único caminho que nos guia a conhecer os lugares das pessoas. Existem desvios que possibilitam encontros e desencontros entre lugares.

Na sequência desse momento, Júnior contou sobre seu acidente de moto que quase terminou com sua vida. Para ele, entrar no hospital quase morto e sair vivo significou muito e lhe fez considerar como um lugar sagrado. Então, lhe

perguntei se sagrado era aquele hospital e ele respondeu que não, disse que eram os hospitais, todos os hospitais. Observe que sua experiência fez com ele expandisse o sentido de lugar que poderia ser atribuído a um determinado ponto da superfície terrestre para um grupo de lugares associados ao mesmo vocábulo. Existe um lugar no mundo externo, mas aquilo que foi vivido internamente expandiu para diferentes coordenadas geográficas. Ele ao mesmo tempo em que falava sobre um lugar, também nos dizia sobre algo que poderia estar em diferentes lugares. Da mesma forma, o que foi vivido em um determinado hospital teve tanta força em seu mundo interno que alterou o modo como considera os hospitais. Esta relação entre Júnior e o lugar também foi vivida por meio de representações de hospital a partir de sua experiência entre a morte e a vida.

Com esta separação e continuidade em caminhos diferentes, sabemos que o que vivemos cria registros que poderão se associar a outras experiências já vividas ou àquelas que ainda viveremos. Com esta perspectiva, não existe uma separação que faz com que as experiências com os lugares sejam únicas em si mesmas, mas as coloca nesta cadeia de relações. No entanto, a ideia de representação ao invés de sugerir que estamos nos afastando da experiência vivida, ela ao contrário, nos aproxima, mesmo que não saibamos conscientemente. Se o vivido e o recalado criam caminhos pela representação para se manifestarem, então algo da experiência vivida se presentifica novamente.

Esta representação pela palavra traz elementos acústicos, visuais e sinestésicos com associações simples e mais complexas. Enquanto vamos falando, estamos tentando colocar em palavras algo que podemos nem saber o porquê, a origem, a finalidade de nossa fala, mas simultaneamente, atos psíquicos estão em atividade. Imagino que isto possa parecer estranho, mas não controlamos todas as palavras, mesmo quando temos a sensação de escolhê-las. Existe algo que fala em nós e uma das formas do lcs se fazer aparecer é, por exemplo, nos chamados atos falhos. Apenas para exemplificar, algumas vezes estamos seguramente falando ou escrevendo e repentinamente trocamos um nome ou uma letra em alguma palavra ou dizemos o contrário do que pretendíamos dizer e isto é percebido. Por quê? O que esta troca ou esquecimento significam? Eles não são aleatórios e ocorrem com uma substituição de uma palavra no lugar de outra, por exemplo. Isto pode provocar constrangimentos e revelar algo para aquele sujeito que faz o ato falho e o percebe.

Neste mapa do aparelho psíquico criado por Freud com a presença dos sistemas mencionados, a censura atua como uma fronteira nas ideias e afetos que circulam entre os sistemas lcs, Pcs e Cs. Com a censura o conteúdo psíquico poderá ser reprimido e permanecer recalado ou poderá ficar em latência no sistema Pcs. É importante nos atentarmos para esta fronteira que, apesar de censurar determinados conteúdos de nossa vida, ela não os exclui, uma vez que permanecem neste mapa e ainda com capacidade de ação. Para Freud (2010 [1915a]), a mobilidade entre sistemas lcs e Cs também está relacionada à modificação de investimento ou libido. Para exemplificar, a partir do próprio Freud, podemos considerar um impulso de amor estabelecido no lcs que tenta se fazer presente no sistema Pcs, mas com a censura a ideia é rejeitada e a angústia é descarregada. Nesta fuga, a ideia rejeitada se associa a uma ideia substituta, a um representante, para não ser reprimida e poder emergir nos sistemas Pcs e Cs.

Novamente é possível estabelecer relação nesta reflexão sobre os lugares. Vamos retomar a ideia geográfica sobre o termo topofobia. A topofobia é sentida por algumas pessoas em determinados lugares ou como medo de alguns lugares. Mas com a psicanálise e prosseguindo com o raciocínio sobre o aparelho psíquico, podemos apontar que este medo pode ter sido associado a alguma experiência anterior, não necessariamente com ou naquele lugar em questão. Este medo pode ser este conteúdo em mobilidade que se manifesta como medo de algum lugar, mas que em sua relação mais longínqua pode ter sido algo que associado ao lugar e se presentificou pela topofobia. Por exemplo, algumas pessoas se veem em pânico em lugares cheios ou lugares muito altos ou lugares muito fechados, ou seja, apesar da sensação está atrelada aos lugares, existe algo que é anterior ao encontro com o lugar, mas que se manifesta ao estar em determinado lugar, como montanhas ou elevadores.

Além disso, muitas vezes ouvimos algumas pessoas que não se sentem bem em determinados lugares e não sabem explicar o motivo. É isto. Não conseguimos ou podemos explicar tudo o que envolve nossos laços com os lugares e a manifestação de nossos afetos. Esta perspectiva amplia a percepção do lugar ao consideramos processos psíquicos que nos constituem e ao diminuirmos a força do lugar em si na relação que com ele estabelecemos. Existe algo que é anterior à relação com o lugar, mas que pode se presentificar ou emergir em diferentes lugares.

Entre fugas, associações, repressão e tentativas de algum conteúdo aparecer na consciência, Freud acrescentou aos fatores topográficos e dinâmicos dos processos psíquicos uma perspectiva que marcou a teoria psicanalítica. No referido e importantíssimo texto “Além do princípio do prazer”, Freud (2010 [1920]) afirma que estes processos psíquicos são regulados pelo princípio do prazer e, dessa forma, evitam o desprazer e procuram gerar prazer. Este modo de regular a excitação tende a deixá-la mais constante, uma vez que as elevações de prazer ou desprazer alteram esta estabilidade. Para Freud existem duas espécies de pulsões, as de vida e as de morte, que existem como uma força interna e que nos impele a determinadas ações que provocam excitação. Para Laplanche e Pontalis (1997), essa força faz nosso organismo tender a um objetivo por meio dessa tensão ou excitação corporal, estado este que precisará ser suprimido. Existe uma energia que opera e se desloca entre instâncias psíquicas e para o princípio do prazer. No entanto, é preciso destacar que nem sempre o prazer é o que se alcança nesses processos psíquicos, a renúncia ao prazer ou adiamento da satisfação são exemplos desse funcionamento na substituição do princípio do prazer pelo princípio da realidade.

Quantas vezes ouvimos algumas pessoas que tem o ímpeto de viajar ou conhecer determinados lugares? Seria somente pelo o que cada lugar pode oferecer para estas pessoas? Seria um chamado do lugar? Freud pelo uso do termo *Trieb* nos sinaliza sobre algo que nos toca para frente, que nos coloca em movimento. Para Luiz Hanns, o termo em alemão, dentre algumas definições, revela “algo que se manifesta ‘para ’o sujeito, fazendo-se representar ao nível interno e íntimo, como se fosse sua vontade ou um imperativo pessoal” (HANNS, 1996, p. 339). Não há como fugir dessa força interna. Ela existe e se esforça para encontrar a satisfação completa, mesmo que de modo substitutivo e atemporal.

Laplanche e Pontalis (1997) destacam que o princípio do prazer e o princípio da realidade formam um par e que este atua nos desvios em virtude das condições do mundo exterior. Estes desvios seriam estes caminhos alternativos para a manifestação dos diferentes representantes da representação. Atentem-se que, uma leitura mais superficial e no senso comum poderia apontar que pelo princípio do prazer viveríamos de modo que tudo fosse para nos satisfazer ou para nos gerar prazer. No entanto, o princípio de realidade e a própria censura do recalque fazem

com que esse propósito tenha uma regulação, então, vivemos e convivemos com o desprazer neste encontro com a realidade do mundo externo.

Nesta regulação, não nos lembramos de todas as nossas experiências, mas segundo Freud (2010 [1920]), somos levados a repetir no presente algo que está reprimido inconsciente, o que foi chamado de compulsão à repetição. O retorno dessas experiências pode não trazer satisfação, como também podem ter gerado desprazer no momento original de sua vivência. Ao observar na clínica e na vida das pessoas, Freud afirmou que “na vida psíquica há realmente uma compulsão à repetição, que sobrepuja o princípio do prazer” (FREUD, 2010 [1920], p. 183).

Vou utilizar um exemplo simples e circunscrito a uma determinada situação apenas para elucidar como prazer e desprazer operam conjuntamente em situações de nosso cotidiano. Destaco que o exemplo é extremamente pontual e o que Freud descreve é um processo complexo que acontece por toda a vida e em escolhas significativas para o sujeito. Certo dia, observava um bebê com menos de um ano de idade que levava à boca um de seus brinquedos. Ao levar à boca, o bebê também batia o brinquedo de modo a tocar sua gengiva e cada vez com mais força. Sua força aumentou e de repente o bebê sentiu a dor do brinquedo em sua boca e seus olhos encheram-se de lágrimas. O bebê largou o brinquedo, olhou à sua volta e passou a procurar outro brinquedo. Ele pegou outro brinquedo e repetiu o movimento em sua boca, porém, com o olhar de quem esperava aquela dor e de quem freava o movimento para possivelmente diminuir a dor. O bebê largou o brinquedo, procurou por outro, o pegou e novamente fez o movimento acompanhado do olhar descrito. Mesmo que, aparentemente, a experiência não tenha gerado satisfação para o bebê, ele a repetia inúmeras vezes e a atualizava, ainda que outra vez a dor pudesse ser sentida. O bebê tentava repetir e, de certa forma, controlar aquele desprazer da dor, enquanto este eficaz controle lhe proporcionava o prazer de evitar a dor.

Freud observou a compulsão à repetição ao longo da vida das pessoas, e não apenas em situações pontuais como esta descrita. Porém, este exemplo destaca no cotidiano e em uma tenra idade algo que acontece conosco. Para Freud (2010 [1914b]), podemos não nos recordar do material reprimido, mas o atuamos, o repetimos sem que algum controle ou deliberação para revivê-lo. E em nossa história com os lugares, é possível estabelecer alguma relação com esta compulsão

à repetição? Vamos deixar esta pergunta em suspensão e prosseguir com o inconsciente.

Agora, vamos considerar três situações. A primeira, se você fosse convidado a falar sobre a casa onde mora. A segunda situação consiste em episódios da vida cotidiana que de repente lhe vem à mente. E o terceiro cenário é mais pontual, vou escolher uma situação aleatória, mas específica. Fale sobre a primeira escola em que estudou.

As três situações indicam que nossas experiências vividas não estão sempre conscientes, mas podem vir a estar neste estado. Não nos lembramos delas o dia inteiro, mas elas podem se presentificar por diferentes caminhos como quando solicitei que falasse sobre a atual casa e talvez rapidamente algumas imagens apresentassem lembranças dessa casa. Ou quando, um objeto, um lugar, um filme, uma palavra ou qualquer outro artefato dispara lembranças que pareciam há muito tempo esquecidas e que repentinamente se presentificam. Da mesma forma que algo rapidamente parece sumir de nossa consciência com um aparecer e desaparecer que se configuraram como latente ou capaz de consciência. Ou quando parecemos vasculhar arquivos de lembranças em busca de algo a ser comunicado, como ao solicitar que pudesse dizer sobre a primeira escola. Retomando a ideia das lacunas, temos a sensação que por algum instante as lacunas foram preenchidas ou o que se apresentava como lacuna passou a compor um fio narrativo sobre a história de cada um.

Cada lembrança que emergiu à consciência foi, digamos, autorizada a ser vista. O material recalado pode não ter aparecido, possivelmente, as imagens e afetos passaram pelos caminhos entre representações e permissões para virem à consciência. O efeito das experiências vividas está ligado a esta possível autorização. Pessoas que vivem o mesmo episódio também vivem efeitos diferentes que incidem no caminho psíquico dessa lembrança.

Considerando o exemplo da escola, acompanhei um grupo de ex-alunos no seu retorno à antiga escola. Enquanto andavam pelos corredores pareciam procurar uma escola que não encontravam mais e um dos garotos disse: *“Saí do colégio, mas o colégio não saiu de mim”*. Antes da visita perguntei para um antigo professor da escola se gostaria de acompanhar a visita e ele disse: *“Trabalhei dezoito anos naquela escola e não sinto a menor vontade de voltar lá...não tenho vínculo afetivo nenhum. Em outra escola que trabalhei, toda vez que volto, me dá*

um nó na garganta....um troço sabe? Que aperta aqui (mostrando o peito), uma nostalgia...uma saudade...sei lá o que é....sabe? Fui muito feliz lá e foram anos muito especiais...sinto falta daquela atmosfera”.

Usando a mesma expressão, é possível afirmar que a referida escola não saiu do estudante e do professor, porém cada um reagiu ao encontro de uma forma. Um foi ao lugar e se encontrou com a busca por uma escola que não existia mais. O outro se encontrou com a palavra que nomeia a escola e rapidamente atrelou outro colégio em sua narrativa. As reações estão ligadas aos afetos que, como vimos, se enlaçam em diferentes representações psíquicas do vivido.

Todavia, também existem os registros que não serão lembrados e que se alteram para que possam se presentificar de alguma forma. Então, mesmo que esteja sinalizando que nossa relação com os lugares seja atravessada por algo anterior que já tenhamos vivido, ainda assim, não poderemos considerar apenas um modo de nos relacionarmos com eles a partir do que vivemos anteriormente. Nossa história de vida constituída nos lugares e com cada um deles, é composta por lacunas que nem sempre recuperamos, mesmo assim, nossa geograficidade é constituída com isto que não se pode explicar, não se pode completar, não se pode preencher, mas que pode se presentificar nos lugares cotidianamente.

Considerando esta dinâmica, o termo inconsciente abrange não só a ideia de algo que está afastado da consciência, mas aquilo que produz efeito por meio de sua intensidade e eficácia neste processo do reprimido tentar se presentificar. Muitas vezes estamos em determinados lugares e podemos sentir estes efeitos que não foram produzidos *in loco*, mas manifestados no lugar sem que saibamos explicar o que sentimos. Freud afirma que os pensamentos sofrem “uma transformação, um disfarce, uma torção” (FREUD, 2010 [1912a], p. 265).

Esta diferenciação e relação entre consciente e inconsciente são centrais na psicanálise e Freud continuou a explorá-las em sua segunda tópica no ano de 1923 no texto “O Eu e o Id”. Com estes estudos, Freud (2011 [1923]) afirmou a existência de dois tipos de inconsciente, o latente e o reprimido. Dessa forma, o pcs seria este latente por descrição e o ics aquele recalcado com dinâmica inconsciente, ou seja, no sentido descritivo o Inconsciente se encontra em dois tipos e apenas em um tipo no sentido dinâmico. Todavia, Freud nos adverte que “o lcs não coincide com o reprimido; continua certo que todo reprimido é ics, mas nem todo lcs é também reprimido” (FREUD, 2011 [1923], p. 21).

Para Freud (2011 [1923]), o Eu (Ego em algumas traduções) é uma organização dos processos psíquicos na pessoa que liga-se à consciência, às excitações do mundo externo e que exerce alguns controles e censura sobre cada um de nós e, ainda assim, parte desse Eu poderia ser ics. Com esta noção uma aparente ambiguidade neste Eu com características cs e ics pode-se estabelecer. Então recorro à imagem utilizada por Freud em sua segunda tópica sobre o aparelho psíquico:

Aparelho psíquico da segunda tópica freudiana

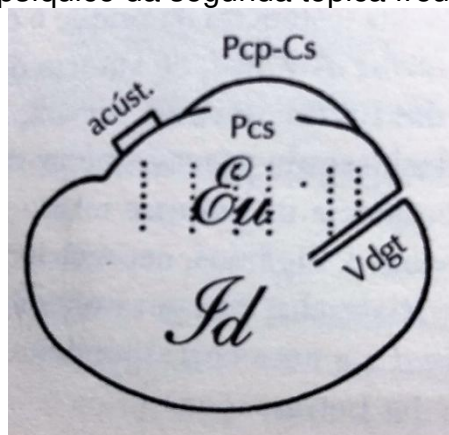


Fig.3- Fonte: (FREUD, 2011 [1923], p. 30)

É possível observar nesta representação gráfica de Freud (2011 [1923]) que o Eu não envolve inteiramente o Id, mas também não são nitidamente separados. O reprimido (*Vdgt/Verdrängung*) é separado do Eu pelo recalque, mas pode se comunicar com o Id. O Eu tem características inconscientes, mas está sob influência do mundo externo por meio do sistema também nomeado Percepção-Consciência e através do *acústico*. “Os resíduos verbais derivam essencialmente de percepções acústicas, de modo que ao sistema Pcs é dada como uma origem sensorial especial” (FREUD, 2011 [1923], p. 25). Sem ignorar outros componentes, para Freud a palavra é “o resíduo mnemônico da palavra ouvida” (FREUD, 2011 [1923], p. 25). A palavra é atravessada por esta de ideia de resíduos e como que por meio deles, também podemos nos aproximar das experiências e lugares das pessoas.

Uma imagem amplamente difundida é a analogia desse aparelho psíquico a um iceberg. É comum ouvirmos que esta é uma imagem elaborada por Freud, no entanto, não encontrei textos que a explorem com a devida citação na obra freudiana, da mesma forma que não encontrei registros sobre iceberg em sua coleção “Obras Completas”. O que ocorre é que encontrei um texto de Kenneth G. Johnston, publicado em 1984, com o título “*Hemingway and Freud: The Tip of the Iceberg*”, onde o autor também apresenta a mesma questão: o iceberg é uma imagem de Freud, mas sem registro encontrado. Então ele faz um caminho que pontua que, apesar da popularidade da imagem como freudiana, em 1922, Donald A. Laird publicou um artigo que dizia que a mente é muito parecida com um iceberg (“*The mind is really much like an iceberg. Nine-tenths of an iceberg is below the surface of the ocean*”⁸), e uma geração posterior, o professor de psicologia Calvin Hall, publicava em 1954, sobre a relação de proporção entre consciência e inconsciente a partir da imagem de iceberg. Para Johnston estava traçada e popularizada a analogia. A questão é que a imagem, como analogia, nos ajuda a visualizar as tópicas freudianas, então, enquanto não encontro em Freud, opto por trazê-la a partir daqueles que a reproduzem.

Observe que a porção consciente é proporcionalmente muito menor daquela inconsciente onde o Id se situa. O Eu está ligado à percepção e o Id ligado ao comportamento ics. “Um indivíduo é então, para nós, um Id [um algo] psíquico, irreconhecido e inconsciente, em cuja superfície se acha o Eu, desenvolvido com base no sistema Pcp, seu núcleo” (FREUD, 2011 [1923], p. 30).

⁸ Livre tradução: “A mente é muito parecida com um iceberg. Nove décimos de um iceberg está abaixo da superfície do oceano”.

Analogia entre iceberg e aparelho psíquico

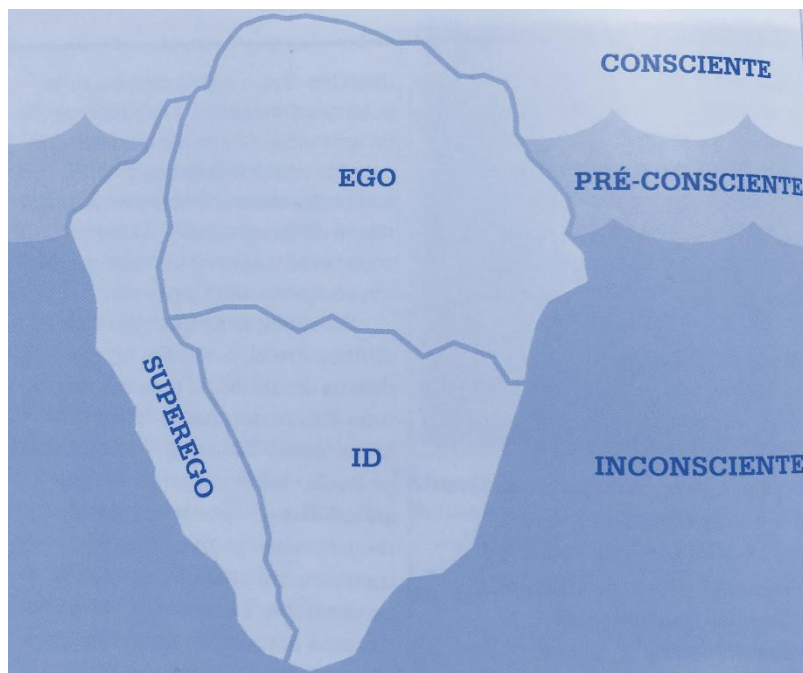


Fig. 4- Adaptado de “O livro da psicologia” (2012. p. 96).

Em “Novas conferências introdutórias à Psicanálise” podemos encontrar a analogia de Freud para a imagem de suas tópicas. Freud (2010 [1933]) a compara com um país formado por montanhas, planícies, lagos, uma população etnicamente diversa e que exerce atividades econômicas distintas. Então, Freud questiona se é possível restringir determinada paisagem para um povo e com uma atividade econômica. Da mesma forma ocorre em suas tópicas com divisão e mistura que não são claras, mesmo que tenham suas especificidades. Para Kingsbury e Pile (2014) esta imagem tem sua importância não para delimitar fronteiras fixas, mas para nos mostrar o que neste aparelho psíquico está mais próximo ou mais distante e como mantêm contato e estabelecem relações.

Com a segunda tópica, Freud retoma o texto “Além do princípio do prazer” de 1920 com a ideia de consciência como a superfície do aparelho psíquico e como as “as percepções que vem de fora (sensoriais) e de dentro, às quais chamamos de sensações e sentimentos” (FREUD, 2011 [1923], p. 23). Estas percepções internas trazem diferentes sensações, inclusive, de camadas mais profundas do aparelho psíquico.

O psicanalista também retoma seu texto de 1915, “O Inconsciente”, para destacar a diferença entre uma ideia ícs e uma pcs e nos lembra que “a primeira se produz em algum material que permanece desconhecido, enquanto na segunda acrescenta-se a ligação com representações verbais” (FREUD, 2011 [1923], p. 24). Então, por estas diferenciações, algo se torna consciente “pela ligação com as representações verbais correspondentes [...] que são resíduos de memória” (FREUD, 2011 [1923], p. 24). Estas representações verbais intermediam os processos de pensamentos internos na sua transformação em percepções. Dessa forma, o que já foi percebido e gerou este resíduo, poderá ser consciente novamente.

As sensações e sentimentos podem se tornar conscientes ou serem barrados e, então, não produzirão sensações mesmo que associados à representações verbais. Da mesma forma, podemos perceber ou não algo que estamos sentindo em determinados lugares. Alguns lugares parecem nos afetar mais do que outros e esta variação ocorre em virtude da história de cada um e como ela se apresenta na relação com os lugares. Não é simples ter a percepção daquilo que é sentido por um lugar ou em algum lugar. Menos ainda é automático e imediato. Podemos sentir e perceber a sensação, mas será posteriormente que o sentido de lugar poderá emergir.

O Eu, sob influência do mundo externo, tenta fazer o mesmo com o Id, ou dito de outra forma, tenta forçar o princípio da realidade sobre o princípio do prazer, que vigora no Id, mesmo assim, em algumas circunstâncias o Eu age por meio da vontade do Id. O Eu nos permite estar no mundo, nos relacionarmos com o tempo cronológico e com o espaço em sua métrica. Ele nos propicia ter projeção espacial, olhar para o mundo e nos localizar em diferentes espaços. Ele tem capacidade de síntese entre os mundos interno e externo, bem como os diferentes sistemas psíquicos. O Eu também nos proporciona, muitas vezes, o entendimento sobre eventos e fenômenos da vida, mesmo que não saibamos explicar como e porquê sobre nosso entendimento. O Eu é uma “projeção mental da superfície do corpo, além de representar as superfícies do aparelho psíquico” (FREUD, 2011 [1923], p. 32).

Com tantas capacidades, características e funcionalidades, Freud supôs uma gradação desse Eu que foi nomeada como Superego, como na imagem do iceberg. Há muita luta interna que é vivida em cada um de nós. Há muito a ser

recalcado para que possamos conviver socialmente, mas também há demasiado trabalho para o Eu em seu papel de representante da realidade diante das forças internas vindas no Id e confrontadas pelo Superego (Super-Eu em algumas traduções). Ou em outras palavras, este conflito coloca em evidência “a oposição entre real e psíquico, mundo exterior e mundo interior” (FREUD, 2011 [1923], p. 45).

Segundo Freud (2011 [1923]), o Superego que está imerso no Id, pode representá-lo para o Eu, mas está mais distante da consciência. Dessa forma, o Superego recebe influência de processos que são inconscientes para o Eu. Nesta relação, o “Id é totalmente amoral, o Eu se empenha em ser moral, e o Superego pode ser hipermoral e tornar-se cruel” (FREUD, 2011 [1923], p. 68).

Nesta fronteira entre o mundo externo e o Id e no exercício de tornar o Id obediente ao mundo, o Eu é visto por Freud (2011 [1923]) diante de três ameaças: do mundo externo, da libido do Id e do rigor do Superego. O Eu como submisso ao Id procura uma relação em acordo com o Id; também “reveste as ordens ics deste com suas racionalizações pcs; simula a obediência do Id às advertências da realidade; disfarça os conflitos do Id com a realidade quando possível também aqueles com o Superego” (FREUD, 2011 [1923], p. 70).

Estamos diante de diferentes sistemas com descrições e dinâmicas específicas e que estabelecem relações entre si ininterruptamente. Fica evidente a impossibilidade de considerarmos apenas o que é consciente em nossas reflexões geográficas sobre a experiência de lugar. O sistema Ics possui características especiais que o constituem e atuam em seu funcionamento. Neste sistema, inúmeros impulsos coexistem e não se eliminam, ao contrário, são capazes de formar um objeto intermediário para prosseguirem. Neste sistema não existe negação, certezas ou dúvidas, existem variações no nível de investimento nos conteúdos, seus processos são atemporais, não se organizam cronologicamente, não se alteram com a passagem do tempo, também existe uma substituição da realidade externa pela realidade psíquica e que opera na regulação da relação entre prazer e desprazer. Estas características do sistema Ics continuarão a ser discutidas em capítulos posteriores.

Para prosseguirmos, vamos nos atentar para uma advertência que a psicanálise nos faz para não colocarmos “a percepção pela consciência no lugar do processo psíquico inconsciente, que é objeto desta percepção. Tal como o físico, também, o psíquico não precisa, na realidade, ser como nos aparece” (FREUD, 2010 [1915a], p. 108). E com o que se parece ou como aparece?

Capítulo 3 - Nas terras psíquicas: dinâmicas entre mundo interno e mundo externo

*Penso onde não sou,
logo sou onde não penso.*
Jacques Lacan

Freud parece ter escrito em um grande mapa. Cada vez que nos aproximamos de um conceito ele se transforma em uma pista localizada que nos conduz a outra, outra e mais outra. Estas pistas não necessariamente se encontram em um mesmo texto, mas estão por toda sua obra. No capítulo anterior, cuja temática era o inconsciente, acompanhamos pontos desse mapa freudiano. Para exemplificar, apesar de Freud ter um texto nomeado como “Inconsciente”, para conhecermos seu processo e elaboração conceitual, precisamos retomar textos anteriores e posteriores ao referido texto de 1915.

Este mesmo movimento meu levou ao encontro de Jacques Lacan. Explico melhor. Já mencionei que as *terrae incognitae* que busco com esta Tese são as terras do Inconsciente para epistemologia da Geografia. Com esta busca me encontrei com o pensamento e obras de Freud e Lacan, no entanto, não é possível dizer que se trata da mesma concepção de Inconsciente para os dois psicanalistas. Porém, foi o mesmo movimento, ao qual me referi sobre as pistas de Freud, que me levou a uma primeira aproximação com a obra lacaniana. Lacan se dizia freudiano, então, nesta minha busca por colocar neste mapa os antecessores com seus caminhos desbravados, estamos diante de mais uma dessas relações construídas.

Jacques Marie-Émile Lacan nasceu em 13 de abril de 1901 na França e faleceu em 9 de setembro de 1981. Médico que transitou entre a Neurologia e a Psiquiatria, teve contato com a Psicanálise em um contexto em que os pós-freudianos haviam abandonado ou minimizado a força da obra de Freud. No entanto, Lacan a retoma e faz o retorno ao Freud com a densidade de quem leu toda obra freudiana. Lacan também investiu em leituras no Estruturalismo de Lévi-Strauss, na Linguística de Saussure e na Matemática com estudos sobre Lógica e Topologia. Lacan seguiu Freud, aprofundou muitos pontos de sua obra, divergiu em alguns aspectos, adensou o caminho desbravado por ele e se disse freudiano, como na conferência em Caracas. A partir das décadas de 1950 e 1960, Lacan revolucionou

a Psicanálise ao pensá-la pela linguagem. Apesar da cura pela fala já estar na prática psicanalista, Lacan gerou outra perspectiva para o tratamento com seus estudos sobre a linguagem. Em sua perspectiva, é possível transformar um sintoma quando se fala ao analista, uma vez que estamos estruturados na linguagem. Então, ele sinalizava uma diferença com a perspectiva freudiana que supunha para o Inconsciente uma ação com “um sentido escondido para o qual se pode dirigir” (LACAN, 2008 [1959-1960], p. 365), no entanto, para Lacan não se tratava de algo que foi vivido e ficou escondido para que em algum momento da vida pudesse ser encontrado, mas sobre um dizer ou redizer do vivido de forma integrada e simbolizada com elementos pela e na linguagem.

Seguindo esta perspectiva atrelada ao capítulo anterior, este terceiro capítulo nos conduzirá à noção de realidade geopsíquica como ponto central no mapa das terras desconhecidas que tenho como horizonte reflexivo. Para isto, precisaremos nos aproximar de dois pontos importantíssimos na obra de Lacan: a noção de Inconsciente estruturado como linguagem e de alguns itens sobre seu trabalho com a topologia. Além disso, caminharemos, a partir de Freud, com a noção de realidade psíquica para a perspectiva dessa Tese de realidade geopsíquica.

3.1 - O mesmo vocábulo e lugares diferentes: caminhos com o Inconsciente lacaniano

Durante as conversas biográficas, uma cidade esteve presente em três circunstâncias, então, opto por iniciar a seção deste capítulo por Paraty. De acordo com o IBGE, o município localizado no sul do estado do Rio de Janeiro possui população estimada em 2018 de 42.630 pessoas, densidade demográfica em 40.57 habitantes por Km² e foi fundada em 1667. Mas pergunto, foi isto que as pessoas me disseram sobre Paraty? Não! Não me disseram sobre Paraty a partir de dados demográficos, o que não significa que a cidade não possa apresentar esta definição quantitativa do IBGE. No entanto, apesar do vocábulo ser o mesmo, Paraty apareceu nas falas das pessoas de diferentes modos.

O primeiro registro veio com Manuella que me ouviu pronunciar o nome da cidade em uma conversa e imediatamente disse “*Paraty? Quebrei o braço em Paraty*”. A criança que na ocasião da conversa tinha oito anos de idade, não estava

falando sobre dores, braços ou acidentes, mas ao ouvir o nome da cidade, apresentou o que para ela estava associado àquela cidade. Ela não precisou elaborar um raciocínio e conscientemente discorrer sobre a relação entre aquele lugar e o episódio do braço quebrado. Ela rapidamente apresentou o que lhe vinha à mente ao ouvir a palavra Paraty. Não sabemos o que significou para ela aquele ocorrido, mas sua lembrança evidenciou por meio de sua fala qual associação que ela vivia.

O segundo registro veio quando um casal se aproximava da rotatória que conduzia à entrada da cidade. Três placas indicavam os caminhos para Cunha à direita, para Ubatuba à frente e para Paraty à esquerda. O casal sabia que uma pessoa importante de suas vidas cotidianas estaria presente em Paraty e que vê-la na cidade seria um acontecimento marcante. Então, no momento da leitura das placas o marido fez uma brincadeira com sua esposa e disse “Sofia à esquerda”. Uma brincadeira que parecia despretensiosa, mas que alterava o nome de uma cidade pelo nome de uma pessoa importante especificamente para aquelas duas pessoas. Ou dito de outra forma, se quiser encontrar Sofia, vire à esquerda. Ou ainda, Sofia está à esquerda. Ou de outra forma, o que/quem você procura está à esquerda. Não se tratava de dizer que ela estaria em Paraty ou que efetivamente a encontrariam na cidade, mas naquele instante ela era Paraty.

No terceiro registro, Sebastião me procurou para contar que havia feito uma viagem com sua esposa para Paraty. Era a terceira vez que ouvia o nome da cidade neste período do doutoramento, então, nesta ocasião foi possível alongar a conversa biográfica em direção à Paraty. Vamos acompanhar alguns trechos.

“Ah, este fim de semana fui em Mambucaba e Paraty de moto com minha esposa. Olha, Paraty é Tiradentes com água do mar, fiquei à vontade lá, pois lembrei da casa de minha vó. As janelas, que para abrir tem que levantar, as tábuas corridas das casas, o cheiro das igrejas, o silêncio das ruas de pedra. Olha, me senti em Ressaquinha, foi ótimo conhecer Paraty. Lembrei muito de minha vó e meu pai”.

Sebastião ficou entusiasmado ao conhecer Paraty, no entanto, no início da conversa ele já conta sobre a cidade a partir de exemplos anteriores que envolvem pessoas, experiências e lugares. Estar naquela cidade foi viver uma experiência de um lugar atrelado a outros lugares. Como se outros lugares se presentificassem se sobrepusessem em Paraty. Como isto é possível? Por que ao falar de Paraty, Sebastião evocou as cidades mineiras de Tiradentes e

Ressaquinha? Que associação é esta que fez Sebastião dizer que Paraty é Tiradentes com água do mar e o fez sentir em Ressaquinha? Por que a lembrança da casa da avó o fez se sentir à vontade em Paraty? Como responder estas questões geograficamente?

Estes três registros abrem nossa aproximação com o que Lacan construiu na psicanálise: a concepção do Inconsciente estruturado como linguagem. Entre pistas e caminhos, vamos retomar o aspecto na obra freudiana que trata sobre a condensação e o deslocamento.

No capítulo anterior, vimos que Freud entre 1900 e 1901 publicou a importante obra “A interpretação dos sonhos” e nos apresentou mecanismos psíquicos que produzem os sonhos, bem como análises de sonhos de seus pacientes. O sonho nos apresenta conteúdos manifestos através dos quais podemos contar aos outros sobre o que sonhamos, mas também possui o conteúdo latente a partir de nosso material inconsciente. Então, os sonhos não possuem apenas resíduos diurnos do que foi vivido, mas também trazem algo que precisa do sonho para se manifestar. Mas se o material inconsciente precisa do sonho para ser visto, ele continua a seguir as leis de funcionamento que vimos no capítulo anterior. Ou seja, o que aparece no sonho não é idêntico ao vivido nem ao material inconsciente. Então, como isto ocorre?

Freud (2014 [1916-1917a]), explicou que com a condensação, elementos latentes podem se apresentar como reunidos em uma unidade no sonho manifesto. Ele nos exemplifica com um convite para observarmos nossos próprios sonhos e nos pergunta se já sonhamos com uma pessoa com aparência A, com trajes de B, com ações de C, mas que nos faz dizer que sonhamos com a pessoa D. Neste exemplo, quatro pessoas estão misturadas e reunidas em uma única pessoa. A riqueza desse mecanismo pode unir pensamentos diferentes em um sonho manifesto, através da mistura de pessoas, objetos ou lugares, em um entrelaçar que nos apresenta um material e se remete a outro. Freud (2016 [1900]) também destaca que este trabalho de condensação pode ser visto com palavras e nomes que podem gerar inusitados neologismos.

Com este mecanismo, aquilo com o que não poderíamos nos encontrar acordados, é possível nos depararmos durante o sonho por meio dessa condensação e do deslocamento. Com o reagrupamento do material, o motivo pelo qual um conteúdo foi censurado, poder ser deslocado e se fazer presente no sonho

de outro modo. É com a deformação, modificação e reordenamento que o deslocamento atua, então, um elemento latente é substituído por outro mais distante e mais irrelevante, o que auxilia o sonho parecer-nos estranho. Ou seja, um conteúdo importante pode se fazer presente em situações aparentemente irrelevantes e por meio de formações substitutivas.

A elaboração lacaniana do Inconsciente estruturado como linguagem também é sustentada por este trabalho do sonho apresentado por Freud. Mas vamos desmembrar esta afirmação.

A partir das leituras sobre o Estruturalismo, Lacan, por toda sua obra, nos faz considerar que objetos ligados ou agrupados podem fazer surgir princípio de relações ou leis que evidenciam e determinam sua estrutura. Esta estrutura também postula uma lei sobre estes referidos elementos, como temos acompanhado, por exemplo, as leis de funcionamento do Inconsciente desde o capítulo anterior. Esta ideia de estrutura associada à linguística de Ferdinand de Saussure (2012), concebe a linguagem como sistema de signos, uns dependentes dos outros. Então, pela estrutura, ao mudar a posição de um, altera-se os outros. O signo não tem valor em si, mas possui na relação com os outros.

Em Freud encontramos a proposição das representações que se ligam, os mecanismos de condensação e deslocamento e a perspectiva de Lacan nos mostra que a cadeia não é ligada pelo significado, mas pelo significante. O signo une significante e significado e o significante se articula entre metáforas, metonímias e tem autonomia em relação ao significado então, novamente estamos falando de elementos que se associam e se substituem.

Para Lacan, “o arado do significante sulca no real o significado, literalmente o evoca, o faz surgir, maneja-o, engendra-o. Trata-se das funções da metáfora e da metonímia” (LACAN, 1999 [1957-1958], p. 33). Com este arado, a linguagem nos toca, nos marca e nos atravessa, mesmo que tenhamos dificuldade de ler seus sulcos em nossa própria vida, mas estamos submetidos a ela.

O que podemos acompanhar é que apesar da possibilidade de compressão desses processos, não necessariamente conseguimos lê-los e sequer controlá-los. Na metáfora, por exemplo, com a substituição de um significante por outro, torna possível o desenvolvimento “do significante, mas também de surgimentos de sentido sempre novos, que vêm sempre contribuir para aprimorar, complicar, aprofundar, dar sentido de profundidade àquilo que, no real, não passa de

pura opacidade” (LACAN, 1999 [1957-1958], p. 34). Nos constituímos e vivemos com estes significantes atuando, por este algo que fala em nós.

Segundo o psicanalista Chemama, o significante é o “elemento do discurso, referível tanto ao nível consciente como inconsciente, que representa e determina o sujeito” (CHEMAMA, 1995, p. 197). Vamos acompanhar o exemplo a partir de Lacan e Saussure,

Em Saussure, o signo linguístico é uma entidade psíquica de duas faces: por exemplo, o significado ou conceito da palavra árvore é a ideia de árvore e não o referencial, a árvore real, o significante, igualmente realidade psíquica, pois se trata não do som material que se produz quando se pronuncia a palavra árvore, mas da imagem acústica desse som, que se poder ter na cabeça, quando por exemplo, declama-se uma poesia sem pronunciá-la em voz alta. (CHEMAMA, 1995, p.197-198).

Com este exemplo, afinal, o que é Paraty? Nesta pesquisa não há como separar os conceitos de lugar e significante. E é em torno dessa associação que estamos caminhando. Dizer Paraty para cada uma daquelas três pessoas produzia uma imagem acústica mental que não era traduzida como uma definição padrão, por exemplo, com população, área e localização. Para Chemama, “se o significante for concebido como autônomo em relação à significação, ele irá, portanto, assumir uma função completamente diferente da de significar: a de representar o sujeito e também determiná-lo” (CHEMAMA, 1995, p. 198). Paraty era para cada pessoa algo específico e que estava atrelado às suas histórias de vida. No entanto, também não podemos dizer sobre aquilo que é Paraty somente pelo o que aparece para cada uma das pessoas. Geograficamente precisamos nos ater a outros elementos daquela cidade. Mas dizer que o lugar depende de quem o vê, ainda é considerá-lo como no exemplo anterior sobre a relação da pessoa e a poltrona como lugar. Estou considerando isto sim, mas caminhando ao encontro daquele diante da poltrona para compreendermos três pontos: primeiro o que acontece internamente, segundo as relações entre externo e interno, terceiro os efeitos do interno no externo. Portanto, não é algo que individualiza, idealiza ou nos retira do mundo, mas ao contrário, são os mundos internos e externos juntos, é o entre, é na relação.

Seguindo na compreensão dessa relação, refaço um alerta. Para aqueles que anseiam por perguntar a localização do Inconsciente, outras duas respostas vão ao encontro desse questionamento. Para KINGSBURY e PILE (2014, p. 14), “o

inconsciente, não é um lugar, como se fosse um recipiente hermeticamente fechado dentro da mente, onde ‘engarrafamos’ todas as coisas dolorosas”⁹. Com Lacan esta resposta poderá lhes parecer mais frustrante, uma vez que o ato da linguagem faz o inconsciente advir e ao mesmo tempo o exprime. Somos seres falantes e o Inconsciente está na linguagem.

Temos visto diferentes mecanismos psíquicos para que possamos ver sua manifestação. Ele tenta nos dizer, mesmo que o sujeito não escute, ele tenta. E tenta outra vez, de novo e sempre. Somos habitados por este inconsciente que nos fala e por muitas vezes nos deparamos com resíduos duros e difíceis nestas tentativas em se fazer ouvir. Algo que pela linguagem, vai ao encontro dessa ideia de condensação, deslocamento, metáfora e metonímia porque nestes dizeres uma coisa pode dizer de outras e não controlamos este inconsciente que nos fala. Então, estamos diante de uma concepção de humano que revela que não é possível saber tudo sobre nós mesmos e do outro. Ou retomando a epígrafe, para Freud o Eu não é senhor de sua própria morada e para Lacan, penso onde não sou, sou onde não penso.

O inconsciente é, no fundo dele, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem. E não somente o significante desempenha ali um papel tão grande quanto o significado, mas ele desempenha ali o papel fundamental. O que com efeito caracteriza a linguagem é o sistema do significante como tal. [...] O significado não são as coisas em estado bruto, aí já dadas numa ordem aberta à significação. A significação é o discurso humano na medida em que ele remete sempre a uma outra significação. (LACAN, 1988 [1955-1956], p. 142)

Esta é uma importante citação que atrela o Inconsciente à linguagem. O Inconsciente se manifesta nos chistes, atos falhos, sonhos e sintomas, dessa forma, sempre na e pela linguagem. Temos visto suas regras, seu funcionamento, suas leis nesta concepção de estrutura e é nela que o significante tem seu papel fundamental. Caso contrário, ao pronunciarmos o nome de uma cidade, como Paraty, por exemplo, deveríamos obter respostas com significados iguais. No entanto, sabemos que existem variações e a pergunta é: como um mesmo lugar pode ser dito de maneiras tão diferentes? Desdobrando esta questão: O lugar é o mesmo? Como um

⁹ Livre tradução de: “The unconscious, then, is not a place, as if it were a tightly sealed container inside the mind where we “bottle-up” all the painful stuff”.

mesmo vocábulo por acolher as diversas experiências? Considerando este vocábulo, o que é a cidade para-ti?

Com esta perspectiva, Lacan afirma que “decorrer de um discurso intencional em que o sujeito se apresenta como querendo dizer alguma coisa, produz-se algo que ultrapassa seu querer, que se manifesta como um acidente, um paradoxo, ou até um escândalo” (LACAN, 1999 [1957-1958], p. 34). Para Lacan e como na epígrafe, a experiência analítica indica que o Inconsciente “fala no sujeito, além do sujeito, e mesmo quando o sujeito não o sabe, e diz sobre isso mais do que crê” (LACAN, 1988 [1955-1956], p. 54). Existe algo que fala em nós, que nos escapa e que se manifesta. Neste sentido, esta concepção de sujeito não é a pessoa com suas características, qualidades, defeitos e não é uma substância. Trata-se de um sujeito fruto do dizer, que advém da ordem do significante, que é dividido pela linguagem, que só é possível por sermos seres falantes,

o efeito de linguagem é a causa introduzida no sujeito. Por esse efeito, ele não é causa dele mesmo, mas traz em si o germe da causa que o cinde. Pois sua causa é o significante sem o qual não haveria nenhum sujeito no real. Mas esse sujeito é o que o significante representa, e este não pode representar nada senão para um outro significante: ao que se reduz, por conseguinte, o sujeito que escuta (LACAN, 1998, p. 849).

Desde o capítulo anterior com a noção de representação para Freud que estamos diante da ideia de algo que representa. Com Lacan e sua concepção de linguagem, podemos nos referir ao sujeito como sujeito do inconsciente e ao inconsciente estruturado como linguagem. Dessa forma, esta referida divisão que é psíquica, que divide o sujeito e é atravessada desde as instâncias psíquicas de Freud onde o sujeito consciente está separado de suas representações. O sujeito representado pelo significante convive com esta falta causada por esta divisão. No mesmo modo, não sabemos e controlamos tudo que nossa consciência parece nos indicar, inclusive em nosso próprio discurso. Segundo Joël Dor, “no discurso, o Eu é o lugar onde o sujeito se produz como aquele que fala” (DOR, 1989, p. 155).

Esta relação entre sujeito e significante também é atualizada e diferenciada pela história de cada um de nós e pelo modo como subjetivamos nossas relações conosco, como o outro e com o mundo. Estamos diante da indissociabilidade entre sujeito, inconsciente e linguagem.

Segundo o psicanalista Joël Dor, “a ordem significante causa o sujeito, estruturando-o num processo de divisão que faz advir o inconsciente” (DOR, 1989, p. 103). Com esta perspectiva lacaniana da dimensão da linguagem, o sujeito é representado pelo próprio discurso, advém da linguagem e é ainda assim, que o sujeito está oculto de si mesmo. Da mesma forma que o significante nos marca ele faz advir o inconsciente. Para Joël, “o sujeito do inconsciente constitui esse algo de que estamos irredutivelmente separados, por não estarmos senão representados na linguagem” (DOR, 1989, p. 115).

Observe que tenho diferenciado os termos sujeito e sujeito da pesquisa. Ao utilizar o termo sujeito, estou me referindo a este sujeito da psicanálise, como o sujeito da linguagem, que não é sinônimo de pessoa nem de indivíduo. Ao me referir àqueles que participaram da pesquisa, utilizo o termo sujeito da pesquisa porque neste caso, estava lidando com pessoas, com suas características, suas histórias e em suas atividades do cotidiano. Além disso, todas surgiram nesta Tese por participarem da pesquisa como sujeitos, sujeitos da pesquisa. O que é preciso estar claro, é a existência da possibilidade de considerarmos os sujeitos da pesquisa como sujeitos no sentido lacaniano e não apenas como pessoas ou indivíduos.

Entre as duas perspectivas encontramos a concepção lacaniana que o significante representa e representa para outro significante. Este um dizer pela palavra que representa, neste caso, o sujeito da pesquisa, sua história e suas experiências com os lugares. Existe no psiquismo uma representação da experiência que foi vivida e muitos outros representantes dessa representação que se presentificam em nosso dizer cotidiano. Não podemos perder de vista esta noção de que o lugar vivido e o lugar narrado não são idênticos. Mas isto será desdobrado até o final da Tese.

3.2 - Mundos interno e externo: entre a topologia de Lacan e o lugar na dobra

Certo dia participava de uma conversa com duas mulheres que haviam se tornado mães há pouco tempo. Naquela ocasião, Laís acabara de dar à luz ao seu primeiro filho há poucos meses e estava em sua cidade natal visitando amigos e familiares. Uma dessas visitas foi a uma amiga que estava na licença maternidade há poucos dias. Laís havia se mudado para outro estado e contava na conversa como estava sua vida em outra cidade, longe da família e com um bebê recém-nascido. Entre suas alegrias e dificuldades, Laís contou sobre uma sensação diferente que teve ao caminhar por Juiz de Fora.

“Outro dia deixei o Lu um pouco com minha mãe e fui dar uma volta lá no centro. Gente, vocês não acreditam!! Eu descia aquele calçadão e parecia que estava na Champs-Élysées. (Risos...). Nunca fui lá em Paris, mas parecia que estava andando por aquelas ruas. Sério!! Juro!!! (Risos...). Gente!! Sério!! Nunca gostei tanto de Juiz de Fora!! Descobri que amava JF e não sabia.... só soube quando fiquei longe”.

O que aconteceu com o calçadão que Laís se referiu? Se formos comparar elementos da paisagem da avenida parisiense e da rua juiz-forana dificilmente encontraremos aspectos comuns. Então, o que evocou outro lugar enquanto caminhava pelo calçadão? Por que Laís se sentiu em Paris estando em uma cidade mineira? O que é Juiz de Fora para Laís? E o que é *Champs-Élysées* para ela? Como geograficamente podemos refletir sobre Laís estar em Juiz de Fora e se sentir em Paris? Como se sentir em Paris sem nunca ter ido à França? O que mudou em Juiz de Fora? O que mudou?

Não nos cabe especulações sobre a vida de Laís, mas não há como falar sobre a relação que construiu entre as duas cidades sem nos atermos aos elementos de sua vida que apareceram durante a conversa. Incluo nesta relação uma terceira cidade, aquela para qual se mudou. O contexto de sua fala é uma conversa que incluía uma mudança de cidade, o nascimento do primeiro filho, as dificuldades dos primeiros cuidados, a saudade da família, a vontade de querer alguém da família presente na nova cidade, a relação de cuidado por 24h com seu bebê recém-nascido e, então, o momento de passear sozinha pelo calçadão da antiga cidade.

A conversa revela muitos elementos de sua vida que parecem se encontrar no calçadão. Existem elementos de seu passado, presente e futuro. Todos coexistindo no trecho destacado. Laís diz sobre a relação com sua família, a experiência de ser mãe, sobre uma cidade que visitou presencialmente, sobre a mudança de cidade, sobre sua relação com a cidade natal com a cidade atual e Paris. São muitos aspectos de sua vida que parecem se encontrar no calçadão, mas que estão presentes em seu dizer. Alguma coisa mudou em Laís ao viver tantas mudanças. Estou repetindo esta palavra porque é ela que nos indica o que mudou no calçadão: a vida da Laís. Estas mudanças, em todos os aspectos, foram tão significativas que reverberam no modo como viu e transitou por aquela rua naquele momento. Então a rua é ou não é mesma?

Laís não se sente nem se vê como no período em que morava em Juiz de Fora, o mesmo aconteceu com a rua em que estava acostumada a passear. Este novo *status* que atribuiu ao calçadão também revela que não só naquele lugar muitos elementos estavam sobrepostos, mas que nela também estavam diferentes. Seu mundo interno e externo se presentificaram naquele passeio e no que disse sobre aquela experiência. Precisamos nos voltar a isso.

Esta Tese aponta para a existência de uma dobra entre nosso mundo interno e o mundo externo. Uma dobra através da qual o externo se dobra ao interno e o interno se dobra ao externo. É junto. É com. É um como face do outro, um como avesso do outro. Então, retome o trecho da conversa com Laís, o que houve? Uma dobra! Uma dobra do que está vivendo internamente para o mundo externo. O calçadão foi visto, sentido e experimentado através das mudanças da vida de Laís. Suas mudanças não ficaram restritas ao seu sentir e pensar, mas estavam presentificadas no calçadão e manifestadas em suas palavras durante a conversa. Laís e o calçadão haviam se modificado nesta dobra. Mas você pode se perguntar: de onde vem essa ideia de dobra?

Em 2017, a *Association Lacanienne Internationale* fez seu seminário de verão na França sobre “O Eu e a topologia e o tempo”. Quando ouvi de uma analista que foi ao Seminário a palavra topologia, alguma coisa me pareceu familiar e estranha ao mesmo tempo. Seria um estudo do lugar? Seria um seminário sobre o lugar e a psicanálise? Aquela palavra ecoou e fui buscar no dicionário de Psicanálise organizado por Roland Chemama (1995) a definição de topologia.

Duas coisas me capturaram ao ler a definição no dicionário, a primeira frase e as figuras que compunham o conceito. A primeira frase parecia me trazer algo familiar e geográfico, ao mesmo tempo em que não me era nada familiar. Aliás, a psicanálise tem isso, a gente olha, parece reconhecer alguma coisa, mas a imagem não fecha, não coincide, tem sempre um estranhamento que se faz presente. Então, sigamos com a referida frase e a replico aqui: “Geometria flexível que trata matematicamente das questões de vizinhança, de transformação continua, de fronteiras e de superfície, nem sempre fazendo intervir a distância métrica” (CHEMAMA, 1995, p. 212).

Minha primeira impressão destacava algo flexível, espacial, referente à transformação e à intervenção. Mas entre o que parecia ser geográfico e o que era matemático, não estava claro o que seria a topologia para psicanálise.

O termo topologia está ligado aos estudos de Lacan do início da década de 1960, quando no “Seminário 9 – A Identificação”, desenvolveu a temática pela topologia do toro, a fita de Möbius e do *cross-cap*. Para Lacan (2003 [1961-1962]), na topologia a noção de superfície não é evidente e o espaço guarda mistérios, o que nos ajuda a considerar as terras desconhecidas que geograficamente estamos nos aproximando. Com a topologia do toro, a fita de Möbius e do *cross-cap*, a psicanálise lacaniana surpreende não só aos matemáticos, mas a todos que diante de figuras de uma geometria flexível podem refletir sobre o humano. Nesta topologia, um vazio não é somente um vazio, uma borda não é somente uma borda, um buraco não é somente um buraco, um nó não é apenas um nó, um laço não é apenas um laço e um corte não é apenas um corte. A intenção da escrita desse parágrafo é trazer um estranhamento. Um estranhamento como as referidas figuras geométricas podem nos causar, por elas mesmas, por elas na Psicanálise e por elas na Geografia.

Na topologia lacaniana, a topologia do toro, a fita de Möbius e do *cross-cap* apresentam conexão, no entanto, para fazer uma torção e uma apropriação para epistemologia da Geografia, opto por enfatizar, neste momento, a fita de Möbius. Isto não significa que futuramente topologia do toro, a fita de Möbius e do *cross-cap* não estarão juntas em outros estudos geográficos.

Neste caso, estamos diante do segundo elemento que me capturou ao ler o vocábulo topologia: as figuras. A figura da fita de Möbius foi algo que rapidamente se associou à reflexão de lugar que tenho construído. É isto que você não pode perder de vista e sempre se perguntar, mas em que isto se relaciona com o lugar?

August Ferdinand Möbius foi um matemático alemão que viveu entre 1790 e 1868 e realizou transformações projetivas na geometria euclidiana, como a chamada fita, banda ou faixa de Möbius.

Faixa de Möbius



Fig. 5- Elaborada pela autora em 2017.

Esta é uma faixa que só tem uma face. Então, imagine como se fosse uma fita de papel cuja tira teve suas duas extremidades unidas, porém, antes de colá-las, uma das extremidades sofreu uma pequena torção. Para realizar esta torção, um lado da fita foi colado à extremidade da fita, porém pelo lado contrário. Esta torção faz esta faixa ter apenas uma face, caso contrário ela seria um anel cilíndrico. Depois que as extremidades estão em unidade, se você cortar a fita em toda sua extensão ao meio, ela não se dividirá em duas, e sim, dobrará seu tamanho e continuará como uma única fita.

Faixa de Möbius em etapas

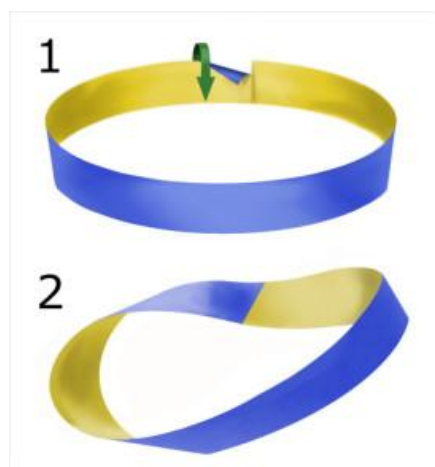


Fig. 6- Adaptado pela autora em 2018.

Fonte: <https://ipemsp.wordpress.com/2015/05/29/a-faixa-de-moebius/>

Se não houvesse a torção no momento da colagem da fita, ela estaria em formato de anel cilíndrico (figura abaixo), e se tornaria uma superfície orientável. Poderíamos supor um deslocamento pela face externa e conseguiríamos completar uma volta sem encontrar com a face interna e vice-versa. Existe uma rigidez nesta forma geométrica que divide o espaço em duas porções e que tem duas margens, isto difere do que Möbius fez ao tornar flexível uma forma conhecida.

Anel cilíndrico

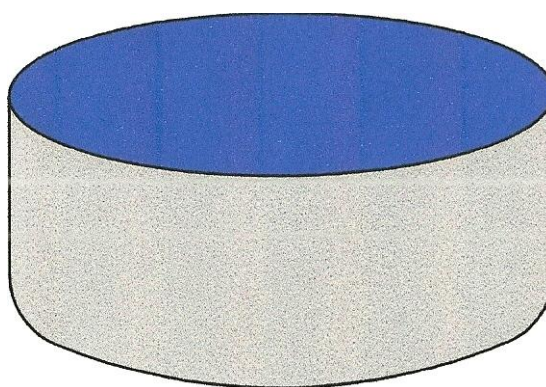


Fig. 7- Elaborada pela autora em 2018

Diferente desse anel cilíndrico, a fita de Möbius é uma superfície não-orientável, com uma única margem e borda. Então, se começarmos uma volta pelo o que parece o lado externo a terminaremos no que parece o lado interno, ou seja, do

mesmo lado da fita porque ela não tem lado interior e exterior. Em sua única superfície o deslocamento acontece sempre do mesmo lado e voltamos ao mesmo ponto da partida. Existe uma flexibilidade nessa forma e uma relatividade na distância entre seus pontos.

Segundo Chemama (1995), para Lacan, esta característica da fita do lado direito se prender ao lado avesso representa a relação do inconsciente com o discurso consciente. A topologia nos conduz a esta compreensão e nos permite reconsiderar os termos interno e externo, uma vez que que, demonstrado pela fita de Möbius, o que era interno se torna externo e o que era externo se torna interno. Entre as voltas temos um tempo, um intervalo, algo que também deixa significativo e significado desalinhados, mas como pertencentes à mesma faixa.

Observe a obra Möbius Strip II, elaborada em 1963 pelo artista gráfico holandês Maurits Cornelis Escher (1898-1972). Inspirado na fita de Möbius, Escher nos apresenta formigas que ora caminham pelo “lado de fora”, ora caminham pelo “lado de dentro”. Escolha uma formiga e tente segui-la.

Möbius Strip II

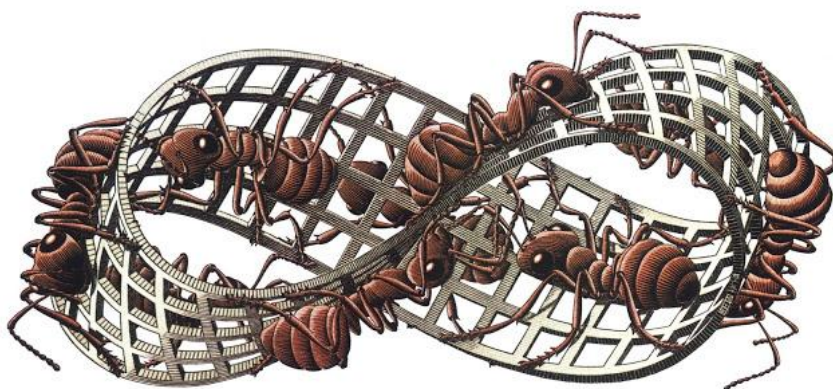


Fig. 8 - Fonte: ERNST, Bruno. *Der Zauberspiegel Des Maurits Cornelis Escher*. Berlim: Taco, 1986.

Na experiência vivida por Laís no calçadão de sua cidade natal podemos encontrar isto que tenho nomeado como uma dobra. Seu mundo interno se dobrou ao externo e o externo ao interno. O calçadão lhe parecia outra coisa porque o via, o sentia e o experienciava nesta dobra. Uma dobra que nos permite considerar o lugar em relação intrínseca entre mundo externo e mundo interno. Isto já nos sinaliza que a constituição do lugar para alguém não emerge do próprio lugar, mas dessa dobra, de algo que constituiu o sujeito e que se manifesta nesse encontro com o lugar. Da

mesma forma que é algo que emerge no lugar e afeta o sujeito. Novamente a indissociabilidade entre interno e externo, mas precisamos avançar em um aspecto ligado a esta dobra. Como é possível um lugar ser constituído e vivido nesta dobra?

3.3 - O lugar na dobra da realidade geopsíquica

No início do doutoramento, estive na casa de D. Celma. Era um final de uma tarde com céu nublado, temperatura amena e tive a oportunidade de realizar a primeira conversa biográfica para esta pesquisa. Procurei naquele primeiro campo de realização da pesquisa, apenas conversar. Apenas não no sentido do que é menor, mas como algo que me permitisse estar exclusivamente com aquela senhora. Um apenas que me levou a suspender o que já sabia ou imaginava, a me desfazer como pesquisadora e a me colocar como alguém que conversava junto.

Fiquei ansiosa e receosa para aquele campo. Ansiosa por ouvir histórias e receosa por ter a sensação que estaria invadindo a intimidade e as memórias de alguém. Fiquei com medo de trazer incômodos ao ficar proseando sobre outros tempos e desenterrar algo que pudesse doer em alguém que estava quieta em casa e, de repente, estaria me contado alguns episódios de sua vida. Mas, mesmo assim fui ao encontro do que não supunha, do que não conhecia e do que a pesquisa não controlava.

Toquei a campainha, aguardei alguns instantes e ela abriu sorridente. Uma senhora branca, de grandes e expressivos olhos azuis, um enorme sorriso e um abraço aconchegante. Ao vê-la, disse que queria papear e ouvir umas histórias. Dona Celma deu uma gostosa gargalhada, me convidou para entrar e tomar um café.

Ao entrar pela sala vi que suas duas filhas também estavam lá e sentaram-se conosco. Começamos a conversa por um pão que havia tentado fazer, mas que não tivera sucesso. Nossos assuntos transitavam por erros e acertos na cozinha em uma conversa que parecia me distrair de um tradicional papel de pesquisadora. O que foi muito bom! Porém, apesar de estar verdadeiramente imersa naquela conversa, por alguns instantes, me ausentei e pensei, instintivamente, “o que estava pesquisando?”. Em um diálogo interior identifiquei que não sabia aquela resposta, me senti abalada ou até desamparada, e após um tempo de confusão interna decidi que apenas conversaria com aquela senhora agradável que abriu as

portas de sua casa para mim. Era o que desejava: ouvi-la por meio de uma conversa.

D. Celma se apresentou como filha de imigrantes italianos e como alguém que sempre morou na mesma rua. Suas filhas também sempre moraram com a mãe e por algumas vezes as narrativas se entrecruzaram e se misturaram. Não havia motivo nem condição de dizer que a conversa seria apenas com a mãe. As três apresentaram uma rotina em que estão sempre juntas, vão ao supermercado, à igreja, visitam parentes, cozinham e fazem tricô juntas, o que me leva a entender a naturalidade de todas estarem presentes nas conversas biográficas.

Estávamos em uma casa localizada em uma das ruas mais movimentadas da cidade de Juiz de Fora-MG e D. Celma me contava com entusiasmo do tempo em que brincava subindo e descendo aquela ladeira. Suas brincadeiras eram com os meninos e justificava que era porque gostava e por ser a única garota da vizinhança. Seu sorriso e olhar saudosos lembravam o futebol, a bolinha de gude, o pular carniça, as corridas de saco e o rodar argola. Brincava e corria tanto que entre subidas e descidas de árvores e na própria rua, cortou-se com um caco de vidro e me mostrou a marca segurando o queixo.

D. Celma passou sua infância e juventude na casa de frente para onde estávamos e desde que se casou mora nesta casa. Porém, aquela atual casa que ela me apontava não era a casa a qual se referia. Mas ela continuava a me apontar e dizer sobre sua casa. Na casa onde viveu havia um porão onde ela e os meninos entravam com velas acesas e iam até no fundo para pegar ovos de galinhas que a mãe criava. Sem medo de entrar ali, passaram a se esconder do pai quando aprontavam e sabiam que levariam bronca. Medo ela só tinha das histórias de mula-sem-cabeça que sua irmã contava, dizia que não tinha medo do porão nem do escuro daquele lugar, ao contrário disso, gostava de ir e brincar no porão. D. Celma continuava a me apontar lugares de sua antiga casa. Ela me mostrou qual era a janela do quarto das meninas, dos meninos, a sala, o armazém e os degraus onde papeava. A casa dela não estava mais lá, mas ela olhava e dizia “*olha, ali era meu quarto*”. E então falava como se estivesse diante de seu quarto de décadas atrás.

Dona Celma enxergava uma casa que eu, ao seu lado, não via. Não se tratava de ponto de vista nem de qualquer outra dificuldade sensorial. O que estou a dizer é que materialmente sua casa não existia mais, no entanto, o uso da expressão “ali” sinalizava que, sim, seu quarto estava naquele lugar. O mesmo é

possível pensar com o verbo “olha”, num movimento que me convocava a enxergar um quarto que ela estava enxergando. Mas repito, eu não podia vê-lo. O que podia fazer, era ouvi-la, acompanhar sua narrativa e imaginar sua casa. Mas aquela conversa biográfica foi tão forte, significativa e movente que ela permitiu o desvelar de uma grande inquietação a ser investigada nesta pesquisa. Como poderia refletir e responder geograficamente sobre aquele “olha, ali era meu quarto”?

Na tentativa de responder esta questão, a desmembrei em quatro pontos. Primeiro, D. Celma elegeu seu quarto, a partir de algum critério, como um lugar a ser mostrado, a ser narrado, a ser dito. Por quê? Por que o quarto? O que foi vivido lá? Por que ele foi lembrado? Que tipo de experiência ela viveu no seu quarto que orienta sua lembrança? O que a marca?

No segundo ponto, o verbo “era” indica que algo foi vivido em outro tempo, mas que se fazia presente no momento da conversa biográfica. Como? Por quê? Como pensar o passado e o presente nesta interseção? O “era” sinalizava algo que não existia mais, no entanto, ela via seu quarto. Como? Por que e como ela enxergava algo que “era” e parecia não estar mais?

No terceiro ponto, o “ali” espacializava aquela lembrança, localizava seu quarto num referencial entre o lugar no passado e no presente. Mas como um quarto pode ser “ali” e não estar “ali”? Este “ali” trazia a indissociabilidade entre a experiência, o lugar e o tempo, mas como este encontro ocorre em cada pessoa? O “ali” parecia ter uma função de fidelidade com a lembrança e uma chave que unia dois tempos distintos, mas como? Como mapear um passado que é visto apenas por quem o viveu?

O quarto ponto traz o dizer através do comando “olha”. Uma ação que foi possível de ser solicitada porque existia um dizer, uma narrativa da experiência dirigida ao outro. Todo aquele passado estava sendo dito a alguém. Mas qual a força da experiência narrada? Aquele lugar estava sendo significado? Resignificado através da narrativa? O que a narrativa sobre a experiência de uma pessoa apresenta sobre um lugar? O que está para além da materialidade de um lugar e que se manifesta para alguém?

Estes quatro pontos foram importantes na reflexão, mas seguia sem compreender como era possível D. Celma parecer estar diante de seu quarto e eu não, foi quando me encontrei com o conceito psicanalítico de realidade psíquica.

Freud (1996 [1895]) em seu “Projeto para uma psicologia científica” diferenciou a realidade em “realidade do pensamento” e “realidade externa”, no entanto, o termo realidade psíquica é adotado a partir da “Interpretação dos sonhos” de 1900 relacionado ao Inconsciente como a verdadeira realidade psíquica, “em sua natureza mais íntima, ele nos é tão desconhecido quanto a realidade do mundo externo, e é tão incompletamente apresentado pelos dados da consciência quanto o é o mundo externo pelas comunicações de nossos órgãos sensoriais.” (FREUD, 2016 [1900-1901], p. 640). Para ele, trata-se de uma forma especial de existência e uma realidade decisiva.

Laplanche e Pontalis (1997) descrevem que o termo utilizado por Freud não é para mencionar um campo da Psicologia com uma realidade própria, “mas aquilo que para o sujeito assume valor de realidade no seu psiquismo” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1997, p. 426). A realidade psíquica desempenha um papel importantíssimo diante da realidade material ou factual e se refere aos processos inconscientes e ambas não devem ser confundidas. Todavia, geograficamente, as duas devem ser consideradas.

“Freud opõe ao mundo interior, que tende para satisfação pela ilusão, um mundo exterior que impõe progressivamente ao sujeito, por intermédio do sistema perceptivo, o princípio da realidade” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1997, p. 169). No entanto, apesar dessa diferenciação, a realidade psíquica é mediada pela realidade externa, o que permite a zona de contato entre os mundos interior e exterior, o que evidencia o alcance da realidade psíquica em nosso cotidiano. Este núcleo do psiquismo se refere à fantasia, ao desejo, à vida imaginária e, principalmente, à forma como a realidade é significada e nossa história representada para nós mesmos. Geograficamente, estou a considerar o contato e assimilação entre tais realidades no modo como experimentamos os lugares, os significamos para nós mesmo e como eles nos constituem. Não é aleatório que um lugar seja importante para uma pessoa e para outra não. **É na dobra dessas realidades que o lugar se constitui e é vivido.** Nossas experiências no presente e no passado são centrais nessa relação com os lugares, o modo como vivemos e nos lembramos está para além do que é factual. Existe algo que não definimos, conscientemente, mas que nos acompanha em nosso inconsciente, e que nos permite viver o mundo a partir de nossas experiências que tenho sinalizado como realidade psíquica.

Esta forma de interação é construída, difere entre cada um de nós, bem como os limites e fronteiras entre o Eu e o mundo, tanto que este é um conceito primordial para fantasia. A questão é que existe esta interação construída e o modo como estamos no mundo está diretamente atrelado à mediação da realidade psíquica, ou seja, tanto o Eu quanto o mundo, quanto esta relação precisam ser construídos, o que não significa que passem por nossa deliberação.

Pensar a realidade psíquica inserida na revolução epistemológica promovida pela teoria de Freud, é considerar, efetivamente, que existem diferentes realidades e que a realidade psíquica em sua imaterialidade produz efeitos em cada um de nós, portanto, também age em nossas relações com os lugares a partir da realidade que criamos. Ou seja, nossa relação com os lugares não é dada somente por uma vivência circunscrita no tempo-espaço, ela também é configurada pelo que somos e como vivemos o mundo, e isto inclui nosso inconsciente e nossas marcas vividas e impressas por experiências anteriores. Dito de outra forma, o lugar possui significado para alguém porque o que foi vivido tem sentido de modo singular para a pessoa que o experimentou e, posteriormente, encadeou seu significado.

Quando D. Celma dizia “ali era meu quarto”, através de suas lembranças, ela apresentava em palavras aquilo que enxergava através de sua realidade psíquica. O que foi vivido e era visto por ela, somente poderia ser conhecido por mim, como pesquisadora, por meio da palavra. Era a palavra que me permitia conhecer sua experiência e localizá-la no tempo e espaço. Não há como conhecer a experiência de lugar sem que esta se apresente ao outro. É por meio dela que compreendemos como o mundo é significado e construído em uma relação de sentido. Através da palavra podemos nos aproximar das mediações entre a realidade psíquica e a realidade externa nas relações com os lugares.

Considerar a realidade psíquica na experiência geográfica é compreender como ocorre este processo em que estamos em um determinado lugar e nossas lembranças nos conduzem por outros tempos e lugares. Neste sentido, a medida em que “somos, na verdade, forçados a dizer que a realidade psíquica é uma forma de existência especial que não pode ser confundida com a realidade material” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1997, p. 170). É por meio dela que construímos sentidos e interpretamos o que vivemos na realidade externa, uma realidade que só existe para aquele que sobre ela diz de modo singular. Desse modo, mais do que o acontecimento vivido, o que destaco, a partir da psicanálise, são os efeitos e

versões que ficam do que foi vivido porque será a partir deles que construiremos sentido para as experiências com os lugares. Ou seja, considerar a realidade psíquica é garantir a possibilidade de refletir sobre efeitos subjetivos a partir de acontecimentos que poderiam ser considerados objetivamente sem diferenciação em suas consequências para cada pessoa. É considerar que existe algo entre o sujeito e a materialidade da realidade e que a existência desse algo, dessa realidade psíquica nos permite viver a dobra do lugar. É de onde lidamos com a realidade, com o concreto, com a materialidade, com o factual. O que não significa que estão em oposição, mas trata-se de um modo de estar no mundo, de se relacionar no mundo que passa pela mediação constante da realidade psíquica. Da mesma forma acontece com o lugar: **os lugares são vividos por meio da realidade psíquica**. Um lugar para cada pessoa tem suas qualidades percebidas através da realidade psíquica.

Retomando o pensamento freudiano, nossas experiências vividas podem produzir registros e marcas. Pelo funcionamento psíquico, a representação do que foi vivido pode se separar do afeto, então, a representação pelo recalque poderá ficar no lcs e o afeto se prenderá a outra representação no Pcs-Cs. Isto também pode ser lido no modo como nos relacionamos com os lugares, ou seja, a experiência com o lugar não nasce a cada lugar, mas algo que já nos marca define nossa experiência com o lugar. Em outro trecho da conversa biográfica com Sebastião sobre Paraty ele disse:

“Não sei ao certo, mas amo conhecer lugares com construções antigas, lugares onde o tempo parece parar, estes lugares me passam um conforto, colo, tranquilidade e me fazem bem”.

Sebastião nos apresenta com convicção seu amor por determinados elementos que configuram alguns lugares. No entanto, ele não tem certeza do motivo pelo qual seu amor é dirigido às cidades com construções antigas. Observe que ele sente e conscientemente consegue nomear, mas há algo que lhe escapa e ainda o acompanha. Ele ainda nos traz em palavras a dimensão atemporal do Inconsciente. Enquanto o tempo parece parar, seu passado se presentifica em um lugar diferente de onde viveu, mas ele o sente lá em Paraty. Ao final de sua frase, Sebastião nos traz outras sensações conscientes que diz sentir em lugares como aquele. Lugares no plural que lhe despertam sentimentos parecidos, como por exemplo, a sensação de colo. O que ele viveu não sabemos, qual sua experiência

de colo, também não sabemos, mas ela se presentificou em uma determinada cidade e em seu dizer. Como um afeto que em algum momento foi separado da representação do que foi vivido, mas que continuou no Pcs-Cs para ser associado a outras vivências, como estar em uma cidade com construções antigas.

Nossas emoções e sentidos não são exclusivos de experiências com um único lugar, mas o que sentimos em determinado lugar é deslocado para outros lugares. Ou seja, se o que foi vivido gerou marcas e estas nos constituem, outras experiências em outros lugares também serão vividas a partir e com essas marcas. Como se os lugares da vida de cada pessoa estivessem ligados em uma cadeia. Um exemplo pode ser lido no trecho em que Sebastião para falar sobre Paraty, falou sobre Tiradentes e Ressaquinha. Três cidades significativas para ele e que se presentificaram em sua fala e em Paraty.

O lugar encarna uma singularidade geográfica central na experiência humana que traz, ao mesmo tempo, o anseio da grandeza do cosmos, quanto os detalhes íntimos vividos pelo coração (COSGROVE, 1997). É com esta tensão do infinito do mundo exterior com o infinito do mundo interior que, a partir da realidade psíquica, nos relacionamos com os lugares. Uma relação vivida na dobra entre o que vivemos em nosso interior mais íntimo e no modo como nos relacionamos com o mundo externo. Neste sentido, Entrikin (1998) destaca que o coração nos conecta e também nos desconecta da comunidade. Este coração, que aqui nomeio com a realidade psíquica, nos oferece condições de nos relacionarmos com o mundo externo, inclusive através de diferentes psicopatologias.

Entre estes detalhes íntimos vividos pelo coração podem estar as experiências que geraram desprazer ou muito medo, por exemplo. Estes afetos podem ser deslocados para outras experiências em outros lugares, o que amplia nossa noção de topofobia e a coloca em movimento. Podemos considerar que não é um medo do lugar, mas algum medo ou reação que se manifesta no lugar. Como também podemos nos perguntar sobre os elementos desse lugar que disparam esse medo que emerge e se presentifica. A ligação e os deslocamentos entre ideias e representações do vivido, também são da história de cada um, então o mesmo princípio rege as relações topofílicas e topofóbicas.

Mas se existe uma singularidade geográfica e uma realidade psíquica vivida por cada um que experencia o lugar, como é possível ter alguma notícia daquilo que é vivido pelo outro? Esta Tese afirma a **palavra** como possibilidade do

lugar se tornar humano; para compreendermos as relações topofílicas; para presentificar o passado; para conhecermos as geografias das pessoas, para interpretamos os lugares e para nos relacionarmos com as geografias desconhecidas de cada pessoa. Dessa forma, o **lugar em todos seus afetos e significância é vivido por meio da realidade psíquica.**

Dardel (2011) já na década de 1950 nos trazia reflexões sobre a realidade geográfica para além de sua materialidade. Uma realidade que, segundo o autor, exige que tenhamos uma adesão total que envolve nossa vida afetiva, corpo e hábitos, uma realidade oculta pronta para se revelar. Uma realidade que gera “conflito entre o geográfico como interioridade, como passado, e do geográfico totalmente externalizado, como presente” (DARDEL, 2011, p. 34). Na dobra o lugar se localiza nesta tensão e na afirmação que o lugar emerge na relação da interioridade com a exterioridade. É na relação com o lugar que nosso interior se transborda no exterior. É no lugar que o mundo exterior nos invade e nos constitui interiormente.

Esta realidade do inconsciente, íntima e desconhecida possui função tão central em nossa constituição e no modo como estamos no mundo que ela, igualmente, deve ser considerada em nossas experiências geográficas. Subestimá-la é perder a chance de encontrar caminhos para refletir sobre o conhecimento geográfico. Não há como nos separar de tal realidade e pensar a realidade material como se a realidade psíquica não existisse e não tivesse mecanismos que agissem no modo como construímos sentido para a realidade em que vivemos. Esta realidade psíquica não é idealizada ou reduzida ao mundo interno, ela é vivida no entre; entre interno e externo.

Com esta perspectiva, se o lugar é vivido e construído a partir da realidade psíquica e também conhecemos a materialidade do mundo, parece que estamos diante de um discurso que ainda mantém separados os mundos interno e externo. Ou seja, parece que a dobra do lugar ainda destaca dois lados: a realidade psíquica e a realidade geográfica. Precisamos nos voltar a isto.

Esta Tese aponta a existência da realidade geopsíquica. É através da realidade geopsíquica que construímos e estabelecemos nossas relações com a Terra nas mais diferentes escalas e formas. Com realidade geopsíquica vivemos o lugar como dobra. A realidade geopsíquica é a dobra entre o mundo interno e o mundo externo. É com a realidade geopsíquica que podemos viver no encontro

entre externo e interno. Ela assume a singularidade dos dois mundos, suas próprias dinâmicas, suas especificidades, mas também são juntas. A Terra é vivida como é porque somos seres de linguagem, os animais a vivem de outra forma. O modo como cada ser humano se liga ou se sente ligado à Terra é atravessado pelo psiquismo do sujeito. Nossas ações no mundo não são aleatórias, existe um fazer geográfico que é mediado pela realidade psíquica, então, temos um modo de produzir o espaço que é atravessado pelo mundo interior daquele que age.

A realidade geopsíquica é vivida tanto na objetividade, na materialidade, quanto na subjetivação de cada ser falante na relação com esta materialidade. Cada pessoa se relaciona com os relevos terrestres, os objetos, os problemas urbanos, as áreas agrícolas, ou outro aspecto geográfico, a partir de sua história vivida. Esta história envolve os significantes de cada um, o modo como o aparelho psíquico foi constituído, a estrutura de cada sujeito, os traços mnêmicos, os sintomas e tantas marcas que acompanham os seres falantes. Não há como agir sob a superfície terrestre sem isso. Esta ação não é aleatória e não é padronizada porque operando cada máquina, dirigindo cada gabinete ou empresa, construindo cada empreendimento ou casa existe alguém que vive a realidade geopsíquica.

A geograficidade como a relação que nos liga à Terra é vivida na realidade geopsíquica. O modo como nos deslocamos e nos sentimos ou não chamados à Terra, é atravessado por esta realidade geopsíquica. A Terra em uma perspectiva dardelina de morada e mistério nos provoca, nos convida, nos acolhe, nos amedronta, nos encanta, nos alegra, sempre a cada um de nós de uma forma.

A realidade geopsíquica é construída à medida em que vivemos. Vamos conhecendo a fisionomia da Terra, nos dirigimos para encontrá-la enquanto também nos encontramos. A experiência é diferente para cada um porque o modo como estamos no mundo e este mundo está para nós é singular. Podemos ter um grupo de pessoas diante uma reserva de Mata Atlântica, por mais que tenham critérios comuns para terem sido agrupadas, cada uma estará lá através da realidade geopsíquica e fará sua intervenção a partir dessa realidade.

Considerar a realidade geopsíquica é garantir a possibilidade de refletir sobre efeitos subjetivos sobre acontecimentos que poderiam ser considerados objetivamente sem diferenciação em suas consequências para cada pessoa. A experiência com o lugar é para cada um, e a questão é compreender as duas realidades como pertencentes à mesma realidade, a geopsíquica.

Capítulo 4 - Nas terras geopsíquicas: “quem faz os lugares são as pessoas”

Depois ele compreendeu que toda cidade é uma invenção da memória sentimental de seus moradores. Cada cidade é uma Troia, mesmo que não guarde a memória de sua tragédia. E é também um Tivoli Parque, onde nossa imaginação será feliz para sempre.

Geraldo Carneiro

Qual a relação entre pessoas e lugares? Talvez pelo título deste quarto capítulo alguém responda: quem faz os lugares são as pessoas. Na verdade foi exatamente isto que ouvi ao realizar a pesquisa. Então, esta afirmação se desdobrou em algumas perguntas, como por exemplo, que relação é esta que associa as pessoas aos lugares? Como as pessoas se relacionam umas com as outras? Como elas se relacionam com os lugares?

Membro da Academia Brasileira de Letras, Geraldo Carneiro, em um descontraído artigo sobre turista e terra natal, nos presenteia com esta epígrafe. Entre tragédias e felicidade, cada um constrói seu lugar e geograficamente me pergunto: como uma memória sentimental dos moradores inventa uma cidade?

Nas terras geopsíquicas, este capítulo procura caminhar olhando para as pessoas e ouvindo cada uma delas falar sobre seus lugares. O convite é para caminharmos por entre lugares tecidos em palavras que cada um procurou narrar.

4.1 – Um mapa de pessoas: deslocamentos na cidade entre presente e passado

Era final da manhã do feriado de sexta-feira da Paixão quando repentinamente precisei ir à farmácia comprar um medicamento. Pronto! Já estava criada uma circunstância a partir dessa necessidade que sinaliza que não foi ao acaso o que ocorreu naquela farmácia.

Estava na fila para pagar meu medicamento e à minha frente uma mulher que já efetuava sua compra perguntou ao atendente do caixa: “dá para ir a pé até o Cascatinha?”. Ele estranhou a pergunta e com certa dificuldade disse que “sim” e completou: “olha... até dá pra ir a pé, mas é longe”. A moça completou: “Tudo bem.

Não pergunto para saber se é longe... pergunto para saber se é perigoso ir a pé". O rapaz com alívio e rapidez responde: "Ah! Então tudo bem! É tranquilo ir daqui pra lá. Ainda mais neste horário... é tranquilo". Ela prossegue a conversa: "Quero voltar lá! Morei no Cascatinha e tem 20 anos que não volto lá no bairro. Quero ir lá ver como as coisas estão".

A partir daquele instante meu coração disparou e a vontade em ir ao bairro com aquela moça tomou conta de mim. Ela pagou seu medicamento, saiu da farmácia e a acompanhei com o olhar para ver para onde iria. Enquanto ela foi à padaria, paguei minha compra e fui correndo contar ao meu marido que me esperava no carro. Ao ver minha empolgação e por acompanhar a pesquisa, imediatamente me incentivou a procurar aquela moça. Atravessei a rua correndo e a vi saindo da padaria.

"Moça, bom dia!! Meu nome é Juliana e estava na farmácia comprando este remédio quando ouvi que você morou no Cascatinha e está indo rever o bairro depois de 20 anos". Ela sorriu e confirmou aquela informação. "Então, sou geógrafa e estou estudando sobre isso... quando te ouvi fiquei com vontade de pedir para ir ao bairro com você, você deixa?". Ela sorriu novamente e disse que poderia acompanhá-la.

Ali mesmo na padaria, ela disse que veio para Juiz de Fora para se "reconciliar com o passado", e para isto era importante voltar ao bairro onde morou. Com uma voz baixa e suave, Sara contava sua história enquanto íamos de carro para o bairro.

Sara contou repetidas vezes sobre um namorado, que foi seu grande amor, mas que não teve o desfecho como desejava, já que o namoro terminou. A decepção de Sara a levou a uma profunda depressão acompanhada de fortes desavenças familiares e desencantamento com a própria vida. Foi neste contexto que veio para Juiz de Fora para se afastar desse mal que a rondava e fazer com que sua vida tivesse outro rumo.

Sua história marcada por dor e perdas fez com que minha atenção e cuidado se redobrassem. Estava com uma desconhecida ora no carro e ora andando pelo bairro que parecia mergulhada em uma história de mais de 20 anos e tive medo de abordar algo que lhe pudesse fazer reviver, além daquilo, algo que depois não pudesse sustentar. Passei a me concentrar no que ela me dizia e

procurei não fazer perguntas que intuísse que poderiam nos colocar em risco diante do que se apresentava.

Enquanto circulávamos pelas ruas do bairro imaginava que fosse me dizer sobre aquele bairro, aquelas ruas, casas, prédios, enfim, sobre aquele lugar. Na verdade, era o que desejava como pesquisadora, porém, não era o que Sara fazia. Ela parecia não enxergar o mesmo bairro que eu. Mas não porque ela me dizia sobre as modificações, mas porque parecia pouco se importar com um bairro que se apresentava como um cenário. Aquilo me inquietava, mas continuei nossa conversa do mesmo modo.

Enquanto estávamos no carro tive receio que ela não reconhecesse nada daquele bairro e fui apontando as novidades. Queria que ela tivesse a sensação que sabíamos onde estávamos indo e que não se tratava de levá-la para algum lugar perigoso, como havia perguntado lá na farmácia. Mas os lugares que apontava no bairro também pouco importavam para ela. Aquilo continuava a me inquietar.

Chegamos ao endereço onde ela morou. Paramos em frente ao prédio e foi meu momento de maior expectativa sobre o que ela poderia se lembrar, porém, a história que ela me contava continuou sem qualquer alteração por estarmos diante de um lugar que eu julgava importante e que ela havia pedido para ir. Nada! Ela não dizia nada sobre o prédio. Pouco olhou para ele e apenas confirmou qual era o andar, por onde entrava, qual a direção de seu apartamento e nada mais. Ela continuava com a narrativa sobre o ex-namorado e não importava onde estávamos. Como isto me surpreendeu! Não fiz perguntas específicas e nem sugeri que entrássemos porque tive receio dela reviver um momento que ela dizia ter sido muito difícil.

Continuamos a andar a pé pelo bairro, paramos em alguns pontos, não por eles, mas para pausar sua narrativa e repetíamos esse movimento. Em alguns momentos perguntei sobre o comércio, mas ela sempre dizia que não se lembrava e que devia ser mato por ali. Foi quando ela me perguntou se ainda existia um viaduto. Confirmei e perguntei se ela queria ir até lá. Então, fomos.

Enquanto nos deslocávamos para o viaduto ela disse que tinha algo na bolsa. No mesmo instante tirei o cinto de segurança e me virei para trás para ver o que seria aquele objeto. Ela tirou uma folha de ofício branca toda preenchida por uma tabela feita no computador e muitos escritos à caneta azul. Procurou alguma informação na folha e perguntou se antes o viaduto poderíamos ir uma determinada

rua do bairro Cascatinha. Confirmei e fomos para a rua que era muito próxima de onde estávamos. Ela dizia e repetia: *“quero agradecer ao senhor João”*. Foi quando me disse o que era aquela folha de ofício. *“Vim para Juiz de Fora para agradecer a todas a pessoas que me ajudaram num momento difícil da minha vida. Acho que elas não sabem que foram importantes e preciso dizer isso a elas. Vou fazer 50 anos e quero virar essa idade agradecendo as pessoas. Se eu morrer depois de agradecê-las, já terei feito tudo o que podia”*. Ela então vira a folha para eu ver e continua: *“Tá vendo esses nomes? São das pessoas que foram importantes. Estou planejando esta viagem para cá há muito tempo. Me organizei, tirei férias do trabalho e vim para ficar dois dias agradecendo e caminhando por estas ruas. Procurei na internet informações sobre estas pessoas a partir do que eu tinha de 20 anos atrás. Alguns encontrei, vi que se casaram, tiveram filhos e até teve um que virou padre. Não sei se moram nesses endereços, mas já moraram”*. Fiquei muito impressionada com aquele roteiro e a vontade de reconciliar com o passado, mas ao mesmo tempo confusa, ao tentar entender o que estava acontecendo.

Chegamos no prédio, ela tocou o interfone, mas ninguém atendeu. Sara lamentava não saber se João ainda morava ali e se conseguiria agradecer o que havia feito por ela. Foi quando uma moradora saiu do prédio e ela perguntou sobre João. A moradora disse não saber se algum João morava ou não naquele prédio. Ela pediu para entrar e foi até o possível apartamento. Fiquei na portaria e esperei que ela retornasse. Ninguém atendeu à campainha.

No carro, em direção ao viaduto, Sara falava sobre outras pessoas que gostaria de agradecer e disse que iria em cada lugar que ela pesquisou. Ao passarmos pelo viaduto ela apenas se localizou e não disse nada mais sobre ele. Começamos o caminho de retorno ao ponto de nosso encontro e sugerimos deixá-la no centro que era mais próximo de seu destino. *“Não se preocupem onde me deixarão. Vim para andar pela cidade livremente, parar para comer alguma coisa, continuar a andar e encontrar as pessoas que quero agradecer”*.

Chegamos ao Parque Halfed no centro da cidade, desci do carro para me despedir de Sara e lhe perguntei. “Como foi quando chegou à cidade hoje, depois de tantos anos?”. Ela respondeu que há muito tempo pensa em tudo isso que me contou pelo caminho e por isso queria agradecer aquelas pessoas. Mas que quando desembarcou na rodoviária disse que estava tudo diferente e que talvez não encontrasse as pessoas. E completou: ***“Tudo bem que estou em Juiz de Fora,***

mas quem faz os lugares são as pessoas. Estou aqui pelas pessoas.” Senti a força naquela frase, nos abraçamos, nos despedimos e fiquei sob o efeito do que havia sido aquele encontro.

Quando aquela oportunidade apareceu na farmácia fiquei muito entusiasmada, mas não posso negar a expectativa em presenciar as lembranças de uma pessoa em um lugar marcante. Isto não aconteceu, mas permaneci aberta ao que poderia se manifestar ali. Até que na despedida uma frase fez com que algo forte acontecesse naquele momento e para pesquisa.

Para Sara, aquela folha de ofício era um **mapa**, mesmo que para outras pessoas fosse uma lista. Uma lista literal e um mapa simbólico. Um mapa de lugares que ela visitaria nos dias em que estaria em Juiz de Fora. Era um mapa de pessoas que ela gostaria de rever a cada deslocamento por entre lugares. Eram lugares marcados pelas casas das pessoas que foram importantes há 20 anos na vida daquela mulher que tem vivido um balanço de vida. Seu referencial era de outro tempo e era por ele que se guiava. Ela não via Juiz de Fora como eu e ela não enxergava os pontos em que parávamos na mesma forma que eu estava enxergando. Ela os via a partir de sua realidade psíquica. Seus olhos sinalizavam que ela via outros elementos que não eram os mesmos que eu que, ao seu lado, não enxergava. Como isto é possível? Refiro-me a duas coisas? Uma: ela estar em um lugar e enxergar elementos de sua lembrança; outra: ela se deslocar pelos lugares como se estivesse há 20 anos. Estou falando de um outro modo de relação tempo-espço que é possível de ser vivido por meio da memória, mas pela característica atemporal do inconsciente. Por meio da realidade geopsíquica, ela estava em um bairro de determinada cidade em 2017, mas enxergando, experimentando e vivendo um lugar através de sua narrativa de situações vividas há 20 anos. Para a lembrança vivida não importa o tempo que a separa do primeiro momento. Ela se presentifica. Da mesma forma que ela não enxergava ou não se importava com os atuais elementos que compunham aquele lugar.

O que importava para Sara não eram os elementos geográficos materiais, mas sim uma história que ela viveu naquele bairro e que 20 anos depois ela buscava continuar. Ou melhor, o que lhe importava era a história que viveu com algumas pessoas. O inconsciente com sua característica atemporal lhe permitiu viver a sensação que os acontecimentos de duas décadas estiveram colados na cidade atual. Para ela, os elementos tradicionais de localização, como placas e nomes de ruas

não faziam sentido. O que lhe interessava eram os nomes das pessoas e sua casa. Era somente isto que enxergava em Juiz de Fora! Ela não visitaria a cidade se não fosse pelas pessoas que ela imaginava que ainda estariam morando na Zona da Mata mineira. Sua folha com os nomes e endereços era seu mapa da cidade.

O caráter simbólico e o apelo imaginativo dos mapas estimulam as pessoas pensarem em viagens e aventuras, que podem ser feitas simplesmente ao observá-los. Isso lhes dá uma característica dualista de ferramenta de trabalho e porta para os sonhos. (HOLZER, 2016, p.153)

Mapa como porta para os sonhos, para as lembranças, para imaginação, para além da representação gráfica, para além da reprodução da realidade material e para ir ao encontro das geografias das terras desconhecidas. Sara tinha um mapa com nomes de pessoas que demarcavam seu deslocamento na cidade e nós temos sua palavra para nos orientarmos, nos localizarmos, nos deslocarmos e para conhecermos alguns aspectos de suas terras desconhecidas. A relação com cada pessoa de seu mapa influenciou diretamente sua relação com a cidade. Seu deslocamento pelas ruas foi definido por um passado vivido com aquelas pessoas, da mesma forma que sua ida à cidade como destino também se definiu por elas. A experiência urbana de Sara foi emoldurada por pessoas significativas em sua vida e elas eram as referências que a orientavam em seu deslocamento. Sara não se preocupava com os demarcadores formais e tradicionais para orientação espacial, mas sua atenção estava voltada para os lugares em que poderia encontrar aquelas pessoas.

Entre seu passado e presente estavam as pessoas. Na sua realidade geopsíquica estavam as pessoas. Na sua experiência urbana estavam as pessoas. Seu mapa e senso de orientação eram norteados pelas pessoas. Juiz de Fora era cada uma daquelas pessoas. Sara nos mostra uma possibilidade de deslocamento urbano referenciado pelas pessoas e demarcado por outra relação temporal. Mas a frase “quem faz o lugar são as pessoas” é muito forte e ainda precisaremos aprofundá-la. Naquele momento comecei a me perguntar como nos relacionamos uns com os outros, então, me encontrei com o conceito psicanalítico de transferência.

4.2 – A transferência psicanalítica entre pessoas e lugares

Transferência. Este não é um termo exclusivo da psicanálise e está no cotidiano, como por exemplo e guardadas as especificidades, a ação da transferência na relação entre professor-aluno. Dessa forma, encontramos este fenômeno fora da situação de análise nas relações que estabelecemos com as pessoas. Para Freud, “a transferência é apenas desvelada e isolada pela análise. É um fenômeno humano geral, decisivo para o êxito de toda influência médica, e inclusive governa as relações de uma pessoa com seu ambiente humano” (FREUD, 2011 [1925a], p. 124). Então, nesta Tese, o horizonte referencial permanecerá na transferência entre analista e paciente a partir do pensamento de Freud e Lacan e minha proposta é para nos aproximarmos do conceito psicanalítico e realizarmos uma torção como possibilidade de pensá-lo na epistemologia da geografia.

O tratamento analítico é construído com seu melhor e mais ameaçador instrumento: a transferência. Do mesmo modo que tenho destacado que os sentimentos por determinado lugar são anteriores ao encontro com o próprio lugar, neste tratamento, sentimentos vividos no passado pelo paciente se repetem e parecem ligados ao presente e ao analista. Para Freud (2014 [1916-1917b]), as doenças dos pacientes não se encerram com o início do tratamento e a continuidade do crescimento da enfermidade passa a se concentrar na relação com o analista. No entanto, será por meio dessa relação de transferência que poderá haver a superação da resistência do material psíquico reprimido. A transferência positiva “reveste o médico (*analista*) de autoridade [...]. Sem essa transferência, ou se ela for negativa, ele (*paciente*) nem sequer lhe dará ouvidos” (FREUD, 2014 [1916-1917a], p. 590).

A transferência é um vínculo afetivo intenso, que se instaura de forma automática e atual, entre o paciente e o analista [...]. A transferência positiva, em virtude da confiança do paciente, permite que o paciente fale mais facilmente sobre coisas difíceis de serem abordadas em outro contexto (CHEMAMA, 1995, p. 217-218).

Estamos diante de um conceito que envolve confiança, vínculo afetivo intenso, a possibilidade de se dirigir e escutar alguém e sentimentos que se deslocam. Então, vamos continuar com a ideia de deslocamento apresentada nos capítulos anteriores e buscar aproximação nesta concepção sobre o que foi vivido que se torna presente na relação de transferência.

Freud em 1912 escreveu o texto “Dinâmica da transferência”, mas podemos encontrar a temática por toda sua obra. A afirmação inicial de seu texto é que todo ser humano adquire um “modo característico de conduzir a vida amorosa, isto é, as condições que estabelece o amor, as pulsões que satisfaz então, os objetivos que se coloca” (FREUD, 2010 [1912b], p. 134). Parte desses impulsos fica à disposição da consciência e outra parte fica desconhecida. Como estes impulsos se dividem e se deslocam, se a necessidade de amor não for satisfeita na realidade, eles voltarão a cada nova pessoa. Então, em uma relação de transferência encontramos as expectativas conscientes e outras inconscientes ou expandidas na fantasia.

Este instrumento analítico, “sem o exercício da palavra não haveria transferência possível” (CHEMAMA, 1995, p. 219). Da mesma forma é eficaz e ameaça ao tratamento, uma vez que o paciente sente confiança para falar, tão logo um complexo patogênico se aproxima, a defesa e a resistência ao trabalho se manifestam. Estas duas faces ou características dessa relação de transferência já sinalizam que ela não é fixa. Não há como dizer que uma transferência foi instaurada e, por isso, seu lugar já está garantido e fixo no tratamento. A intensidade e os tipos de sentimentos se alteram no decorrer do tratamento e têm relação direta no trabalho analítico.

Com estes caminhos diferentes que os impulsos libidinais percorrem, com a possibilidade de deslocamento entre os sentimentos e as pessoas e com a presença e ausência desses sentimentos na consciência, “a psicanálise nos faz ver que as pessoas que em nossa visão são apenas estimadas ou respeitadas podem ser ainda objetos sexuais para o inconsciente” (FREUD, 2010 [1912b], p. 143). A questão aqui não é construir uma reflexão geográfica ancorada na teoria da sexualidade elaborada por Freud, mas é considerar dois aspectos: primeiro que novamente estamos diante de situações do cotidiano em que não controlamos nossa própria morada e que em nossas relações sempre existe um material consciente e outro não acessível. Segundo que, o sentimento pelas pessoas e

lugares não é formado por um, digamos, sentimento puro e exclusivo, mas por ligações e deslocamentos entre as representações criadas pelas experiências vividas e os registros psíquicos.

Este conceito psicanalítico foi constituído e aplicado nas relações entre as pessoas, especialmente, entre paciente e analista. Está claro que sua concepção não foi relacionar pessoas e lugares. No entanto, em muitas conversas biográficas ouvi mais sobre pessoas do que sobre lugares e isto me chamou atenção. Seria possível a constituição do lugar ser atravessada pelo sentimento por alguém relacionado ao referido lugar? É neste ponto que proponho a torção: um conceito que trata da relação entre pessoas nos guiará a pensar a relação entre pessoas e lugares.

Para ampliar esta reflexão, vou apresentar um registro de campo que fiz após participar de um aniversário onde crianças e adultos estavam presentes. Aquela foi uma oportunidade de observação e interação com crianças que conhecia e outras que via pela primeira vez. A mesma coisa em relação ao apartamento onde o aniversário foi comemorado. Para algumas crianças o lugar era conhecido e para outras crianças era a primeira vez no apartamento.

“Cheguei para a festa e alguns convidados já estavam lá. Apesar do frio na rua, no apartamento as janelas estavam fechadas e estava quente lá dentro. Cumprimentei um a um, sentei-me próxima a janela e a abri. Ela estava fechada porque haviam duas crianças de três anos na festa e seus responsáveis estavam com receio que pudessem debruçar sobre a mesma. Ao abri-la outras pessoas com calor se sentaram comigo, próximas à janela, e começamos a conversar”.

Neste primeiro trecho é possível identificarmos ações referentes ao apartamento que estão ligadas não somente ao que acontecia ali e naquela festa, mas por algo que é anterior e acompanha cada um de nós. Não se trata de modo algum de estabelecer juízo de valor, apenas desmembrar, sem separar, a relação entre lugar e pessoas. Manter uma janela aberta ou fechada parece algo banal e corriqueiro, mas se pensarmos que os pais das crianças estavam com medo e este medo fez com a janela fosse fechada e os outros convidados sentissem calor, então estamos relacionando lugar, afetos, ações e os referidos processos psíquicos. O trecho ainda pode ser desmembrado para as ações das outras pessoas que transitavam e escolhiam aonde se sentar a partir da sensação de frio ou calor percebida durante a festa. Continuando com o aniversário.

“A campainha toca e três convidados se anunciam. Era um casal na faixa de 30 anos e um sobrinho com quatro anos de idade. A tia chegou anunciando que havia um convidado especial. Outras tias e primas foram para porta e diziam: ‘Ahhhh o Antônio...que lindo!.... entra... dá um beijo... vem na tia...’ Quando fui para porta ele estava de mãos dadas com o tio e escondido atrás de seu corpo. Fui lá para fora falando em voz alta para que reconhecesse minha voz, ele olhou para cima, me viu e segurou minha mão. Me abaixei e também me escondi atrás do tio. Antônio estava muito envergonhado, com as mãos frias e o rosto vermelho. Estava parado lá fora e dizia que não queria entrar. Outras duas pequenas meninas Elisa e Dorinha foram lá para fora, ficaram olhando para o Antônio e uma delas perguntou o que ele estava fazendo. Ele abaixou a cabeça e nada respondeu. Resolvi dizer a elas que ele estava brincando de esconde-esconde e chamei todos ali fora para se esconderem também. As meninas se agacharam e se esconderam atrás dele. Quando enjoaram da brincadeira as meninas voltaram para o apartamento e fiquei com o Antônio que já havia soltando da mão do tio há muito tempo. Mas ainda não entrava no apartamento. Então, baixinho no seu ouvido, disse-lhe que lá dentro, atrás do sofá tinha um monte de rolhas para brincarmos. Seus olhinhos mostraram entusiasmo e me levantei dizendo: ‘mas, a brincadeira começa agora. Vamos combinar que você vai entrar comigo e vamos correndo para trás do sofá. Só a gente sabe que vamos para lá pegar as rolhas. Topa?’ Ele sorriu e assim fizemos”.

Ao viver esta cena me perguntei: como criamos vínculos com os lugares? Os convidados adultos pareciam focados nos outros convidados e não naquele lugar especificamente, mas naquilo que ele favorecia circunscrito ao aniversário. Então, opto por olhar para o garoto com 4 anos que foi ao apartamento pela primeira vez. Ele não queria entrar e deixou isto claro em palavras, gestos e reações. Ao perceber isto, tentei naturalizar aquele receio e transformá-lo em uma brincadeira envolvendo outras crianças. Ao mesmo tempo, quis transmitir confiança também em minhas palavras e gestos para que ele pudesse ter uma imagem conhecida no meio de tantos desconhecidos. Então foi preciso propor uma nova brincadeira que era o próprio ato de entrar no apartamento de mãos dadas comigo.

Nesta reflexão sobre transferência, quero destacar dois pontos: um referente à **relação** entre lugar e pessoas, o outro referente ao que **sentimos** pelos lugares e pessoas. Antônio chega ao apartamento com vergonha, medo e vontade de ir embora, mas a confiança em alguém o fez entrar naquele lugar. Não foi o lugar

em sua materialidade que se apresentou de forma convidativa, mas o lugar mediado por algo que era atravessado pelo o que sentia por alguém. Mas o que ele sentia pela pessoa e o que sentiu na porta foi construído por algo anterior àquele momento e, muito provavelmente, nunca saberemos o que ocorreu antes para se manifestar lá na porta. O primeiro aspecto está diretamente ligado ao que sentimos pelas pessoas e lugares, e este sentimento pode alterar o modo como nos relacionamos com lugares. **O que sentimos por alguém incide no modo como criamos vínculos com os lugares.**

“Antônio achou a sacola com rolhas de vinho, começou a mexer com força e fazendo barulho. Era a nova brincadeira. Ele gostou, começou a pegá-las e disse que iria brincar de montar torre. Entre torres, risos e esconde-esconde brincamos por um bom tempo e Antônio foi, aos poucos, se afastando de mim e brincando mais com as crianças. Pude me afastar e voltei a me sentar com os outros convidados”.

Apesar de associar o lugar à mediação do que sentimos por alguém isto não é fixo e pode compor uma parte do processo de vinculação. Antônio foi se soltando nas brincadeiras e no deslocar pelo apartamento o que lhe permitiu não depender do sentimento por alguém para explorar o lugar naquele momento. Já havia sido estabelecida alguma relação para ele entre uma pessoa querida, a confiança e lugar que lhe permitiu, posteriormente, experimentar aquele apartamento. Como se depois da confiança que sentiu ao entrar, ele pudesse experimentar outras reações vinculadas ao apartamento. Ele se sentiu mais livre e se abriu ao lugar. Brincou em outros cômodos, pulou na cama, conversou com as pessoas, cantou e se divertiu com as crianças que conheceu no aniversário. Mas um trecho preciso destacar sobre esta transformação de sentido.

“Antônio me disse que queria água. Falei que iria buscar e ele me indagou: ‘Você não tá com vergonha’? A cena da porta me veio à mente, lembro-me que não queria ignorar aquilo que ele sentia e disse: ‘Quando eu cheguei estava com vergonha, mas aí o tempo foi passando, fui brincando, conversando com todo mundo, lanchando e minha vergonha foi passando. Agora não tenho mais aquela vergonha’. Ele admirado perguntou se não tinha nem um pouco. Disse que tinha acabado e perguntei se ele tinha ainda? ‘Um pouco, mas já tá quase acabando. Mas tia Ju, é melhor pedir a água para alguém. Fica aqui’”.

Ao se imaginar andando pelo apartamento, Antônio assume, nesta conversa, sua vergonha por meio da pergunta endereçada a mim, ele também se abre para a possibilidade da vergonha diminuir e até acabar, sugere que seu ponto de confiança permaneça mais um pouco ao seu lado até que sua vergonha por andar pelo apartamento termine. Novamente a relação entre o que sentimos por pessoas e lugares se entrecruza na ação e no modo como lidamos com lugares. Para ele o fator tempo estava ligado às brincadeiras. Quanto mais brincava, mais confiante se sentia naquele lugar, de forma concomitante o tempo cronológico passava e o tempo era vivido na experiência do brincar. Então, chegou a hora de irmos embora.

“As crianças não queriam ir.... Então precisei pensar num modo para que, dessa vez, saíssem do apartamento. Os convidei para brincar de descer as escadas cantando e gritando...aceitaram e começaram a dar tchau para os adultos. Todos tiveram que rapidamente se organizar para irmos embora juntos e assim fizemos. Degrau por degrau, as três crianças pequenas de mãos dadas cantavam, gritavam e iam embora. Nos despedimos rapidamente e Antônio foi embora com os tios. A tia que lhe levou ao aniversário perguntou se ele gostou e respondeu: ‘quando cheguei estava com vergonha e depois passou’. Esta foi sua resposta ao ser perguntando se havia gostado”.

Aquela entrada no apartamento, ou melhor, a parada diante da porta, o marcou e apareceu algumas vezes nas conversas. Mas também a sensação de ter ultrapassado aquela vergonha sentida, o acompanha com orgulho. A vontade de ficar mais foi manifestada pelas crianças e sinaliza que algo mudou, especialmente em Antônio e isto foi possível a partir da experiência vivida no apartamento e de sua relação de confiança estabelecida em sua vida, portanto, antes e independente da festa. Suas brincadeiras, mobilidade no apartamento e exploração daquele lugar estavam atreladas a uma mediação. O que sentia por alguém lhe conduziu a experimentar aquele lugar, mas não o restringiu. Foi um ponto de partida e não um limitador. Antônio construiu sua própria experiência, mesmo que tenha existido uma mediação. Não houve uma conversa ou uma análise sobre o que acontecia internamente em seu mundo, mas seu mundo foi considerado para que o mundo externo pudesse ter outro sentido. Isto é intensamente geográfico!

Com este registro, é possível observarmos que a relação do Antônio com o apartamento trouxe experiências anteriores e a ação de se abrir para aquele lugar

foi atravessada pela confiança que sentia por alguém. Foi preciso, naquela circunstância, existir alguém entre ele e o lugar para que o lugar pudesse ser experienciado. Não sabemos de que ordem se trata suas marcas, mas elas estavam o acompanhando naquela experiência com o apartamento. Sua relação transferencial mediou o encontro e a experiência com aquele lugar. A confiança em alguém lhe conduziu a confiar e se entregar ao lugar. O convite não veio do lugar, mas de uma pessoa.

Outras situações vividas no campo de pesquisa me trouxeram relatos de pessoas que para falar de determinado lugar precisavam falar de alguém importante em sua vida ou algum episódio vivido com estas pessoas nos referidos lugares. Então não era qualquer lugar, nem qualquer experiência com qualquer pessoa, mas um entrelaçar significativo entre pessoa, lugar e experiência. Ou, entre transferência e lugar.

Presenciei uma conversa entre duas irmãs que moram no mesmo bairro há mais de 30 anos. A primeira estava sorridente e com os olhos brilhando para falar sobre um muro. *“Ah... aquele muro da praça.... acho aquele muro tão bonito! Gosto muito de passar por lá e ficar olhando para ele”*. Sua irmã mais nova ao ouvir começou a rir e disse: *“Aquele muro horroroso? Cruzes!!”*. Perguntei como era esse muro e ela prosseguiu dizendo: *“Nada... é um muro. Não tem nada de mais. É um muro! Risos.”* A irmã mais velha a interrompeu e disse: *“Não é horroroso não! Eu gosto de lá. Foi lá que dei o primeiro beijo no meu marido.”*

Se o muro é ou não é horroroso não está em questão. O ponto é que o mesmo muro é visto por cada uma por meio de suas realidades geopsíquicas e a variação do adjetivo está atrelada às experiências vividas. A irmã mais velha tem um motivo especial e uma pessoa importante em sua vida que compõem aquele muro. Para ela não é um muro qualquer, nem um muro que separa, mas um muro que a uniu ao seu marido. Olhar para aquele muro é se lembrar daquele dia, do beijo, do marido e tudo o que envolve esta relação entre eles. O muro é o marido, o muro é o primeiro beijo no marido. Não há como separar o muro e o marido, assim como não há maneira de falar sobre aquele lugar sem falar sobre o marido. Novamente estamos diante de um mesmo vocábulo com experiências e representações tão distintas entre as pessoas que puderam falar sobre ele.

O modo como estabelecemos relações com as pessoas é transferencial. É evidente que os sentimentos associados às relações vão variar porque as pessoas não amam as outras da mesma forma. Para Freud, “o amor consiste em que ele não possui uma só característica nova, oriunda da situação presente, mas se constitui inteiramente de repetições e decalques de reações anteriores, infantis inclusive” (FREUD, 2010 [1915c], p. 222). Ao reler esta citação lembrei-me de uma conversa com um padre missionário.

Estava visitando um mirante na cidade de Porto Alegre-RS em 2017 e um padre que era responsável pelo local ouviu meu sotaque mineiro, se aproximou para conversar e me perguntou se nasci em Minas. Confirmei, disse-lhe que vinha de Juiz de Fora e ele me perguntou sobre uma rua da cidade. Ele notou meu espanto ao vê-lo que sabia sobre a rua, então me contou que havia morado na cidade mineira. A conversa continuou sobre as inúmeras cidades que o missionário já havia morado e perguntei ao padre se estava gostando de morar na capital gaúcha. Ele me respondeu: “***não existe lugar bom ou ruim. Quem faz o lugar é a pessoa***”.

Novamente a ideia de quem faz o lugar é a pessoa. O padre ao falar da relação com outras pessoas aponta o modo como ele estabelece suas relações com os lugares. Muita coisa precisa acontecer no sujeito para que a pessoa estabeleça relação com os lugares. E não me refiro a emergir à consciência, mas aos diversos mecanismos psíquicos que nos constituem. Estamos acompanhando que se existe variação pela realidade geopsíquica no modo como constituímos lugares, também existe algo que mantém relação entre nossos sentimentos e os lugares da vida de cada um. Este padre tem sua noção do que seria bom ou ruim e a desloca para os lugares. Mais do que isto, ele assume a tarefa e a responsabilidade de fazer os lugares de acordo com sua noção de bom ou ruim. Dessa forma, não está no lugar a qualidade ou a característica que se apresenta ao padre, mas através da realidade geopsíquica ele transfere seus sentimentos aos lugares de sua vida.

Uma das máximas geográficas apresentadas no primeiro capítulo é que o lugar nos afeta. Ouso dizer que lugar pode disparar algum afeto que já carregamos e que poderá se associar ao que foi vivido no lugar. O lugar pode fazer emergir diferentes sentimentos de nosso sistema Pcs-Cs e se ligar a antigos representantes do que já foi vivido. Como se o lugar possibilitasse o encontro com alguns de nossos afetos. Neste sentido, relembro que o “sujeito conserva uma cadeia articulada fora da consciência, inacessível à consciência” (LACAN, 2010 [1960-1961]), p. 126). A

cadeia significante inconsciente nos constitui, e isto inclui as relações que estabelecemos com os lugares que são atravessados por pessoas que mantemos um sentimento transferencial.

Lacan prossegue com a ideia de Freud que liga transferência e repetição e diz que, “em última instância, é o automatismo da repetição” (LACAN, 2010 [1960-1961]), p. 217). Para Lacan, no caminho analítico ela é permeável e sustentáculo da ação da fala e durante as conversas biográficas eram as palavras de cada pessoa que me apresentavam as possíveis relações entre pessoas especiais e lugares que se destacam em suas narrativas. A palavra sustenta essa ação da fala na relação transferencial e também a evidência para outras pessoas para além da referida relação. Ao evidenciá-la uma outra pessoa poderá compor essa cadeia, por exemplo, ao passar pelo muro que conheci na pesquisa, me lembro de quem me contou sobre o primeiro beijo no marido. Para aquela moça o muro é seu marido, ou dizer sobre muro é incluir seu marido. No meu caso, não há como olhar para aquele muro e não o associar ao que ouvi na pesquisa. O destaque do muro ocorreu pela palavra que ouvi de alguém que viveu algo significativo com uma pessoa importante naquele lugar. A palavra o colocou em meu mapa e a relação com uma pessoa significativa o colocou no mapa daquela moça.

Seguindo com esta concepção que relaciona diretamente pessoas e lugares, apresento Roseli: uma mulher com aproximadamente 45 anos, que já morou nas regiões norte e sudeste do Brasil. Ela retorna para Juiz de Fora onde havia vivido por muitos anos e pude encontrá-la com questionamentos importantes que se fazia. Ela me procurou para falar sobre um museu situado em Juiz de Fora-MG, bem como o parque que compõe a área externa da casa onde estão os objetos museais.

“Quero te falar sobre um lugar especial...sobre o parque do Museu Mariano Procópio, sabe? Falar de lá é falar também sobre partes da minha infância e juventude. Fico me lembrando que das poucas vezes em que visitei o parque, elas foram com minha família. Sempre era um dia especial desde o momento em que decidíamos ir passear no parque. Não era só eu, tinha mais umas dez crianças, minha avó, minha mãe e as tias. Aliás, o motivo dessas visitas ao parque era porque uma dessas minhas tias, irmã da minha avó que morava no Rio de Janeiro, vinha nos visitar duas vezes por ano e trazia mais duas netas que regulavam idade com a gente.

Quando era criança fui lá no museu mesmo, sabe? Fui com a escola e pude ver os objetos como: cama, roupas, cadeiras, o trono do rei, pratos, louças, talheres, tinha muita coisa. Imaginar que reis, rainhas e príncipes tinham estado ali e utilizados os objetos era algo que mexia comigo.

Na minha juventude voltei outras vezes para passear no parque do museu, andar no bosque, nos barquinhos, ver os animais e numa dessas fui acompanhada do meu namorado, hoje marido. Uma vez, marcamos de nos encontrar no parque num domingo à tarde para passearmos e visitarmos a casa do museu. Lembro-me de ter ficado feliz em rever todos os objetos que havia visto tempos atrás e de ter ficado sentada com ele na beira do lago do parque. Era o que gostava de fazer e naquele dia pude fazer isso com meu namorado. Foi muito especial ele estar lá comigo.

Relembrar os momentos que vivi naquele lugar, lembrar de cada objeto que outrora tinham tantos significados. Agora não os tenho mais e fico pensando que vivi, senti e agora acabou. Por que fazia tanto sentido para mim e hoje não faz mais? O que está faltando para que eu possa reencontrar com aquela atmosfera especial que tinha o poder de me levar a um tempo que não vivi, mas que está presente nos objetos? Se escolhi falar do parque do museu é porque ele é importante, não é? Mas não sinto mais a mesma coisa...não sei o que aconteceu...".

Roseli narra sua relação com o parque marcada por momentos diferentes de sua vida, repletos de intensidade e não por uma alta frequência de idas até lá. Ela nos demarca três momentos: a infância, a juventude e a vida adulta e em três circunstâncias: com a família, com a escola e com o namorado.

Na sua infância, a ida ao parque trazia movimento para sua casa e sua família se reunia em torno desse passeio. Algo que era tão importante que praticamente acompanhava a programação de visitas que recebiam em casa. Era um lugar para levar as pessoas queridas. Era um lugar que reunia membros de sua família. Sua ida ao museu com a escola traz uma outra dimensão: a vivência do saber escolar em um espaço não escolar. Com a excursão, a ênfase estava nos objetos museais e aqueles artefatos aguçavam sua imaginação e lhe provocavam a sensação de deslizar sobre o fluxo do tempo.

Roseli escolheu voltar ao lugar com mais uma pessoa importante em sua vida: seu namorado. Ela procurou refazer caminhos e ações porém, dessa vez, acompanhada dele. Seus registros sobre as idas ao parque estão repletos de

peessoas importantes em sua vida. O lugar que ela experienciou não foi sem ser atravessado pela presença dessas pessoas. Existe um outro deslizar sobre o tempo em sua escolha por incluir o namorado em um lugar e passeio que fazia quando criança. Quase como se ela dissesse que aquela importante pessoa deveria estar com ela em um lugar também importante. Roseli procurou os unir em torno do que significavam para ela.

Mas seus questionamentos na vida adulta são fortes! Atualmente, ela não esperava que não reencontraria mais aquilo que chamou de atmosfera. Como poderia não sentir aquele lugar da mesma forma? Ela sabe da importância daquele lugar, mas estranha o fato de senti-lo de outra maneira.

As questões de Roseli também nos possibilitam refletir sobre a ressignificação de um lugar. É bonito acompanhar Roseli percebendo seu próprio estranhamento. Como se ela nos dissesse que um lugar importante deveria ser conservado em seus efeitos por toda a vida. Ela diz, em palavras, da significância do parque, mas não sente em seu coração a mesma reação que outrora havia sentido. Todavia, não conseguimos, conscientemente, guardar ou reter sentimentos que foram vividos. Os lugares e suas marcas podem ter sua força e sentidos alternados na vida de quem os viveu. As experiências vividas por Roseli lhe trouxeram para aquilo que nomeia de atmosfera, mas é algo que compunha sua realidade geopsíquica e a permitia ver e sentir o parque de forma singular. Ela tenta repetir a atmosfera, mas a mudança se presentificou para ela. A outra beleza que vejo em Roseli é sua disposição por conservar aquele lugar, chamado de especial. Curiosamente um parque de um museu imperial, onde as marcas de um passado coletivo se presentificam em cada objeto, elemento da paisagem, narrativa contada e ela o singulariza com sua própria história de vida naquele lugar.

Tudo o que reconhecemos ou percebemos é sabido de onde e quando foi vivido e experimentado? Estamos acompanhado com a psicanálise, que não é possível. Muitas vezes percebemos diferentes sentimentos por pessoas e lugares sem que tenhamos alguma explicação para isso. A questão é que o que vivemos fica impresso, marcado e nos constitui, o que não significa que todo este registro está acessível e consciente. Parte significativa do que vivemos irá compor nossa memória e poderá ou não ser lembrado, rememorado, reimaginado e revivido. Nossas experiências estão imbricadas em nossas ações e no modo como vivemos o mundo. Para Lacan (2010 [1960-1961]), a presença do passado é a realidade da

transferência. Evidentemente que não estou ignorando o passado que se presentifica pela atemporalidade do inconsciente, nem a presença do lcs na transferência, mas Roseli faz um exercício com seus registros Pcs-Cs que marca uma relação entre o passado, suas relações com pessoas importantes e o lugar. Seus questionamentos íntimos não podemos responder, mas este fio que ela mesmo narra, podemos refletir.

O conceito de transferência está diretamente ligado ao modo de tratar os pacientes e para Lacan, a transferência na análise “encontra seus fundamentos estruturais e pode muito bem ser o único modo de introduzir a universalidade da aplicação desse conceito” (LACAN, 2008 [1964], p. 125). Não podemos perder isto de vista, trata-se de um conceito central no tratamento analítico, mas tenho procurado uma torção possível no universo geográfico, o que não pode diminuir seu peso no campo psicanalítico. Geograficamente identifico que as **pessoas estabelecem relações transferenciais entre si e estas relações incidem no modo como os lugares são constituídos para cada um.**

Durante as conversas biográficas encontrei pessoas que com amor, respeito e admiração por alguém, a cidade do amado também passou a receber os tais afetos pela pessoa que amava. Como se concomitantemente o investimento amoroso fosse na pessoa amada e em sua cidade, como uma torcida para que os dois relacionamentos prosseguissem. Da mesma forma que ouvi pessoas que diziam que ao término de um namoro à distância, a cidade do ex-namorado se tornou mais longe, menos atraente e com menos ou nenhuma possibilidade de ser um destino de viagem. Estas pessoas diziam como se o nome do amado fosse sinônimo do nome da cidade, ou em outra escala, como no exemplo do muro, a cidade era o amado.

Nos exemplos anteriores o início e término do relacionamento amoroso também marcava a relação com as cidades, mas vimos que Roseli conseguiu se lembrar e narrar uma história a partir de suas lembranças, mas sua sensação não era mais a mesma. O sentido de lugar muda para cada pessoa e ao longo da vida de sua própria vida. Nem os objetos, nem o parque do museu trouxeram o que Roseli buscava porque outros sentidos foram sendo tecidos em sua vida. Isto Roseli nos sinaliza ao buscar naquele lugar o que nomeou de atmosfera.

As pessoas transferem aos lugares aquilo que sentem por alguém e isto é possível de ser visto por meio da palavra. Estabelecer vínculos intensos com os lugares não está separado de ter um importante vínculo com alguém associado ao lugar em questão. Se nossos sentimentos vividos em outros momentos da vida se presentificam em uma relação transferencial, também acontecerá na relação com os lugares. Algo que foi vivido no lugar A pode se manifestar no B e nos parecer ter sua origem no próprio B. Mas estamos acompanhando que não é dessa forma. Os lugares vão se enlaçando às nossas relações com as pessoas, incluindo o que sentimos, nossas experiências, nossas expectativas, nossas frustrações e outros efeitos dessas relações.

A realidade geopsíquica mesmo que tenha uma cadeia de significantes operando no sujeito, não é fixa, da mesma forma os afetos e significados dos lugares. Suas relações transferências foram decisivas no modo como o museu foi significado como um lugar e Roseli percebe sua ação que tenta preservar um lugar, mas ele já não é o mesmo. Mas lhe pergunto, em algum momento o lugar foi o mesmo?

4.3 – Lugar no movimento: entre o encontrar e evitar o encontro

“Lugar é uma pausa no movimento” (TUAN, 2013, p. 169). Esta é uma das máximas geográficas que mais ouvi em diálogos com geógrafos humanistas. Eu já repeti esta citação em artigos e capítulos (DIAS, 2010; 2013; 2015; 2015; 2018), e digo isto para destacar que há um tempo acredito que o lugar é pausa no movimento.

Talvez mais do que acreditar, pude proferir, compartilhar e construir reflexões a partir e com essa máxima. Porém, durante as conversas biográficas e os estudos em psicanálise comecei a estranhar tal afirmação. Um estranhamento que se refere à continuidade do uso dessa concepção frente ao que encontrei neste doutoramento. E isto não significa um estranhamento à obra de Yi-fu Tuan, mas ao contrário, uma possibilidade de reflexão se abriu e me pôs em movimento. Então, passei a me perguntar: é possível pausar o movimento? Qual movimento?

Imagine que você está sentado ou deitado em algum lugar. Aparentemente o movimento que realizava antes se pausou. Mas e psiquicamente? Se nem quando dormimos nossa pisque pausa, como poderei considerar a

possibilidade de pausar o movimento? Vimos que ao sonharmos nosso lcs trabalha e não tem pausa. Se nesta cena que se imaginou sentando ou deitado, psiquicamente tudo está em movimento, como dizer que estava em pausa? Se a realidade geopsíquica é vivida na dobra, por que consideraria que a pausa externa é possível se internamente ela não ocorreu?

Nesta perspectiva, **não há como pausar o movimento**. Não deliberamos que nosso lcs pare de trabalhar para que possamos usufruir da pausa. Ele trabalha e fala em cada um de nós, mesmo que possamos parecer em pausa no movimento. Quando anteriormente perguntava sobre a sensação de “viajar” estando em um lugar e “viajando” para outro, era uma cena com pausa externa, mas muito movimento interno. Da mesma forma quando nos perdemos durante a fala de alguém, seja em uma conversa ou em uma palestra, estamos nesse movimento que nos leva para além da conversa com determinada pessoa. Considerar a dobra vivida no lugar através da realidade geopsíquica é afirmar sobre a impossibilidade de existir pausa no movimento. Ou dito de outra forma, o lugar como dobra é vivido no movimento. **O lugar por meio da realidade geopsíquica é constituído de movimento e no movimento**. Movimento interno e deslocamento externo.

Durante as conversas biográficas identifiquei dois movimentos realizados pelas pessoas, nesta perspectiva de quem faz o lugar é a pessoa. O primeiro movimento é o da pessoa em direção ao lugar. Já o segundo, é da pessoa que evita o lugar. Vamos acompanhar estes movimentos.

Pude realizar uma conversa biográfica com Simone, uma mineira de 45 anos que me procurou quando soube da pesquisa. Ela queria me contar sobre um lugar onde costumava aproveitar suas férias de verão. No litoral capixaba sua família possuía uma casa que aconchegava suas mais doces lembranças. Desde muito nova brincava na rua onde estava aquela casa, mas não somente nela, corria e brincava com uma sensação de liberdade que não vivia em sua cidade natal. Enquanto participava da conversa biográfica apontava os dedos me explicando sobre sua casa como se ela estivesse em nossa frente. Simone via sua casa pelos olhos de sua lembrança e eu a conhecia por meio de sua palavra. Seus gestos localizavam a casa, a rua, as ruas paralelas e os lugares onde brincava. Seus olhos acompanhavam seu sorriso ao se lembrar das brincadeiras, dos primos, dos amigos de cada verão e da sensação de liberdade que aquele lugar lhe proporcionava. Tenho enfatizado tal sensação porque segundo Simone, era algo possível de ser

vivido na casa de praia e não em outros lugres, como na cidade em que vive. Ou seja, existia alguma coisa que na relação com aquele lugar era vivida, o que ela nomeava como liberdade. Observem que Simone conhece a sensação de liberdade, mas ela só sentia ou revivia esta liberdade quando estava na cidade praiana. A ideia de relação entre a pessoa e o lugar é forte nesta conversa biográfica. Ela não sente e se comporta do mesmo modo em todos os lugares, nem eles a provocam a mesma sensação.

No entanto, anteriormente no texto, destaquei a diferença entre a experiência vivida, sua impressão como marca, o lembrar do vivido e o dizer a alguém sobre esta experiência. Durante as conversas não há um controle do que está por ser lembrado e isto requer um cuidado com a escuta. Entre uma fala e outra, Simone que estava revivendo aquele passado presentificado, se alegrou e se entristeceu com as lembranças. Algumas pessoas que viveram com ela naquele lugar já faleceram e os sentimentos estavam misturados entre a falta do lugar, saudade das pessoas e o vazio por não ter continuado naquela casa, com aquelas pessoas e vivências. Simone se emocionou muito ao dizer sobre a tristeza que foi quando seu pai vendera aquela casa. Sua dor era porque suas intensas experiências não seriam mais vividas naquele lugar ou em nenhum outro. De uma só vez perdeu a casa, a rua, aqueles amigos e aquela liberdade. Estou destacando os pronomes porque ela se referia ao que lá era vivido pontualmente. Posteriormente seu pai comprou outra casa no litoral fluminense e lhe disse que a nova casa seria como a anterior. Nunca foi.

Na conversa biográfica com Simone, destaco que, apesar de ter gostado da sensação de liberdade que viveu em muitos verões durante sua infância e adolescência, algo acontecia na primeira casa de praia entre ela e aquele lugar que a permitia experimentá-lo nomeando como liberdade. No entanto, apesar de se constituir com estas marcas, a segunda casa de praia não favoreceu reviver a liberdade que havia experimentado. Então, aquilo que foi vivido não ocorreu exclusivamente por causa dela ou só por causa da casa de praia, mas pela relação que estabeleceram. Uma relação que produziu marcas e lembranças que só puderam ser conhecidas publicamente porque foi possível Simone dizer sobre ela e sobre seu lugar. Novamente enfatizo este dizer pois a pessoa poderia ter consciência e se lembrar intimamente de suas experiências vividas na praia, mas ao

dizer a alguém, estas marcas são revisitadas e podem gerar novas impressões psíquicas.

Posteriormente Simone me procurou novamente para me mostrar uma foto da casa de praia capixaba que havia encontrado. Neste segundo dia da conversa biográfica ela apontava na fotografia os lugares que havia mencionado. No entanto, apenas a frente da casa que estava registrada. Ela continuava a dizer sobre algo que ela via para além do registro. E destacava: *“olha, aqui...por aqui...é a rua que ficava brincando com meus amigos. Eu corri por aqui.”* O verbo olhar se fez presente, mas só podia ver através de suas palavras. A fotografia não me permitia ver a referida rua, mas seu dizer sobre ela me possibilitava acompanhá-la para além daquele registro. Olhar para a fotografia da casa onde Simone morou me faz especular sobre o que foi vivido ali, mas ouvi-la me permitiu acompanhá-la na caminhada por entre os labirintos de sua memória para além de uma realidade concreta.

Simone via sua casa pelos olhos de sua lembrança, como D. Celma que dizia *“ali era meu quarto”*. Ambas, através de suas lembranças, apresentavam em palavras aquilo que viviam em suas realidades geopsíquicas. Aquilo que foi vivido e era visto por elas, somente poderia ser conhecido por mim, como pesquisadora, por meio da palavra. Era a palavra que me permitia conhecer a experiência de cada uma e de localizá-la no tempo e espaço. Não há como acessar a experiência com o lugar sem que esta se apresente ao outro. É por meio dela que compreendemos como o mundo é significado e construído em uma relação de sentido. Através da palavra podemos entender as mediações da realidade geopsíquica e as relações com os lugares.

O que vivemos e acreditamos nos lembrar é tão forte na realidade geopsíquica, que ouvi na conversa biográfica de Simone sobre sua vontade em não mudar a imagem que tem de sua casa no passado. Simone, recentemente, ao retornar à casa de praia com os irmãos ficou tão tomada por suas lembranças que optou por caminhar em silêncio ao redor da casa enquanto os outros quiseram entrar e rever a casa que atualmente está ocupada por outra família. Ela dizia que andava e sentia o cheiro de quando era garota, via seus lugares do brincar, contemplava pelos olhos da lembrança cada cantinho daquela rua. Ela sentiu o tempo parar e o passado daquele lugar se presentificar diante de seus olhos. Enquanto isso, caminhava em um silêncio repleto de sons do passado que ecoavam

em suas lembranças e optou por ficar com aquelas imagens do que foi vivido na tentativa de não alterá-las ao entrar na casa novamente. Simone disse que não queria ver como os novos moradores mobiliaram a casa, mas queria deixar o registro de como seus pais haviam feito. É uma opção por continuar a ver, pelos olhos da lembrança de sua realidade geopsíquica, um lugar que materialmente já se apresentava em outra configuração.

Cada vez que Simone viajava para casa de praia, ela imaginava o que sentiria, o que encontraria e quem ela iria rever. Para falar da liberdade vivida no litoral, ela trouxe sua cidade natal como um contraponto entre o cotidiano vivido sem atmosfera daquela casa de praia. Os lugares estão encadeados e juntos em sua fala. Um dos pontos que une os dois lugares é o movimento. É possível afirmar, por meio de suas palavras, que Simone buscava viver e reviver sua liberdade naquele lugar. Ela realizava um movimento de ir ao encontro da satisfação que sentia lá. Era um movimento entre o que sentia falta e o que a preenchia. Ela sentia uma moção que lhe impulsionava ao movimento de encontrar o lugar ou de se encontrar naquele lugar.

Liberdade semelhante foi apontada por Maria, que aos seus doze anos, me contou que gosta de ir para a casa de campo em uma pequena cidade do interior mineiro porque lá ela diz: *“eu posso andar sozinha pela rua, vou lá na padaria, vou escutando música e vou fazendo as coisas que eu gosto”*. Maria reconhece o que gosta de fazer e onde é possível fazer o que gosta, atribuindo isto ao lugar dessa realização. O gostar de andar, de ir à padaria e de ouvir música são anteriores à sua chegada na pequena cidade, mas é lá e com aquele lugar que isto é possível de ser vivido. Tem algo de sua constituição que na relação com o lugar é possível de se manifestar porque só pode ser vivido e experienciado lá e com ele mesmo. Existe um movimento para buscar sentir o que o andar pela rua sozinha lhe proporciona. Um movimento que impulsiona Maria à rua. Um ir à rua que a leva ao sentir. Um sentir que se manifesta como um encontro entre o que lhe faltava e o que buscava.

Estas relações entre movimento e lugar, falta e busca também são construídas na dobra entre interno e externo. Nas falas de Maria e Simone o lugar possui a fisionomia daquilo que buscavam e encontravam em outras cidades. O lugar pode ser constituído por aquilo que é uma busca interna da pessoa e que é possível de ser vivida em algum lugar. O lugar possibilita que sejamos ou possamos agir como imaginamos ou como nosso coração nos aponta. Neste sentido, o

geógrafo Carlos Eduardo Pontes Galvão Filho (2018) sensivelmente nos indica um fazer geosófico que faz emergir uma geografia cordial que alie o coração à condição terrestre.

Nosso coração nos aponta caminhos a seguir, nos coloca em movimento e nos lembra em cada lugar sobre nossa condição terrestre. Nos movimentamos pelo mundo guiados por nossa realidade geopsíquica. Vivemos cada lugar em sua dobra e todos encadeados. Esta imagem do coração não é aleatória. No senso comum está associada à vida que pulsa, aos sentimentos, aos afetos e ao mundo interno de cada pessoa. Para além do senso comum, as conversas biográficas indicam um movimento das pessoas para irem ao encontro de alguma coisa que intuem estar em determinados lugares. Entre buscas e encontros retomo duas epígrafes do primeiro capítulo: *“Naquela noite, voltei com Winnie para o número 8115 em Orlando West. Foi só então que eu sabia no meu coração que eu tinha deixado a prisão. Para mim esse endereço foi o ponto central do meu mundo, o lugar marcado com um X em minha geografia mental”*. Nelson Mandela orientado por seu coração busca seu lugar e encontra sua liberdade. Ou dito de outra forma, Mandela através de sua realidade geopsíquica busca e encontra a liberdade em seu lugar vivido na dobra.

A outra epígrafe de John Wright: *“As mais fascinantes terrae incognitae, entre todas, são aquelas que ficam dentro das mentes e corações dos homens”*, associa mente e coração às terras desconhecidas. Nestas terras que temos caminhado, há muito já nos aproximamos das fronteiras entre os mundos interno e externo. Com a perspectiva da realidade geopsíquica e do lugar como dobra estas fronteiras caem na terra.

Seguindo com as relações entre movimento e lugar, a conversa biográfica com Simone também nos conduz à reflexão sobre o segundo tipo de movimento: evitar o lugar.

Depois que a casa de praia foi vendida, Simone retornou àquela cidade algumas décadas depois. Quando narra este retorno ela menciona as reações diferentes entre as pessoas que viveram ou sabiam sobre a casa de veraneio. Algumas delas rapidamente querem entrar, mas ela opta por caminhar sozinha pelas ruas enquanto se encontrava com suas lembranças. O lugar é para cada um, tanto na experiência, quanto na lembrança, quanto na narrativa, quanto no efeito e quando naquilo que pode emergir desse encontro. Não podemos dizer sobre as

outras pessoas que estavam com Simone, mas ela toma uma decisão ao se ver envolvida com as lembranças que emergiram desse reencontro. Simone opta por não entrar na casa ocupada por outra família em uma tentativa de preservar o lugar que foi constituído na infância e lembrado naquela visita. Sua decisão a levou ao movimento de evitar o lugar ao mesmo tempo que, paradoxalmente, ela tentava ir ao encontro desse lugar em suas lembranças. Ela caminhava pelas ruas e buscava se encontrar com lembranças que a tomaram e a envolveram em outra atmosfera. Enquanto caminhava muito envolvida com aquilo que emergia em sua realidade geopsíquica, Simone se afastou da casa e foi revivendo seus caminhos até a praia. Aquela atmosfera foi rompida quando abruptamente as pessoas que viajavam com ela gritaram seu nome para que prosseguissem com o passeio. Ela sentiu como se as lembranças fossem interrompidas e o passado não estivesse mais ali presentificado. Então, pergunto: aquele lugar permanecia como liberdade? Foi no retorno que a liberdade de outrora foi nomeada? Não entrar na casa garante que o lugar seja preservado? Refaço uma pergunta: o lugar é o mesmo?

Simone retornou à cidade praiana e lá que sua decisão em não entrar na casa se manifestou. Não era medo ou repulsa, mas a vontade de preservar um lugar. No entanto, este movimento de evitar algum lugar se faz presente no cotidiano de algumas pessoas. Como pôde emergir na conversa biográfica com Renata.

Renata começou sua narrativa dizendo: *“minha casa, em Alto Rio Doce, fica em uma rua onde os vizinhos têm ligação com São Paulo”*. Para falar da cidade mineira ela evoca a capital paulista e para falar de sua casa nos apresenta seus vizinhos. Ela nomeou cada um deles para que pudéssemos nos localizar. Depois escolhe nos contar sobre Sr. Luiz.

“Minha infância foi marcada pela presença constante de um casal de vizinhos, o Sr. Luiz e a dona Lourdes, me lembro do Sr. Luiz sentado no passeio, me chamando de filha, batendo um papo... a dona Lourdes cozinhando no seu fogão a lenha, cuidando da horta, ou simplesmente sentada à beira dos canteiros de verduras conversando comigo e minha mãe. Eles moravam com seu neto, o Paulinho, e acho que sempre quis adotá-los como meus avós também”.

Renata não escolhe descrever sua casa a partir da vizinhança a aleatoriamente, da mesma forma, incluir o Sr. Luiz em sua narrativa é dividir conosco vivências com um senhor com quem criou uma relação com amor, uma relação transferencial.

“O Sr. Luiz tinha uma habilidade que mais ninguém tinha, ele fazia banquinhos de madeira e logicamente, eu ganhei alguns, um deles envernizado de cor marrom. Ele tinha uma rotina que era só dele. Ele levantava cedo todos os dias e ia para seu terreno, na zona rural de Alto Rio Doce, ficava lá uma parte do dia e regressava à tardinha. Quando ele chegava batia um papo com as pessoas e fazia questão de falar dos ovos que as galinhas haviam botado, que ele já tinha cozinhado e comido por lá mesmo, além das várias laranjas que também havia degustado, colhidas lá da roça”.

Não há dúvidas que para falar de sua cidade Renata precisou falar do Sr. Luiz. É por meio de sua vida, seu cotidiano e seus afazeres que ela nos apresenta mineira Alto do Rio Doce. Ao ouvir ou ler as narrativas de Renata também associamos a cidade ao Sr. Luiz e a ela. Pessoa e lugar se fundem e ao mesmo tempo se dobram.

“Sentar ao seu lado e ouvir suas histórias era uma vida bastante boa, mas a idade chega e com ela os problemas de saúde. Creio que os filhos achavam que no seu estado, não seria certo deixá-lo em Alto Rio Doce. Durante o período em que ele esteve em São Paulo, ficamos em Alto Rio Doce, com notícias que os filhos mandavam, uma ou outra foto, mas a certeza que quando lhe tiraram seu pedaço de terra, também lhe tiraram um pedaço de sua vida. A vida do homem que acordava cedo, ia para roça, colhia ovos e frutas, foi substituída por uma vida de um senhor que ficava preso atrás de um portão, pedindo para lhe levarem para casa.

Há uns meses, sua filha e a dona Lourdes estiveram em Alto Rio Doce, em um daqueles bate-papos, como os que marcaram minha infância, ela confidenciou: ‘Se soubesse que vender aquela terra ia fazer mal para o meu pai, eu não tinha assinado’”.

A narrativa de Renata sobre sua cidade se mistura com a vida do Sr. Luiz e com suas percepções sobre a mudança daquele senhor para São Paulo. A frase que ouviu da filha de Sr. Luiz é muito forte e traz o sentido de lugar para alguém que não ela mesma. A filha compreende posteriormente qual era o sentido daquela terra para seu pai e talvez para ela mesma. De qualquer forma, é mais uma pessoa que associa alguém a um determinado lugar. E mais do que isto, para o Sr. Luiz o lugar era vida, era sua vida. Fora daquele lugar não havia vida. Para ele, o lugar é vida.

Renata escolhe outra pessoa ligada à sua cidade: D. Nega, comadre do Sr. Luiz. *“D. Nega também ficou velhinha, e acabou deixando seu cantinho na roça para ir morar na zona urbana de Alto Rio Doce. Quando a D. Nega foi morar lá, já com mais de 80 anos, parecia que minha vó tinha ganhado uma irmã, elas estavam sempre juntas, sentadas no passeio, tomavam café da tarde, ficavam horas conversando, como boas confidentes, que não tinham só a mesma idade, mas muitas experiências para dividir. Só havia uma questão, minha vó estava em casa e a D. Nega, não! Ela sentia muita falta da roça... parecia que sentia a tristeza de estar onde não queria estar, sabe? Conversar com a D. Nega hoje é sempre voltar os olhos e ver minha vó perto das roseiras, em pé no portão, sentada no passeio. Quando eu chegava de Juiz de Fora, a vó me mandava ir ver D. Nega, arrumar a televisão e ligar quando a missa estivesse passando”.*

Relendo a narrativa de Renata vejo que poderia ter refletido sobre ela na seção deste capítulo sobre transferência e lugar, ou até mesmo sobre o mapa de pessoas que ela nos apresenta associado à cidade de Alto do Rio Doce. Mas esta conversa biográfica continuou em outros dias e o sentido dela se desvelou. Para isto, preciso contextualizar como esta conversa biográfica aconteceu.

Em capítulos anteriores mencionei uma reunião do grupo GhEnTE em que o vocábulo hospital se tornou central na narrativa das pessoas que estavam presentes. Renata estava lá e, em determinado momento, pediu para falar. Ela nos contou que em Alto do Rio Doce tinha um lugar muito especial para sua avó: uma cerca. *“Minha avó Laura sempre contava do lugar em que foi criada. Foi criada e passou a infância na fazenda do Sr. Leopoldo. Ela sempre contava sobre a fazenda, mas sempre destacava a cerca... era lá que brincava com o tio Dorico... Posso até imaginar aquele lugar, mas nunca vou saber o significado real para ela e nem vai ter o mesmo significado para mim”.*

Renata também disse que sempre olha para a cerca em uma tentativa de sentir o que sua avó sentia naquele lugar. Porém, ela não reconhecia a cerca como lugar, mesmo tentando fazer isso. Achei forte aquela fala e pedi que me contasse mais sobre esta cerca e também sobre o Sr. Luiz. Alguns dias se passaram e Renata me envia um e-mail com o propósito de continuar a conversa sobre a cerca. Mas ela começa o e-mail dizendo: *“Acho que temos que voltar no exemplo sobre a palavra hospital!”*. Então, vamos nos voltar para esta palavra: hospital.

“Enquanto todos falavam durante a reunião, eu me mantive mais quieta, até não aguentar mais e querer falar! Isso porque hospitais sempre foram lugares que me trouxeram muito medo, pavor mesmo, angústia! O encontro me trouxe um verdadeiro aperto no peito! E esse medo, apesar de ainda carregá-lo, nunca foi sobre mim... Apesar da diabetes! Foi sempre o medo de perder minha avó. Ela passou os últimos treze ou quatorze anos da vida dela tratando o câncer e como ela me criou, qualquer dorzinha dela, doía muito em mim. Eu fiquei com ela na cabeça durante todo o encontro e ali percebi como a palavra hospital também me levava pra um determinado lugar, que me dá pânico, onde evito passar até hoje.

Lógico que já tinha estado em hospitais, consultórios... Mas o que me vinha na cabeça durante o encontro foi o período em que minha avó esteve internada no Oncológico, o hospital da primeira internação e da primeira cirurgia. Ela iria operar em uma segunda, então viemos visitá-la no domingo. Na época eu era criança, não me deixaram entrar de primeira.. E da frente do hospital vi minha avó, de camisola azul, cabelo branco e curtinho acenando. Ela estava no terceiro andar... E ainda hoje, quando passo na rua Barão de Santa Helena, evito olhar para a janela, mudo de calçada, porque a imagem se repete na minha memória. Depois de um pouco de insistência o pessoal me deixou entrar, consegui ganhar o abraço que eu tanto queria e precisava. Acabou que a cirurgia correu bem, mas esse tempo no hospital tirou minha avó de perto de mim por três longos meses. Essa é a lembrança que martelou na minha cabeça, e quando o Júnior se referiu ao hospital enquanto um lugar ligado à vida me fez ter vontade de falar, já que para mim, hospitais tem sentidos totalmente opostos.

Durante todas as internações, minha avó sempre teve uma acompanhante, eu nunca dormi em um hospital com ela, nem passei o dia, principalmente nas últimas, porque eu já morava aqui em Juiz de Fora. Eu construí uma imagem terrível de um lugar, somente a partir do medo. Não sei se você vai se lembrar de uma vez que cheguei para um encontro, mas eu não estava efetivamente na reunião. Acho que você percebeu que eu não estava bem e me perguntou o que estava acontecendo. Acabou que entre uma lágrima e outra que eu tentava segurar, falei que a vó estava internada em Barbacena, na Santa Casa. Eu saí da sala, chorei um pouquinho lá fora, e depois voltei. Minha mãe me ligou contando que estava indo buscar ela no hospital, já que ela tinha ganhado alta. O pânico que eu sentia, só de falar Santa Casa era impressionante.

Naquele dia da reunião me lembrei da história que minha avó contava sobre o lugar onde ela cresceu... A Fazenda do Sr. José Leopoldo... depois me lembrei do Sr. Luiz e a D. Nega”.

Renata narra que, apesar do silêncio vocal, internamente havia muito barulho com o que ouvia durante a reunião, até que sentiu a força que lhe impulsionava a tentar colocar palavras naquilo que lhe vinha à mente. Ela partiu do princípio que o aperto no peito que sentia durante a reunião era por ter muito medo de hospitais. Renata sentia na carne o medo de determinado lugar, seja indo ao seu encontro ou se imaginando falar sobre o assunto. Ela nos contava sobre sua geografia encarnada (DE PAULA, 2017) que a revelava um medo que, para ela, estava associado ao diabetes que a marca e parecia definir sua relação com hospitais.

Preciso recuperar o fio dessa seção de capítulo: lugar e movimento. Então, observe que internamente Renata vivia a tensão entre evitar o tema e falar sobre hospital, até que ela se move e fala, não só na reunião, como posteriormente no e-mail.

Renata para falar sobre hospital nos apresenta sua forte relação com a avó. Novamente alguém que se tornou sinônimo do lugar. Em suas palavras, a relação com a avó e o medo de perdê-la ou não abraçá-la emolduravam sua imagem de hospital. Renata também citou duas vezes a força da realidade geopsíquica sentida no cotidiano e a narrativa nos mostra que ela estava presente em um lugar e determinado tempo cronológico, mas o que ela via, sentia e se lembrava estavam deslocados para outros lugares e tempos que se presentificavam na reunião. Não havia pausa e havia muito movimento.

Renata me enviou o e-mail e, em seguida, uma mensagem de voz em que sorria e se dizia indignada. Seu espanto, nomeado por indignação, se deu ao perceber que ela quis atender ao pedido de me contar mais sobre Sr. Luiz e sobre a cerca, no entanto, ela viu que, na verdade, falou sobre sua relação com o hospital. Ela se questionava: *“como pode o hospital estar associado a tantos lugares? Hospital para mim sempre foi medo, angústia... palavras ruins. Mas não pensei que o hospital pudesse disparar tanta coisa em mim, entende? Não pensei que ia vir tanta coisa a partir de uma palavra. Quando chego no hospital, em qualquer hospital, eu começo a passar mal e isto piorou na minha adolescência. Passo muito mais mal*

no hospital do que em casa. Eu evito ao máximo ir para o hospital. Mas sempre achei que fosse nervosismo e não associava ao medo. Muito menos a um lugar”.

No final, emocionada ela diz desse algo que a tocou, que fez suas lembranças emergirem e diz sobre o que pôde ver: “*que quando passo em frente ao Oncológico não mudo de calçada à toa!*”. Ela pôde se ouvir e se ver em tudo o que narrava. Renata sentiu na carne a força da palavra. Palavra que quando pode ser dita, pode ser ouvida e pode ser lida, também pode significar e ressignificar o lugar. Renata encontrou com a força do lugar em suas ações do cotidiano. Atravessar a rua, mudar de calçada e não olhar para determinada janela é realizar um movimento. O movimento de evitar o lugar. Evitar o que emerge do lugar. Evitar o desprazer. Evitar encontrar o lugar na dobra. Seu deslocamento na cidade estava marcado pela dobra e vivido através de sua realidade geopsíquica.

Será mesmo que ela deixou de falar da cerca? Talvez não tenha dito sobre a cerca da fazenda da avó, mas falou acerca do hospital, falou sobre a cerca que a separa de determinados lugares, falou sobre algo que a divide, falou sobre o que pôde ver do outro lado da cerca. Falou sobre sua relação com hospitais há cerca de quatorze anos e falou sobre o hospital que a cerca. Falou sobre a cerca entre vida e morte. Renata falou por meio da palavra. O significante cerca falou nela e a pôs a falar.

Renata nos mostrou o caminho que a palavra tomou enquanto ouvia barulho em seu corpo. Ela ouviu hospital, lembrou-se da avó, das histórias que ela lhe contava sobre um lugar, depois do Sr. Luiz e de D. Nega. Este caminho associativo só fez sentido, tanto para nós quanto para ela, posteriormente. Quando ela inicia sua narrativa é quase como nos contasse de trás para frente, o que na verdade revelava o modo como o hospital se desvelou para ela. O modo como acreditava ordenar sua narrativa não foi o mesmo modo como algo foi ordenado e pôde ser lido por ela. Considerar que o sentido de lugar é *posteriori*, também é considerar que algo age em cada um de nós sob outra ordem. Por mais que parecesse que sua narrativa possuía princípio, meio e fim e estava clara ao leitor, algo pôde falar nela e que dessa vez, pôde ser lido.

Para Lacan, “uma palavra não é uma palavra a não ser na medida exata em que alguém acredita nela. [...]. Ela está aí antes de qualquer coisa que haja atrás” (LACAN, 2009 [1953-1954], p.311). Geograficamente, a palavra nos conduz ao encontro de muitos sentidos de lugares. Ela nos desloca no tempo e se

apresenta como uma tentativa, de cada um, em dizer a partir da realidade geopsíquica. Da mesma forma que alguém acredita na palavra, também acreditamos no lugar que cada um vive e nos narra. Não há como conhecer o lugar do outro, senão por meio daquilo que a palavra nos permite aproximar. Sempre estaremos em terras desconhecidas.

Quem faz o lugar são as pessoas. As pessoas fazem o lugar em cada relação com alguém significativo, em cada movimento que revela aquilo que a pessoa busca para sua própria vida, em cada fuga, em cada encontro, em cada mudança, em cada tentativa de permanência, em cada deslocamento e no efeito da palavra. Nos aproximamos dos lugares que, pelo princípio do prazer freudiano, nos trazem satisfação seja ela de qualquer ordem. Evitar lugares e o esforço para preservar alguma lembrança também são tentativas ligadas a este princípio. A constituição do lugar é atravessada pelo modo como nos relacionamos com as pessoas. O lugar é para cada um. Mas ele é único para alguém?

4.4 – O enlace entre pessoas e lugares: “o lugar é alguém”

Ao reler os registros das conversas biográficas, um deles me salta aos olhos nesta relação entre transferência e lugar. Durante muitos encontros pude conversar com Sebastião, o mesmo que em capítulos anteriores me contou sobre sua ida à Paraty. Ele se apresenta como um homem simples, com aproximadamente 50 anos, que gosta de prostrar-se com as pessoas, principalmente os idosos, gosta de andar pelo mundo de bicicleta ou moto e gosta de parar o percurso para comer broa com café enquanto ouve muitas histórias. As narrativas de Sebastião sempre traziam seu amor pela esposa, pela filha, pela avó, por sua mãe e por seu pai. Da mesma forma sempre me contava sobre a cidade mineira de Ressaquinha, sobre sua granja e sobre um cemitério. Lendo dessa forma, até parece que estão separados: pessoas de um lado e lugares de outro. Veremos que não.

Em uma das primeiras conversas, Sebastião diz: *“meu pai faleceu dia 28 de maio e não pude ir vê-lo na segunda-feira da greve, pois não tinha gasolina na estrada. Isto me prejudicou”*. Seu pai faleceu há alguns anos e em 2018 ele não pôde ir ao cemitério na data de seu falecimento. Ele não disse cemitério, ele disse “vê-lo”, então, quero destacar a força da presença de seu pai nas próximas narrativas. Ressalto que não está em questão especular sobre esta relação, mas

observar sua presença nas narrativas sem perder de vista que estamos abordando a relação entre transferência e lugar.

“Quando vou em Ressaquinha e sento, ali onde meu pai foi enterrado, eu olho as casas, igreja, as árvores, os pássaros, sinto o vento, o frio, o calor, o cheiro e parece que toda minha infância retorna muito forte. As pessoas às vezes me criticam por fazer isto uma vez por mês praticamente, mas me faz tão bem ir lá. Para mim aquele lugar tem vida, tem alma, é uma máquina do tempo”.

Ressaquinha já havia surgido na relação com Paraty e agora com o cemitério, mas para além disso, a cidade surge pela presença do pai. Sebastião vai mensalmente ao lugar onde inúmeras sensações já vividas se presentificam. O que parece estranho aos olhos de outras pessoas, para ele paradoxalmente, é um lugar que tem vida. Uma vida que está ligada ao vocábulo alma e à passagem do tempo cronológico. Sebastião sabe que seu pai está falecido e o tempo lhe mostra isso, mas o lugar lhe traz uma atmosfera de vida.

Pedi que Sebastião me contasse um pouco mais sobre Ressaquinha porque queria ouvir sobre esta cidade que aparecia repetidamente em sua narrativa. *“Ressaquinha? Ressaquinha é a casa da minha avó. Me lembro que lá ia junto com meus pais, tinha a casa e o quintal. Levantava cedo com cheirinho de fogão à lenha, cafezinho e broa. Sentávamos para almoçar às 10h da manhã e ali passávamos horas ouvindo histórias de onça, assombração, comendo aquela comidinha simples, mas que eu daria tudo para sentir aquela união, gosto, cheiro, sentimento de carinho de todos, cheirinho de fogão à lenha, da risadinha cansada de minha vó, a voz forte de meu pai, o bigode dele se deliciando com aquelas histórias, as lágrimas de tanto rir, os sorrisos de todos. Na casa dela, apesar de ser no centro de Ressaquinha não tinha geladeira, televisão, rádio. Tinha somente as prosas do dia a dia, fofocas dos vizinhos, fogão à lenha, banheira antiga para tomar banho, um quintal enorme onde se tinha de tudo. A casa dela era de telha, com banheira antiga, serpentina para esquentar a água, tábuas no chão, colchões de palha e uma mesa com oito cadeiras que quando sentávamos ali para almoçar eram só histórias incríveis, eu viajava junto das histórias de meu pai e minha vó. Minhas brincadeiras eram fazer arapuca, pegar passarinho, brincar descalço pelo quintal, pegar café para chupar o fruto maduro, buscar lenha cortada para minha vó. Isto foi mais ou menos dos 5 anos que tenho lembranças até aos 14 anos, depois ela faleceu e assim como meu pai, nunca mais a casa da minha vó foi a mesma. Até que um dia venderam a*

casa e a demoliram. Assim morreu para mim aquele lugar, tenho lembranças de tudo, mas o físico, assim como perdi meu pai, não existe mais, somente as lembranças... e que lembranças ótimas! Acredite, só de te fala já sinto o sabor, o cheiro, e tudo que vivenciei lá. Como aquele lugar me faz bem. Mesmo sentado ali onde meu pai foi enterrado. Para mim onde ele foi enterrado é o ponto central de meu mapa, é onde me sinto bem, onde as lembranças parecem mais fortes, achava que o lugar era a casa de minha vó”.

Como falar de Ressaquinha sem falar do pai e da avó? Sebastião nos conta sobre hábitos cotidianos que vivenciou com seu pai na casa de sua avó. Suas lembranças recheadas de sabores e aromas compõem a atmosfera de Ressaquinha e nascidas na casa de sua avó. Sua narrativa nos traz vida e morte como a mesma face da constituição do lugar. Ele experimentou muita vida na casa de sua avó, mas em determinado momento nos diz que este lugar morreu. Mesmo que tenha força em sua narrativa. Com a morte desse lugar, a centralidade de Ressaquinha deixa de ser a casa da avó para ser o cemitério onde seu pai foi sepultado. O lugar onde encontra vida. Um lugar vivido através de sua realidade geopsíquica. É sua história viva que se presentifica naquele lugar.

Em outro momento ele me disse que gosta de ir aos lugares em que esteve com seu pai e as lembranças lhe trazem sua voz e seu cheiro. Sebastião disse que gosta *do “cheiro do passado, gosto do passado, objetos do passado”*. O passado se presentifica e Sebastião se movimenta ao encontro desse passado em cada lugar, objeto e narrativa que escuta.

Quando Sebastião disse sobre um mapa de sua vida, pedi que me contasse sobre outros lugares. E relatou: *“No decorrer da vida certos lugares vão se tornando mais fortes. Mas acredito que hoje para mim os lugares que procuro encontrar em outros lugares, estão sempre relacionados a minha infância. Quando perdi meu pai o mundo parece ter mudado”*. Na riqueza do que nos diz, Sebastião nos aponta o lugar como não fixo e com intensidades que se alteram ao longo da vida. Para ele, a centralidade estaria da infância e o grande ponto de ruptura e mudanças estaria no falecimento de seu pai. Sebastião também diz sobre o enlaçar dos lugares ao explicitar: *“lugares que procuro encontrar em outros lugares”*. Os lugares têm um enlaçar que acontece de acordo com a vida de cada pessoa. E não estou falando sobre lugares em rede com fixos e fluxos! Estou sinalizando laços que

são criados e vividos através da realidade geopsíquica de cada um. Laços que unem, sobrepõem e deslizam lugares em seus sentidos e significados.

Sebastião prosseguiu a conversa sobre seus lugares. Ele fez três agrupamentos: lugares em que estudou e nomeou as instituições; lugares em que trabalhou também nomeando as instituições e lugares em que viveu sua infância, nomeando dois bairros e mencionando sentir saudades de sua escola. Então, pedi para que me contasse sobre a escola. *“As lembranças do colégio foram ótimas! Lembranças das merendas, sempre merendei no colégio... (risos). Nossa me lembro da dona que fazia as merendas, uma senhora muito boazinha que sempre me deixava repetir (risos). As carteiras de madeira onde sentávamos de dois em dois, os professores ou melhor professoras pois só vim conhecer professor no 6º ano. Lembro do ônibus que nos levava, a diretora brava que me chamava sempre para fazer desenhos para ela, desenhos que ficavam de capa para as apresentações nos dias de alguma comemoração cívica. Eu fazia meus deveres de casa debaixo de uma árvore na hora do recreio para chegar em casa e poder sair para pescar, soltar papagaio e andar pela mata da floresta. Nossa!! Como era bom...”*

Quais elementos Sebastião elege nos contar em sua narrativa? O que podemos dizer sobre a escola em que estudou? Quais os elementos físicos ou materiais que compõem suas lembranças? Sebastião começa pela merenda e pela maneira especial que “a dona da merenda” lhe permitia repetir a refeição. Novamente alguém cuja relação transferencial se destaca na relação com o lugar. Na sequência ele elenca três elementos que estão presentes em sua vida adulta: objetos de madeira, os desenhos na capa e o ônibus. Explico melhor. Sebastião entalha madeira como lazer e com frequência falou sobre desenhos que fez para o caderno da filha. Apenas sublinho estas atividades para destacar a ideia de continuidade em ações que se repetem na vida de cada um. O terceiro elemento tem destaque na relação com os lugares.

Sebastião começou a falar sobre ônibus no início das conversas biográficas. *“Quando vou em Ressaquinha, ao sair de casa já começo a viajar, assim como na infância que ia com meu pai de ônibus. Era tão bom!! Me lembro do barulho dos pneus do ônibus soando em meus ouvidos, o cheiro do ônibus, os passageiros e suas histórias, as bagagens, as sacolas de panos, a paisagem que pouco se mudava a cada vez que passava por ali, o jornal que os passageiros liam para passar a viagem, sabe? São tantas lembranças boas...”*. Ele nos descreve o

ônibus de modo muito parecido como a descrição de um lugar e, curiosamente, o ônibus era seu meio de deslocamento para encontrar seu lugar – a cada da avó. O ônibus não era só transporte, mas era convivência com o pai, era viver a viagem e era se colocar em movimento em direção aquilo que seu coração buscava. O ônibus tinha como destino um ponto cordial (GALVÃO FILHO, 2018), um ponto guiado por seu coração, um lugar que lhe fazia pulsar.

Seguindo com o ônibus, um dos lugares que Sebastião enumerou para falar de seu trabalho, foi uma empresa de ônibus em que trabalhou por muitos anos. Escolha aleatória? Temos visto que não. Mas observe que estes apontamentos são sobre o que ele narra de acontecimentos vividos em muitos anos. Esta não é uma pesquisa longitudinal, mas sua própria narrativa nos conduz a colocar luz sobre elementos em repetição. Mesmo que não seja de nossa competência dizer sobre motivos ou significantes de sua própria vida.

Ampliando a relação do vocábulo ônibus para outros elementos ligados ao deslocamento entre lugares presentes em sua narrativa, no primeiro trecho em que descreve Ressaquinha, Sebastião nos conta que seu pai trabalhava em uma estação de trem e que eles brincavam na linha férrea, em outro trecho nos conta *“meu pai tem uma bicicleta de mais ou menos 1880 e está com a gente até hoje, ele me carregava ali no quadro e sempre andávamos em Ressaquinha, sempre. Nossa... posso sentir até hoje ele respirando forte para subir os morros comigo e sempre me ensinando respeitar os mais velhos e ia conversando com eles”*. Outra vez, a presença de um instrumento que para além do transporte, o aproximava de seu pai e dos lugares. Durante os passeios sob duas rodas, estavam os ensinamentos sobre o respeito e a importância das conversas com os mais velhos. Algo que Sebastião se orgulha e pratica em cada viagem que realiza atualmente.

Continuando com esta relação, ele nos narra: *“Acabei de chegar da granja e como você sabe, lá tem muitas coisas que me recordam Ressaquinha, meu pai e minha vó. Em Ressaquinha eu me sentia em casa. Mas depois que meu pai morreu que Ressaquinha se tornou o lugar onde posso ver meu pai, onde me sinto feliz. Quando estou precisando de recarregar as energias eu viajo de moto para lá, mas é engraçado que sempre falo com minha mãe que eu um dia irei de ônibus só para relembrar aqueles tempos. Hoje lá na granja coloquei aquelas músicas que meu pai gostava e fiquei lá cuidado do gramado e das plantas. À tarde de inverno chegando, o friozinho chegando e as estrelas se entrelaçando nas nuvens. Consigo*

até sentir o cheiro do fogão à lenha da casa de minha vó. Sabe, as vezes me pergunto de que precisamos para ser feliz??? A companhia destes "lugares" (fez sinal de aspas com mão) já é o bastante".

Tive a oportunidade de conversar muitas vezes com Sebastião, e em cada conversa biográfica estava presente a relação entre lugar e pessoas como ele mesmo agrupa: *"Ressaquinha, meu pai e minha vó"*. Neste trecho ele nos indica como o lugar como centro de significância foi deslocado em Ressaquinha para a possibilidade de ser onde pode *"ver meu pai"*. Novamente ele se põe em movimento, agora destacado pela moto, para ir ao encontro de alguma coisa que busca, de algo que lhe falta. Neste movimento, o ônibus se faz novamente presente, como uma possibilidade de reviver algo que viveu com seu pai. Ao final do trecho, ele nos sinaliza este movimento na relação com a felicidade, em uma pergunta que ele mesmo se faz e responde com as aspas no lugar. Quase como se dissesse sobre a companhia dessas pessoas. Aquelas pessoas que sua narrativa indica que enlaçam seus lugares.

Sebastião também menciona sobre sua granja, então lhe pedi que me contasse mais sobre este lugar. *"Em 2014, meu pai faleceu e foi enterrado no lugar onde ele sempre pediu para ser enterrado, pois ele ama Ressaquinha. Quando ele morreu eu já tinha a granja em Matias Barbosa e já estava fazendo um trabalho de tentar trazer de volta algumas coisas da casa de minha vó de Ressaquinha. Foi aí que comecei a fazer da reciclagem algumas coisas para a granja. Quando meu pai faleceu, eu queria deixar tudo, mas pelo contrário, busquei forças e fiz uma capelinha na granja com a imagem que ele mais amava que é Nossa Senhora e a Fernanda (esposa) sempre gostou de São José, uma dia em Tiradentes a Isabela estava comigo no dia dos pais e ela escolheu a imagem da Sagrada Família para eu comprar (trocar, pois minha vó sempre falou que nós trocamos dinheiro por santo e nunca compramos o santo) e hoje tenho na grutinha da Sagrada Família.*

Este dia que ela escolheu a imagem eu havia passado em Ressaquinha primeiro para ver meu pai e depois fui a Tiradentes. Resumindo, lá na granja tenho muitos objetos de Ressaquinha, de minha vó, meu pai. Lá na granja fiz um fogão à lenha para eu me lembrar de Ressaquinha, fiz um quintal onde sempre que vou lá sento ali na grama e degusto de minha infância, os passarinhos, o verde, o cheiro de fumaça, o degustar de ver a orquídea que veio de Ressaquinha há mais de 50 anos e que teve nas mãos de meu pai, a lamparina que minha vó usava, a caneta de

tinteiro que meu pai escrevia e outros objetos. Acredite, mas sinto isto tudo tão verdadeiro. Sei que fisicamente não é igual a casa de Ressaquinha, mas aproxima dos gostos, da simplicidade e dos cheiros. Bom, Ressaquinha é um lugar que meu pai ama, assim como minha vó e eu. Tento trazer Ressaquinha para minha granja”.

O que há de exclusivo em sua granja? Ele até destaca a presença de uma capela, mas suas ações e escolhas revelam um movimento de levar Ressaquinha para sua granja. A escolha dos objetos não é aleatória. Uma capela da **Sagrada Família**? Ele ganha de sua filha a imagem de São José, um santo carpinteiro, pai de Jesus? Ele recebe este presente no dia em que visitou seu pai antes de ir à cidade de Tiradentes? Não há aleatoriedade em tudo isto, da mesma forma que estas aproximações não precisam ocorrer conscientemente. Ao colocarmos luz nestes elementos, nos parece que este encadeamento é claro, deliberado, consciente e intencional. Suas palavras é que nos conduzem a este enlaçamento. Ele mesmo para falar da granja, começa por seu pai e ao final afirma sua tentativa em levar Ressaquinha para lá. Este encadeamento dos lugares já havia se presentificado na relação que fez entre Paraty, Tiradentes e Ressaquinha, e agora temos outros elementos para visualizarmos essa sobreposição que parece fazer com os lugares.

Quantas vezes ele mencionou o fogão à lenha de sua avó? Sebastião chega a usar o vocábulo degustar ao referir à infância e à orquídea que foi de sua avó e seu pai. Ele saboreia algo que se presentifica, algo que ele busca, algo que sente falta, algo que lhe traz a sensação de continuidade. São exemplos que colocam na mesma face a vida e a morte, a dor e a satisfação, o movimento e a busca pelo encontro.

Ao final do trecho ele nos coloca um pedido importante: *“Acredite, mas sinto isto tudo tão verdadeiro”*. Tenho dito que não nos interessa o que aconteceu, como aconteceu ou os motivos que levaram cada episódio narrado a acontecer, então, não existe a busca por uma verdade. O que Sebastião nos conta foi vivido à luz de sua realidade geopsíquica. Seu modo de estar no mundo é mediado por esta realidade. A forma como se estruturou para viver e reviver sua vida é dessa forma que ele nos apresenta. Ele chega a nos dizer: *“Pelo que converso hoje com meus amigos de trabalho, o lugar é “alguém” que nos ajuda a sobreviver neste mundo de hoje. Ele é um “alguém” no presente que se remete ao passado para nos ajudar no futuro. Você não tem ideia de como faz bem recordar os lugares em prosas. Quer*

um exemplo de tristeza e alegria ao mesmo tempo? Enterro de alguém, nunca vi tantos assuntos recordando o passado e os lugares". Os efeitos pessoais não nos interessa, como importa para ele. Nosso olhar deve-se voltar para o que a pessoa nos narra no entendimento de como as pessoas constituem seus lugares de diferentes modos

Sebastião falou muitas vezes sobre seu falecido pai, mas tantas outras sobre o lugar ter vida e sobre presente e passado. Ele nos trouxe associações fortes entre pessoas e lugares e encadeamentos entre lugares. Ele narrou seus movimentos, suas viagens e suas buscas por encontrar algo que é falta. Ele nos diz: *"o lugar é "alguém".* Se quem faz os lugares são as pessoas, eles o fazem na relação com outras pessoas. Existe um laço entre lugar e pessoas significativas. Existe um laço com alguém que é vivido na dobra do lugar.

Depois de muitas conversas biográficas, Sebastião disse: *"Ah! Gostaria de me desculpar pelo uso dos verbos, é que às vezes, as lembranças são tão fortes que falo no presente e não no passado. É como se eu vivenciasse aquele momento, ali na hora, sabe?".* É isto.

Capítulo 5 – Ao final, um encontro com a Geografia das terras desconhecidas

É próprio das verdades
nunca se mostrarem por inteiro.
Jacques Lacan

O caminho escolhido e traçado nesta Tese teve seu início em *terrae incognitae*, ou melhor, em terras que outrora já foram desconhecidas, mas que importantes geógrafos começaram a desbravar. Se hoje podemos pesquisar e construir conhecimento geográfico que envolva imaginação, memória e experiência, é porque geógrafos como Jonh K. Wright, David Lowenthal, Yi-Fu Tuan, Eric Dardel e outros tantos puderam abrir e consolidar este caminho. Enquanto caminhava rumo às terras do inconsciente, encontrei geógrafos contemporâneos, em especial aqueles que trabalham com geografias psicanalíticas que considero na fronteira. Um limiar entre as terras com reflexões voltadas para as relações subjetivas que estabelecemos com a Terra, com as terras consolidadas na Geografia Humanista e aquelas que encontrei neste percurso. Ao avançar por esta fronteira, que já possui em seu território produção acadêmica entre Geografia e Psicanálise, encontramos novas terras incógnitas: as terras do inconsciente na relação, constituição e produção do conhecimento geográfico.

Nas terras psíquicas o caminho foi trilhado entre as noções do Inconsciente para Freud e, posteriormente, para Lacan. Foi preciso que nos aproximássemos de alguns conceitos psicanalíticos que intuí que fossem importantes para uma construção epistemológica. Estar diante de grandes conceitos do campo da Psicanálise e eleger alguns para construir um percurso em terras desconhecidas, só indica que ainda temos muitas terras para desbravarmos na Psicanálise como base teórica para Geografia. Este capítulo, com tom de considerações ao final de uma escrita, é composto por um misto entre reflexões tecidas na Tese e apontamentos que nasceram ao final do percurso do doutoramento.

Encontrei neste caminho uma Geografia das terras desconhecidas. Primeiro pela força da expressão *terrae incognitae* que me revelou um percurso de geógrafos por terras que hoje são conhecidas, mas que já foram incógnitas.

Segundo, por me questionar, seriam mesmo terras conhecidas? Ou melhor, as terras da imaginação, da memória e da experiência são terras conhecidas? Talvez apenas por seus caminhos abertos e percorridos. Terceiro, por incorporar as terras desconhecidas do inconsciente na epistemologia da Geografia. Quarto, por perceber que as terras do inconsciente serão sempre desconhecidas. O que me levou a considerar que, as terras que buscam compreender o humano em sua dimensão geopsíquica, ou com a imaginação, ou com a memória ou com a experiência, sempre serão desconhecidas. Retomando a epígrafe de Lacan, as verdades nunca se mostram por inteiro. Ainda mais na relação entre pessoas e lugares.

Esta geografia se faz neste paradoxo entre um caminhar que se faz conhecido e sempre no fazer com este desconhecido que fala em nós e que nos habita.

Repeti algumas vezes a afirmação: o que vivemos é uma coisa, o registro da experiência vivida é outra, a lembrança do vivido é outra e o dizer também é outra coisa. Da mesma forma repeti uma pergunta: o lugar é idêntico? Então, precisamos nos voltar para a relação entre esta pergunta e aquela afirmação.

Ao final do capítulo anterior fiquei me perguntando sobre que lugar é este que se apresenta nestas terras desconhecidas. Ou dito de outra forma, ao falar sobre lugar, preciso falar sobre o quê? Ou, quais associações estabeleci com a ideia de lugar? Ou, como podemos considerar o lugar na Geografia das terras desconhecidas? Ou ainda, o que se apresenta indissociável ao lugar?

A primeira e mais forte associação foi com a **realidade geopsíquica**. O lugar é constituído e vivido por meio da realidade geopsíquica. Esta realidade está enlaçada com a noção da dobra topológica inspirada em Lacan e na faixa de Möbius. O lugar existe somente na dobra topológica. Vivido nesta dobra, posso nomeá-lo como um lugar geopsíquico. Um lugar que para se fazer, precisa dos processos psíquicos vividos do sujeito e sua relação com o mundo externo. O lugar geopsíquico é a Terra vivida e significada por alguém, o que inclui as dinâmicas terrestres e as dinâmicas psíquicas. **O lugar geopsíquico é constituído e vivido na dobra topológica entre o mundo interno e o mundo externo, com as dinâmicas terrestres e as dinâmicas psíquicas.**

Talvez dizer **lugar geopsíquico** seja redundante, mas não é. Sabemos que o termo lugar é amplamente discutido na Geografia e em outras áreas, e, portanto, não existe um único conceito ou perspectiva que o defina. Neste sentido, se o lugar for compreendido e atrelado à realidade geopsíquica e à dobra topológica, o termo é redundante. Mas se esta compreensão não for uma premissa, será preciso nomeá-lo como lugar geopsíquico para diferenciá-lo de outras perspectivas e definições. Quero dizer que quando pronuncio lugar já o vivo e o considero através da realidade geopsíquica e vivido na dobra topológica, mas se estou me referindo a alguma coisa diferente da sua concepção de lugar, então será preciso dizer lugar geopsíquico. Estamos em terras novas e nomear é apresentar territórios.

Esta concepção de lugar está voltada para o que acontece no mundo externo, no mundo interno do sujeito e nas relações que se dobram entre externo e interno. Então, não se trata de enfatizar exclusivamente os processos psíquicos como se fossem apartados do mundo, mas considerá-los em seu devido peso, intensidade e grau de importância no jogo de forças entre externo e interno. Dessa forma, não há como falar sobre lugar sem considerar o universo psíquico. Neste sentido, a ideia do termo geopsíquico é abarcar as duas dimensões que compõem o lugar: a geográfica e a psíquica.

Ao reler os registros das conversas biográficas alguns pontos foram comuns entre tantas narrativas e destaco dois deles. O primeiro é que o lugar geopsíquico é constituído através das relações significativas que estabelecemos com as pessoas. Neste caso, pessoas com as quais temos um forte vínculo transferencial, tornam-se o lugar. Existe um enlace entre as pessoas e os lugares, então, através da realidade geopsíquica e por meio da transferência a pessoa liga e associa alguém a determinado lugar, fazendo com que, para ela, o lugar se torne a pessoa. Isto incide diretamente no modo como nos deslocamos no mundo, nos lugares onde trabalhamos, onde passeamos, onde almejamos conhecer e lugares que optamos por evitar. Esta incidência recai sobre formas de nos ligarmos à Terra. A transferência é inerente ao humano, é dispositivo de trabalho analítico, mas também incide no modo como nos relacionamos com os lugares geopsíquicos. É por meio da **transferência** que pessoas são associadas aos lugares.

O segundo ponto observado nas conversas biográficas, vou nomeá-lo como **intervalo**. O lugar geopsíquico é constituído no intervalo. É preciso que exista um intervalo. Este intervalo refere-se ao que está entre. Entre o vivido e o enlace

com o lugar. Entre o enlace e a emergência do sentido do lugar para aquele que o vive. Entre o vivido e o registro psíquico. Entre este caminho psíquico e seus deslocamentos e condensações. Entre o esquecer e o lembrar. Entre o viver e o sair. Entre o sair e o voltar. Entre o voltar e não encontrar. Entre o buscar e o perder.

Não há como precisar a qual ou a quanto tempo cronológico que este intervalo se refere. Vimos que uma característica do Inconsciente é sua atemporalidade. Não há equivalência em seu modo de agir em nosso tempo consciente e cronológico. A velocidade com que algo se manifesta ou é recalcado, não é possível de ser mensurada. Mas é neste agir psíquico que o lugar nasce no intervalo. Se serão alguns anos ou alguns instantes, não saberemos. Mas algo precisa ser vivido e interrompido, para que posteriormente outra coisa possa aparecer. O sentido de lugar poderá ser conhecido retroativamente, por ter sido vivido no intervalo. Do mesmo modo a transferência precisa de intervalo para que possa emergir, ser construída e ser vivida sem ser fixa.

As conversas biográficas nos indicam rupturas e buscas por permanência. Neste movimento das pessoas encontramos o intervalo e aquilo que foi interrompido para se tornar outra coisa. Por mais que as pessoas enxergassem um lugar que se presentificava, a ruptura havia se dado e o lugar não era mais o mesmo. **O intervalo nos sinaliza que o lugar não é idêntico.** Esta afirmação se refere aos lugares de cada um e em sua própria vivência. Estes lugares não são idênticos. Duas pessoas no mesmo ponto da superfície terrestre significa cada uma delas vivendo por suas realidades geopsíquicas, então, lugares não idênticos. Mas a afirmação se refere, por exemplo, ao retorno da pessoa a um lugar importante de sua vida ou a lembrança desse lugar. As duas ações indicam que o lugar não é idêntico.

A relação entre a pergunta e afirmação nos mostra que o que vivemos é um lugar, nossos registros psíquicos são da ordem da representação do lugar vivido, nossa lembrança já é uma imagem ligada aos representantes dessa representação e se refere a algo possível de ser lembrado sobre o lugar e, além disso, nosso dizer também se refere ao que a linguagem nos oferece de condições para expressarmos sobre o lugar em sua qualidade de geopsíquico. Ou seja, o lugar não é idêntico.

As pessoas tentam preservar algum registro de suas lembranças por saberem, de alguma forma, que o lugar já não é mais o mesmo. Elas podem optar por ir ao encontro ou evitar determinado lugar, mas o que observo é a tentativa em ajustar o que já não é mais o mesmo. As conversas biográficas revelam uma forte

presença dessa tentativa das pessoas, então, ao me voltar para isto que emergia, me encontrei com outro conceito psicanalítico: objeto.

Segundo Laplanche e Pontalis, existem três aspectos referentes ao conceito de objeto para Psicanálise e vamos nos ater a uma perspectiva e realizarmos uma torção para epistemologia geográfica. A primeira relacionada à pulsão e ao objeto como “aquilo em que e por que esta (*pulsão*) procura atingir sua meta, isto é um certo tipo de satisfação. Pode se tratar de uma pessoa ou de um objeto parcial, de um objeto real ou de um objeto fantasístico” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1997, p.321).

Este objeto pulsional é singular como a história de cada um e pelo modo como cada pessoa se coloca no mundo. Então, existe uma força ligada aos processos psíquicos, que nos move em certa direção. Observe: força movente, certa direção, modo de estar no mundo. Alguma aproximação com o que foi revelado nas conversas biográficas? Esta força que nos impele também nos leva ao movimento para encontrar ou evitar certos lugares. As pessoas não se põem em movimento sem que haja um investimento libidinal ou sem que algo as mova. Esta é mais uma característica da ideia do lugar vivido na dobra: uma força interna que move o sujeito a uma ação no mundo. No entanto, esta não é uma ação aleatória e não necessariamente sabida pelo sujeito. Vimos que as pessoas se moveram em direção aos lugares, mas não sabemos efetivamente os motivos pelos quais esta força os impulsionou.

Retomando o termo *Trieb* apresentado no segundo capítulo, esta é uma força que toca o sujeito em direção a uma meta ligada à satisfação mesmo que substitutiva. Naquele mesmo capítulo refletimos sobre a compulsão à repetição através da qual somos levados a repetir no presente algo que está reprimido inconsciente o que sobrepuja o princípio do prazer. Então, refaço a pergunta: em nossa história com os lugares, é possível estabelecer alguma relação com esta compulsão à repetição?

Se existe uma força que nos move à ação e à satisfação significa que estamos sempre satisfeitos, livres de conflitos e plenos? Não! Ao contrário, sempre encontramos na realidade a impossibilidade de alcançar todas as metas de satisfação. Então, esta energia segue procurando outros caminhos para encontrar seu destino. Uma possibilidade é a sensação de controle do desprazer. Este almejado controle provoca prazer e esta sensação foi observada nas conversas

biográficas em que as pessoas optavam por deslocamentos que as afastavam de determinados lugares, dessa forma, o desprazer era alterado pelo prazer de evitá-lo repetidas vezes. Isto também pôde ser observado em situações ligadas ao sofrimento, à dor e à saudade que são frequentemente revividas na tentativa de afastar o desprazer. Se existe um encadeamento dos lugares, visitar um lugar e lembrar-se de outro lugar ligado ao sofrimento, é uma forma de repetir com a sensação de controle não consciente, algo ligado ao desprazer. Ainda assim, esta ação provoca certa satisfação.

Vimos que os lugares se encadeiam nas narrativas e promovem sobreposição e deslocamentos de sentidos entre si. Nesta forma de ligação, tendemos a repetir buscas por lugares que mantêm relação com nosso universo psíquico. Existe um enlace dos lugares significativos na vida de cada um. Os lugares estão em cadeia e não existe uma escolha aleatória para que um lugar possa ser entrelaçado. O psicanalista Antonio Carlos Rocha diz que “a psicanálise é uma prática e se institui por um discurso que faz laço” (ROCHA, 2010, p. 10). Guardadas as especificidades, o laço entre pessoas e lugares é atravessado pela palavra. Ao ouvir os sujeitos da pesquisa narrarem seus lugares, fui criando laços com lugares que ainda nem visitei, mas a partir das pessoas, seus lugares se presentificaram em minhas narrativas. Ouvir narrativas sobre determinado lugar em que as pessoas evocam outros em seu dizer, também é nos mostrar este enlace dos lugares.

O objeto ligado à história do sujeito também pode apresentar características de um objeto substituto e um objeto de amor ser encarnado em uma pessoa. Geograficamente, fazemos a torção, que esta busca pelo objeto amado pode ser atravessada pela busca de um lugar ligado à pessoa amada. Neste sentido, o objeto pulsional também teria sua torção para lugares que o sujeito é movido ou realiza-se em movimento. As conversas biográficas estão repletas de pessoas amadas e movimentos, mas se o lugar não é idêntico, é possível encontrar o objeto que se busca?

Para Freud (2011 [1920-1923]), a identificação manifesta a ligação afetiva entre duas pessoas e de acordo com alguns casos clínicos, a identificação pode tomar o lugar da escolha do objeto e a escolha pode regredir à identificação. Dessa forma, trata-se de um mecanismo em que alguém pode ou quer se colocar na mesma situação que outra pessoa. Ao realizarmos a torção, geograficamente podemos considerar que, através da identificação as pessoas buscam algo a ser

vivido em determinado lugar. Elas se identificam com uma pessoa e a ligam ao lugar, então este lugar passa a integrar esta relação de busca, de algo almejado. Com esta torção, as conversas biográficas também revelaram que as pessoas se identificam com algo que foi vivido em outro momento de sua vida, então buscam revivê-lo e buscam criar o que acreditam ser a mesma atmosfera. Ainda que as pessoas não procurassem criar conscientemente esta circunstância, algumas indicaram a frustração ao não encontrar o mesmo lugar vivido outrora, assumindo certo estranhamento ou um desajuste entre o vivido e a busca por reviver.

Para Freud (2011 [1920-1923]), a identificação é uma forma de ligação afetiva a um objeto e um exemplo de introjeção do objeto ligado à melancolia. Continuo sem enfatizar elementos patológicos ou clínicos e prosseguirei dessa forma em relação à melancolia. No entanto, a ligação que Freud estabelece entre luto e melancolia nos ajuda a continuar a reflexão sobre o objeto. Em linhas gerais, existe uma associação entre luto e melancolia ligada “à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que ocupa seu lugar, como pátria, liberdade, um ideal, etc.” (FREUD, 2010 [1917], p. 172).

As conversas biográficas revelaram a saudade sentida por algumas pessoas, um saudosismo de outro tempo e outras vivências, a ruptura de algo que foi vivido, a dor da perda ou de imaginar esta perda e a sensação de mudança. Todos estes elementos estão ligados a uma mudança nascida da ruptura e a busca pela permanência. A observação da realidade indica que o “objeto amado não mais existe, e então, exige que toda libido seja retirada de suas conexões com esse objeto. [...]. Geralmente o ser humano não gosta de abandonar uma posição libidinal, mesmo com anúncio do substituto.” (FREUD, 2010 [1917], p. 173). Estamos diante do conceito de objeto perdido.

A identificação reduz o objeto a um traço único, o que é feito ao preço de uma perda. Segundo o princípio de prazer, o aparelho psíquico satisfaz-se com representações agradáveis, mas o princípio da realidade obriga-o a formular um juízo não somente sobre a qualidade do objeto, mas sobre sua presença real. (CHEMAMA, 1995, p. 151-152)

Para Freud (2011 [1925b]), esta capacidade ligada ao exame de realidade tem como meta reencontrar um objeto. Este exame checa as deformações desse objeto perdido que outrora promoveram satisfação. Este encontro com a realidade e aceitação não são fáceis e aos poucos vão sendo vividas do modo como é possível para cada um de nós. A energia investida neste objeto perdido prolonga a sensação de continuidade e permanece na psique. As lembranças e a saudade buscam um encontro com este objeto perdido. As pessoas buscam um reencontro com o lugar.

Experimentamos essa ruptura desde o nascimento e temos a sensação que por meio da linguagem conseguiremos nomear e reencontrar o lugar, mas a linguagem também nos traz outra ruptura. Vimos que dizer sobre o lugar não é idêntico ao lugar, ainda que tudo tenha sido vivido com o sujeito submetido às leis da linguagem. Em cada movimento realizado pelas pessoas havia um investimento libidinal que buscava o lugar perdido. Este objeto perdido nos causa e nos move, então, não nos importa se a pessoa já visitou ou nunca esteve em determinado lugar, existirá o investimento, existirá a perda e existirá o lugar perdido. A forma como o lugar foi narrado nas conversas biográficas nos indica uma busca por lugares plenos, mas a cada ruptura as pessoas se encontravam com a impossibilidade da plenitude do lugar. O objeto foi perdido desde sua constituição, então a falta se coloca para o sujeito. Este sujeito representado pelo significante convive com esta falta causada por esta divisão e se move na busca pelo objeto-lugar perdido.

O intervalo vivido pelas pessoas nos mostrou uma tendência a idealizar este lugar de plenitude, este lugar de encontro como objeto amado, um lugar de reencontro com forças para além do tempo cronológico. Todavia, não é possível encontrar o lugar seja na dimensão da transferência, seja no movimento ou no intervalo. Ele está perdido. Ele é perdido. É claro que muitos efeitos emergiram de cada busca por estes lugares, mas o lugar perdido emoldurou certo tipo de morte do lugar. Uma morte nascida da perda. Uma perda ligada à ruptura. Uma ruptura que diz da impossibilidade de permanência de um lugar. **Um lugar que não é idêntico. Um lugar que é perdido. Um lugar que não existe.**

O lugar está, emerge e existe na linguagem. Ao refazer o caminho dessa Tese, temos lembrado minha preocupação com o vivido, o registro, a lembrança e o narrado. Neste ponto já temos um lugar não idêntico e um lugar que não existe. Este foi outro ponto que me fez buscar a noção de representação em

Freud, encontrar com o significante em Lacan e me encantar pela palavra. Repetia algumas perguntas: a narrativa torna o lugar humano? É no dizer pela palavra que o lugar se constitui? Se a linguagem é do humano, então o lugar se constitui por meio da linguagem? Todas perguntas me fizeram circular por este lugar não idêntico, por este lugar perdido.

O lugar se constitui no depois. No intervalo e retroativamente ou *a posteriori*. Esta constituição pode ser acompanhada no dizer daquele que nos fala. Sua palavra é tecida em significantes, representações e representantes dessas representações. Tyszler (2011) nos recorda o sujeito como efeito do significante e como causado pelo objeto. Somos marcados por significantes e o modo como nos dirigimos aos lugares é atravessado por nosso universo psíquico.

Quando estamos circunscritos *in loco* e no momento da experiência, estamos no lugar geopsíquico, porque estamos em um ponto geográfico da Terra, mas vivendo-o sob nossos signos ou através da realidade psíquica. Dizer que o lugar não existe, não é dizer que ele é mentira, falsidade ou invenção. É dizer que está em outro lugar, está na linguagem. E não está ali como tal, porque dessa forma, não existe.

Vivemos e quando vamos nos lembrar, o lugar é outro. Quando vamos contar a alguém é outro. Quando voltamos ao lugar geopsíquico, é outro. Nunca é idêntico ao que foi vivido. O que foi vivido não é idêntico para quem está ao nosso lado o vivendo também.

Por que voltar ao lugar? Ou por que não querer voltar? Ou por que voltar e não entrar? Ou por que voltar para ver/sentir algo já visto ou sentido? Porque existe uma falta. Existe uma perda. Existe uma busca. Existe um intervalo. Ele não é mais o que foi, é outra coisa e poderá ser outra coisa ainda. Existe um lugar perdido que nos move em terras desconhecidas e que se constitui sempre como incógnitas.

A Geografia das terras desconhecidas considera que tanto a natureza mais íntima do sujeito quanto o maior detalhamento da Terra nos são terras incógnitas. E é nisto que é impossível de se conhecer completamente o lugar que é vivido como dobra. Toda a dificuldade em nos orientarmos frente ao desconhecido poderá ser minimizada pela palavra, mas que como na epígrafe, não nos revelará algo por inteiro. Sempre caminharemos no e com o desconhecido.

O lugar com sua significação está em nossas conversas, nossas lembranças, nossos sonhos e nossas pesquisas, mas quando se apresenta nestes

dizeres, também será remetido a outra coisa e outra e mais outra. Quando nos referimos ao mesmo vocábulo que nomeia determinado lugar, não falamos do mesmo lugar. O lugar não é o mesmo porque toda amplitude do termo realidade geopsíquica o faz único e a cada vez. Uma das riquezas da Geografia é acolher esta pluralidade de lugares para cada um e entre todos nós.

Para exemplificar este universo plural, retomo dois exemplos ligados ao pensamento de Yi-Fu Tuan: um sobre a escala da poltrona como lugar e o outro a ideia da lareira como aconchego. A Geografia das terras desconhecidas considera as diferentes escalas de lugar, como na perspectiva da poltrona, porém, indo ao encontro daquele diante da poltrona para compreendermos três pontos: primeiro o que acontece internamente com o sujeito, segundo as relações de dobra topológica entre externo e interno, terceiro, os efeitos do interno no externo.

O segundo exemplo me fez refletir na pesquisa enquanto observava uma cena. Em um final de tarde com frio chuva avistei Carlos, um homem de aproximadamente 60 anos de idade próximo de um fogão à lenha. Algumas pessoas estavam ao seu redor, mas estavam entretidas em ajustar a intensidade ideal das chamas. Ele não estava neste movimento. Carlos estava sentado e olhando fixamente para o fogo em silêncio. Esperei algum tempo para que não interrompesse aquele momento e depois me aproximei. Ele me disse: *“gosto do fogo. Gosto de ficar olhando para o fogo. Quando me perguntam em que estou pensando... não estou pensando em nada... só olhando para o fogo.... Gosto da atmosfera que ele traz... não sei explicar... mas parece que de repente esse lugar muda, sabe? Sinto que estou aconchegado... sei lá... que tem um aconchego”*.

Durante as conversas biográficas ouvi algumas vezes sobre a atmosfera do lugar. Curiosamente Carlos a encontra quando parece não estar no mesmo lugar que as outras pessoas estão. Como se o lugar se reduzisse ou se ampliasse no fogo, na lareira. Da mesma forma, a ideia de aconchego ou de colo ligada ao lugar, também se singulariza na história de cada um e nos traz um universo de terras desconhecidas. O que Carlos vivia naquela barulhento silêncio? Não saberemos. Mas, no que foi possível de ser dito, aquele era um momento e o lugar em que tinha a sensação de ter encontrado algo que buscava. Com todas as conversas biográficas, é possível afirmar o **dizer como possibilidade de compreensão do humano em sua geograficidade**.

Retomando as máximas apresentadas no primeiro capítulo e me remetendo principalmente ao pensamento de Yi-Fu Tuan, o lugar não pausa o movimento. O lugar nos coloca em movimento. Um lugar nunca nos será inteiramente familiar porque sempre estaremos submetidos às terras desconhecidas do Inconsciente que nos habita. Ele também não será completamente familiar porque somos sujeitos marcados pela falta e pela incompletude. Além disso, as verdades do lugar nunca serão inteiramente conhecidas. O lugar é centro de significado, mas na perspectiva dos significantes, do deslocamento e das condensações. Estabelecemos elos com os lugares e relações topofílicas que são atravessadas por relações transferenciais que nos enlaçam a determinadas pessoas. O lugar não é permanente, mas por deslocamentos e condensações pode se presentificar em outros lugares que se encadeiam e nos oferecem uma sensação de continuidade ou não ruptura.

O lugar se faz e se apresenta por meio de mecanismos psíquicos como a condensação e o deslocamento. Diante de tantas substituições, repetições, representantes, significantes, metáforas e metonímias, o lugar não é idêntico e não existe como original. São muitos enlaces que envolvem os lugares.

Com esta Tese, procurei caminhar com alguns de meus antecessores com quais estabeleço forte vínculo transferencial e me aproximar ou encontrar respostas sobre questionamentos nascidos antes e no próprio processo de caminhada. Foram muitos enlaces, cortes e intervalos que me conduziram neste caminho e, ao final desta etapa, é possível afirmar que o **lugar, em todos seus afetos e significância, é vivido através da realidade geopsíquica**. Com o lugar **geopsíquico**, nosso exercício é incorporar a dobra topológica dos mundos pessoais e do mundo externo ao conhecimento geográfico pensado epistemologicamente com as contribuições da Psicanálise.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A intuição do instante**. Campinas: Verus, 2010.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BESSE, Jean-Marc. Geografia e Existência: a partir da obra de Eric Dardel. In: DARDEL, Éric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 111-140.
- BONDI, Liz. Psychotherapy/Psychotherapeutic Geographies. IN: KITCHIN, R.; THRIFT, N. (orgs.) **International Encyclopedia of Human Geography**. Amsterdam: Elsevier, 2009. pp. 495–500.
- BONDI, Liz. Stages on Journeys: Some Remarks about Human Geography and Psychotherapeutic Practice. **The professional geographer**, v. 51, n. 1, p. 11-24, 1999 (a).
- BONDI, Liz. Small steps: a reply to commentaries on 'Stages on Journeys'. **The Professional Geographer** v. 51, n.3, p. 465–468, 1999 (b).
- CALLARD, Felicity. The taming of psychoanalysis in geography. **Social & Cultural Geography**, v. 4, n. 3, p. 295-312, 2003.
- CARNEIRO, Geraldo. Turista de quinta. **Ela** -O Globo, Rio de Janeiro, 06 ago. 2017, p. 8.
- CESAR, Constança Marcondes. **Bachelard: ciência e poesia**. São Paulo: Paulíneas, 1989.
- CHEMAMA, Roland. **Dicionário de Psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda, 1995.
- CHRISTOFOLETTI, Antonio (org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982. 318p.
- COLLIN, C; BENSON, N.; GINSBURG, J.; GRAND, V.; LAZYAN, M.; WEEKS, M. **O livro da psicologia**. São Paulo: Globo, 2012. p. 96
- COSGROVE, Denis. Review: Cosmos and Hearth: A Cosmopolite's Viewpoint by Yi-Fu Tuan. **Transactions of the Institute of British Geographers**, Vol. 22, nº. 1, 1997, pp. 138- 140.
- DAL GALLO, Priscila Marchiori; MARANDOLA JR., Eduardo. O pensamento heideggeriano na obra de Eric Dardel: a construção de uma ontologia da Geografia como ciência existencial. **Revista da ANPEGE**, v. 11, n. 16, p. 173-200, 2015.
- DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DAVIM, David Emanuel Madeira. Resenha: O Homem e a Terra: Natureza da Realidade Geográfica. **Revista da Abordagem Gestáltica** - Phenomenological Studies – XXII (2): 245-246, jul-dez, 2016.

DE PAULA, Fernanda Cristina. **Resiliência encarnada do lugar: vivência do desmonte na Linha (Brasil) e em Mourenx (França)**. 2017. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Estadual de Campinas, 2017. 157f.

DIAS, Juliana Maddalena Trifilio. A cidade através dos sentidos: experiências espaciais mediadas e a noção de favelas em crianças. IN: MIRANDA, Sonia Regina; SIMAM, Lana Mara Castro. **Cidade, Memória e Educação**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2013. Cap. 7, p. 167-192.

DIAS, Juliana Maddalena Trifilio. Direitos de Aprendizagem em Geografia: o lugar em sua potência. **Educação em Foco: revista de educação da UFJF**. Juiz de Fora, Edição Especial, fev. 2015. 386p. 203-220.

DIAS, Juliana Maddalena Trifilio. Memória e lugar: entre a noção de indissociabilidade espaço-tempo e a reflexão sobre a experiência geográfica. **Geograficidade**, v. 8, n. 2, Inverno de 2018. p. 161-173, 2018.

DIAS, Juliana Maddalena Trifilio; MIRANDA, Sonia Regina. Notas sobre espaço, lugar e identidades territoriais em espaços de formação de professores. **Instrumento-Revista de Estudo e Pesquisa em Educação**, v. 17, n. 2, 2015. p. 223-236.

DIAS, Juliana Maddalena. **Crianças e Favelas: Percepções, Mediações e Sentidos**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010. 290f

DOR, Joël. **Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem** – volume 1. Trad. Carlos Eduardo Reis. Porto Alegre: Artes Médica Sul, 1989.

ENTRIKIN, J. Nicholas. Review Cosmos & Hearth: A Cosmopolite's Viewpoint. by Yi-Fu Tuan. **Annals of the Association of American Geographers**, vol. 88, no. 1, 1998, pp. 176–178.

ERNST, Bruno. **Der Zauberspiegel Des Maurits Cornelis Escher**. Berlim: Taco, 1986.

FLANZER, Sandra Niskier. **A pa-lavra**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2010.

FREUD, Sigmund. **Projeto para uma psicologia científica**. [1895] (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 1). Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Carta 52**. [1895] (Edições Estandart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. [1900] – volume 1. Porto Alegre: L&PM, 2016.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. [1901] – volume 2. Porto Alegre: L&PM, 2016.

FREUD, Sigmund. **Cinco lições de psicanálise**. [1910]. (Edição Cia das Letras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 9). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FREUD, Sigmund. **Algumas observações sobre o conceito de inconsciente.** [1912a]. (Edição Cia das Letras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 10). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **A dinâmica da transferência.** [1912b]. (Edição Cia das Letras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 10). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Recomendações ao médico que pratica a psicanálise.** [1912c]. (Edição Cia das Letras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 10). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **O interesse a Psicanálise.** [1913]. (Edição Cia das Letras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 11). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREUD, Sigmund. **Contribuição à história do movimento psicanalítico.** [1914a]. (Edição Cia das Letras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 11). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREUD, Sigmund. **Recordar, repetir e elaborar.** [1914b]. (Edição Cia das Letras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 10). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Inconsciente.** [1915a]. (Edição Cia das Letras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 12). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Repressão.** [1915b]. (Edição Cia das Letras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 12). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Observações sobre o amor de transferência.** [1915c]. (Edição Cia das Letras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 10). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Conferências introdutórias à Psicanálise.** [1916-1917a]. (Edições Cia das Letras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 13). São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. A transferência. In: **Conferências introdutórias à Psicanálise.** [1916-1917b]. (Edições Cia das Letras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 13). São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia.** [1917]. (Edição Cia das Letras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 12). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer.** [1920]. (Edição Cia das Letras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 14). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do Eu.** [1920-1923]. (Edição Cia das Letras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 15). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. **O Eu e o Id**. [1923]. (Edição Cia das Letras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 16). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. **Resumo da psicanálise**. [1924]. (Edição Cia das Letras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 16). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. **Autobiografia**. [1925a]. (Edição Cia das Letras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 16). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. **A negação**. [1925b]. (Edição Cia das Letras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 16). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. **Novas Conferências introdutórias à Psicanálise**. [1933]. (Edição Cia das Letras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 18). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GALVÃO FILHO, Carlos Eduardo Pontes. Da geosofia como geografia cordial: a obra de Josué de Castro como insurreição ontológica. **Geograficidade**, v. 8, n. 2, Inverno de 2018. p. 122-138, 2018.

GUERRA, Gisele Lopes. **Ser ou não ser: o estudante de Geografia e suas escolhas profissionais à luz da Psicanálise**. Dissertação de mestrado, 2010, Uerj.

GUERRA, Gisele Lopes. Tornando-se professor de Geografia: o papel das experiências discentes. In: **IV Congresso Internacional Educação e Contemporaneidade**, 2010.

GUIMARÃES, Leandro Buzzo Mourão. Construção do lugar geográfico de alunos com transtorno do espectro autismo em instituições públicas de ensino: contribuições da psicanálise. **Geografia em Atos** (Online), v. 2, n. 2, p. 11, 2015.

HALL, Calvin S. **A primer of Freudian psychology**. New York: New American Library, 1954.

HANNS, Luiz Alberto. **Dicionário comentado do alemão de Freud**. Imago, 1996.

HOLZER, Werther. **A Geografia Humanista: sua trajetória 1950-1990**. Londrina: Eduel, 2016.

JELLIS, THOMAS. Book review – Psychoanalytic Geographies. **Social & Cultural Geography**, volume 16 (8), p. 992-994, 2015.

JONES, Ernest. **A vida e a obra de Sigmund Freud**. Os anos de formação e as grandes Descobertas, 1856-1900. v 1. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1989a.

JONES, Ernest. **A vida e a obra de Sigmund Freud**. A maturidade, 1901-1919. v 2. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1989b.

JONES, Ernest. **A vida e a obra de Sigmund Freud**. Última fase, 1919-1939. v 3. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1989c.

JOHNSTON, Kenneth G. Hemingway and Freud: The Tip of the Iceberg. **The Journal of Narrative Technique**, v. 14, n. 1, p. 68-73, 1984.

KINGSBURY, Paul. The extimacy of space. **Social & Cultural Geography**, v. 8, n. 2, p. 235-258, 2007.

KINGSBURY, Paul & PILE, Steve (orgs). **Psychoanalytic Geographies**. Burlington, VA: Ashgate, 2014.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud, 1953-1954**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 3: as psicoses, 1955-1956**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente, 1957-1958**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 7: a ética da psicanálise, 1959-1960**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 8: a transferência, 1960-1961**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 9: a identificação, 1961-1962**. Trad. Ivan Corrêa e Marcos Bagno. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, 1964**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean Bertrand. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e imaginação. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982, p. 103-141.

LOWENTHAL, David. Geography, experience, and imagination: towards a geographical epistemology. **Annals of the association of american geographers**, v. 51, n. 3, p. 241-260, 1961.

LOWENTHAL, David. **The past is a foreign country – Revisited**. Cambridge, Cambridge University Press, 2015.

MANDELA, Nelson Rolihlahla. **Um longo caminho para a liberdade**. Lisboa: Planeta Manuscrito, 2012.

MARANDOLA JR., Eduardo; DE PAULA, Fernanda Cristina; PIRES, Maria Conceição Silvério. Diários de campo: aproximações metodológicas a partir da experiência metropolitana (Campinas e Santos). **Novas metrópoles paulistas: população, vulnerabilidade e segregação**. Campinas: Nepo/Unicamp, 2006, p. 459-491.

MARANDOLA JR., Eduardo José. **Habitar em risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana**. São Paulo: Blucher, 2014.

MARANDOLA JR., Eduardo José. Topofilia: um clássico geográfico. **GEOGRAFIA**, Rio Claro, v. 38, n. 2, p. 423-428, mai./ago. 2013.

MARANDOLA JR., Eduardo José. Prefácio à edição brasileira. In: DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

MARTINS, Alexandre Luís Ponce; PRESTES, Vivian Rafaella. Mobilidade e xenofobia: considerações da geografia à psicanálise. **Revista Percursos**, v. 9, n. 1, p. 25-39, 2017.

MASSON, Jeffrey Moussaief. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

PADUA, Leticia Carolina Teixeira. **A geografia de Yi-Fu Tuan: essências e persistências**. 2013. Tese (Doutorado em Geografia Física) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PHILO, Chris; PARR, Hester. Introducing psychoanalytic geographies. **Social & Cultural Geography**, v.4, 2003, p.283–293.

PILE Steve. **The Body and the City: Psychoanalysis, Subjectivity and Space**. Londres, Routledge, 1996.

PILE, Steve. For a geographical understanding of affect and emotions. **Transactions of the Institute of British Geographers**, 36(4) pp. 603–606, 2011.

PILE, Steve. Human agency and human geography revisited: a critique of ‘new models’ of the self. **Transactions of the Institute of British Geographers**, p. 122-139, 1993.

PILE, Steve. Practising interpretative geography. **Transactions of the Institute of British Geographers**, p. 458-469, 1991.

PILE, Steve. Where is the subject? Geographical imaginations and spatializing subjectivity. **Subjectivity**, v. 23, n. 1, p. 206-218, 2008.

PILE, Steve. Freud, dreams and imaginative geographies. IN: ELLIOTT, Anthony. **Freud 2000**. Polity Press, 1998.

PILE, Steve. Intimate distance: the unconscious dimensions of the rapport between researcher and researched. **The Professional Geographer**, 62(4) pp. 483–495, 2010.

PILE, Steve. **Real cities: modernity, space and the phantasmagorias of city life**. Sage: London, Thousand Oaks, CA and New Delhi, 2005.

PILE, Steve; THRIFT, Nigel J. (orgs.). **Mapping the subject: geographies of cultural transformation**. Psychology Press, 1995.

PINCHEMEL, Philippie. Biografia de Éric Dardel. In: DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 155-159.

RELPH, E. Reflexões sobre a emergência, aspecto e essência de lugar. In: MARANDOLA JR, E. & HOLZER, W. & OLIVEIRA, L.(orgs.) **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012. p.17-31.

RICOEUR, Paul. **A Memória, a História, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. **Escritos e conferências 1: em torno da Psicanálise**. São Paulo, Loyola: 2010.

RICOEUR, Paul. **Da interpretação: ensaio sobre Freud**. Rio de Janeiro, Imago: 1977.

ROCHA, Antonio Carlos. Apresentação. In: FLANZER, Sandra Niskier. **A pa-lavra**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2010.

SARAMAGO, L. O pensamento do lugar em Heidegger. In: MARANDOLA JR., E. & HOLZER, W. & OLIVEIRA, L.(orgs.) **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012. p.193-225.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Trad. Antonio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012.

SIBLEY, David. **Geographies of exclusion**. London: Routledge. 1995.

SIBLEY, David. Geography and psychoanalysis: tensions and possibilities. **Social & Cultural Geography**, v. 4, n. 3, p. 391-399, 2003.

SMITH, David M. **Human Geography: A Welfare Approach**. Londres: Edward Arnold, 1977.

TORRES, Rozalia Brandão. Da Psicanálise à Geografia: o uso da associação livre para o estudo das Representações Sociais sobre os areais do SW do Rio Grande do Sul. In: 12 Encuentro de Geógrafos de América Latina, 2009, Montevideo. **Anais do 12 Encuentro de Geógrafos de América Latina**, 2009.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar – a perspectiva da experiência**. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: EDUEL, 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar – a perspectiva da experiência**. Trad. Livia de Oliveira. Rio Claro: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. Place: an experiential perspective. **Geographical review**, p. 151-165, 1975.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Eduel, 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Yi-Fu. **Cosmos and hearth: A cosmopolite's viewpoint**. University of Minnesota Press, 1996.

TYSZLER, Jean Jacques. As metamorfoses do objeto. Clínica da pulsão, da fantasia e da letra. **Revista Tempo Freudiano**. Nº9, setembro, 2011.

WRIGHT, John K. Terrae incognitae: o lugar da imaginação na geografia/Terrae incognitae: the place of the imagination in geography. **Geograficidade**, v. 4, n. 2, p. 4-18, 2014.

WRIGHT, John K. Terrae incognitae: The place of the imagination in geography. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 37, n. 1, p. 1-15, 1947.